

REVISTA DA SEMANA



28-7-45
Nº 30

CR \$
1,50
EM TODO
O BRASIL



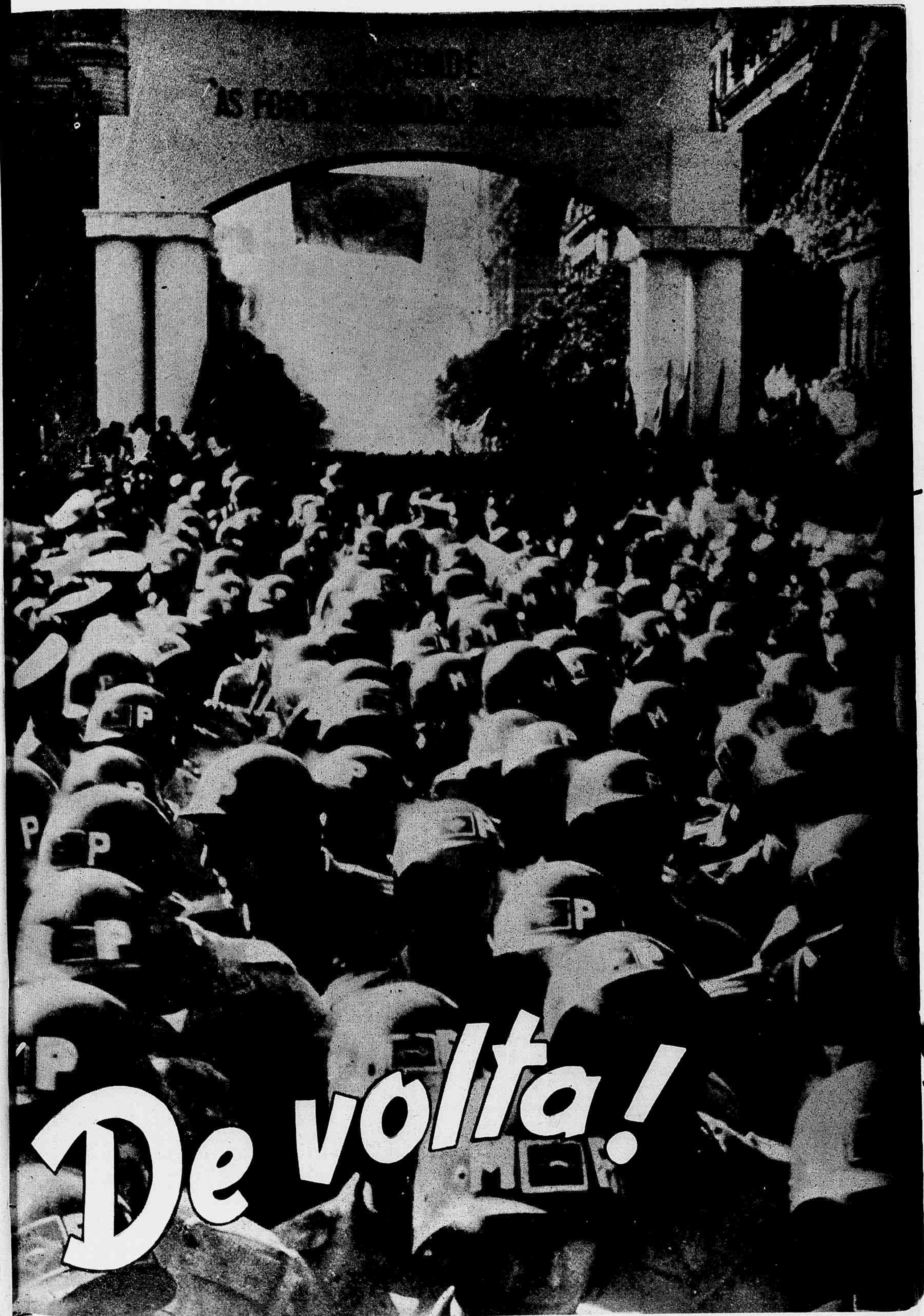
JOCKEY CLUB MUNDANO

No decorrer da reunião turfística de domingo último no Hipódromo da Gávea a nossa reportagem fotográfica, enquanto as graciosas aficionadas do nobre esporte passeavam pela "pelouse" ou assistiam entusiasmadas aos lances emocionantes das carreiras, colheu os sugestivos flagrantes que aqui reproduzimos.

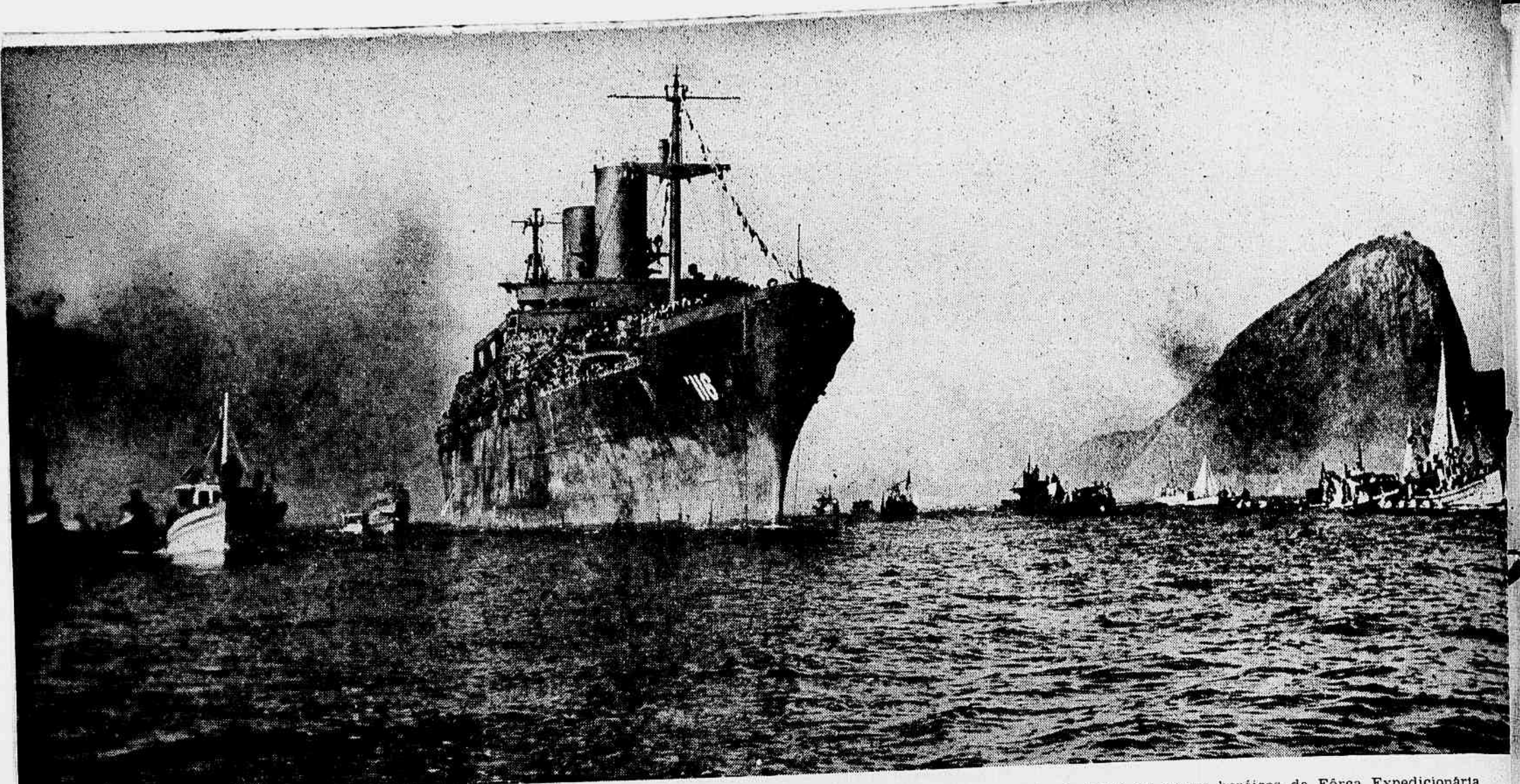


ANO

no Hipó-
to as gra-
elouse" ou
ras, colheu



De volta!



O "General Meigh" entra na Guanabara conduzindo os nossos vitoriosos pracinhas de regresso do "front". Desde a entrada da barra os nossos heróicos da Fôrça Expedicionária Brasileira receberam as homenagens dos que ficaram. O navio-transporte que os trouxe de regresso aqui aparece entre uma grande quantidade de embarcações de todos os feitios e categorias, que o escoltaram através das águas da baía.

Um heróico soldado brasileiro, após meses de ausência passados no rigor do clima piemontês, entre o frio cortante e os obuses inimigos, recebe o carinhoso beijo materno. Todos estão alegres com o regresso dos seus, que já não são entes queridos dos seus parentes, mas irmãos de todos os brasileiros.

Tão pronto desembarcaram os pracinhas receberam as mais convincentes demonstrações de carinho da população carioca. Na foto abaixo vemos um heróico pracinha mitigando a sede. Com as mãos ocupadas, êle bebe de um copo que lhe é oferecido por uma gentil senhorita. Este é um flagrante sugestivo da confraternização do povo com os soldados.



O Pres interior de aba

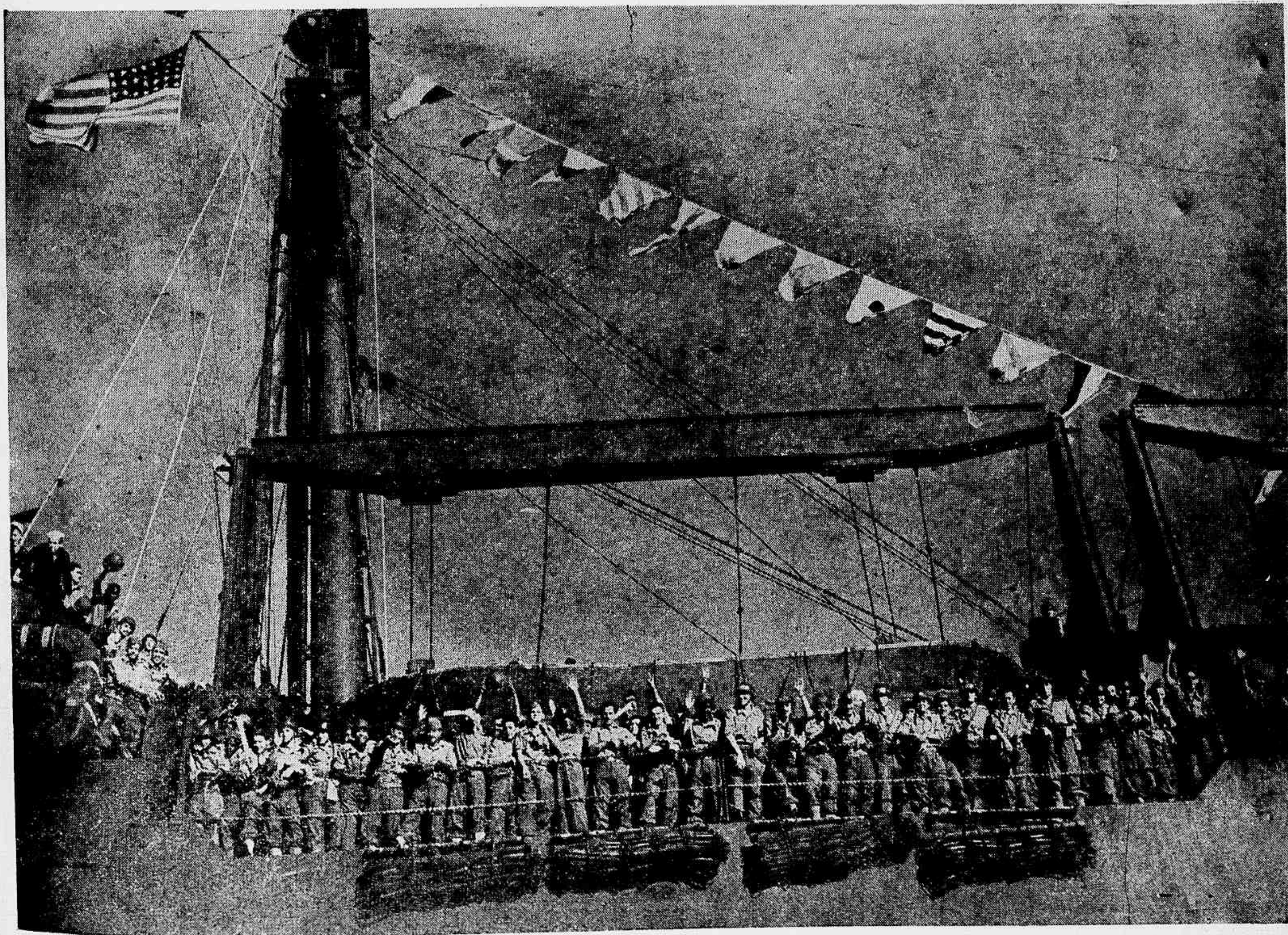
Antes heróis



O Presidente da República, em companhia de altas autoridade civis e militares, visita o interior de uma cantina ambulante da Fôrça Expedicionária Brasileira. O material rodante de abastecimento da F. E. B. era todo composto das mais modernas máquinas de fabricação americana eficiente e confortável.

Um pracinha, logo após desembarcar do "General Meigh", antes de tomar parte no desfile da vitória, recebe das mãos de uma samaritana da Legião Brasileira de Assistência a sua refeição matinal. Ao fundo aparece uma cantina ambulante da Fôrça Expedicionária Brasileira que serviu na Itália.

Antes do desembarque do primeiro escalão da Fôrça Expedicionária, conseguiu a nossa reportagem fotográfica obter este flagrante, onde se pode ver os pracinhas brasileiros, heróis de Monte Castelo e de Castelnuovo, na coberta do navio-transporte americano "General Meigh", em águas da Guanabara. Após uma longa e dolorosa ausência, que marcou a epopéia de muitas vitórias, os bravos acenam alegremente para a terra pátria.



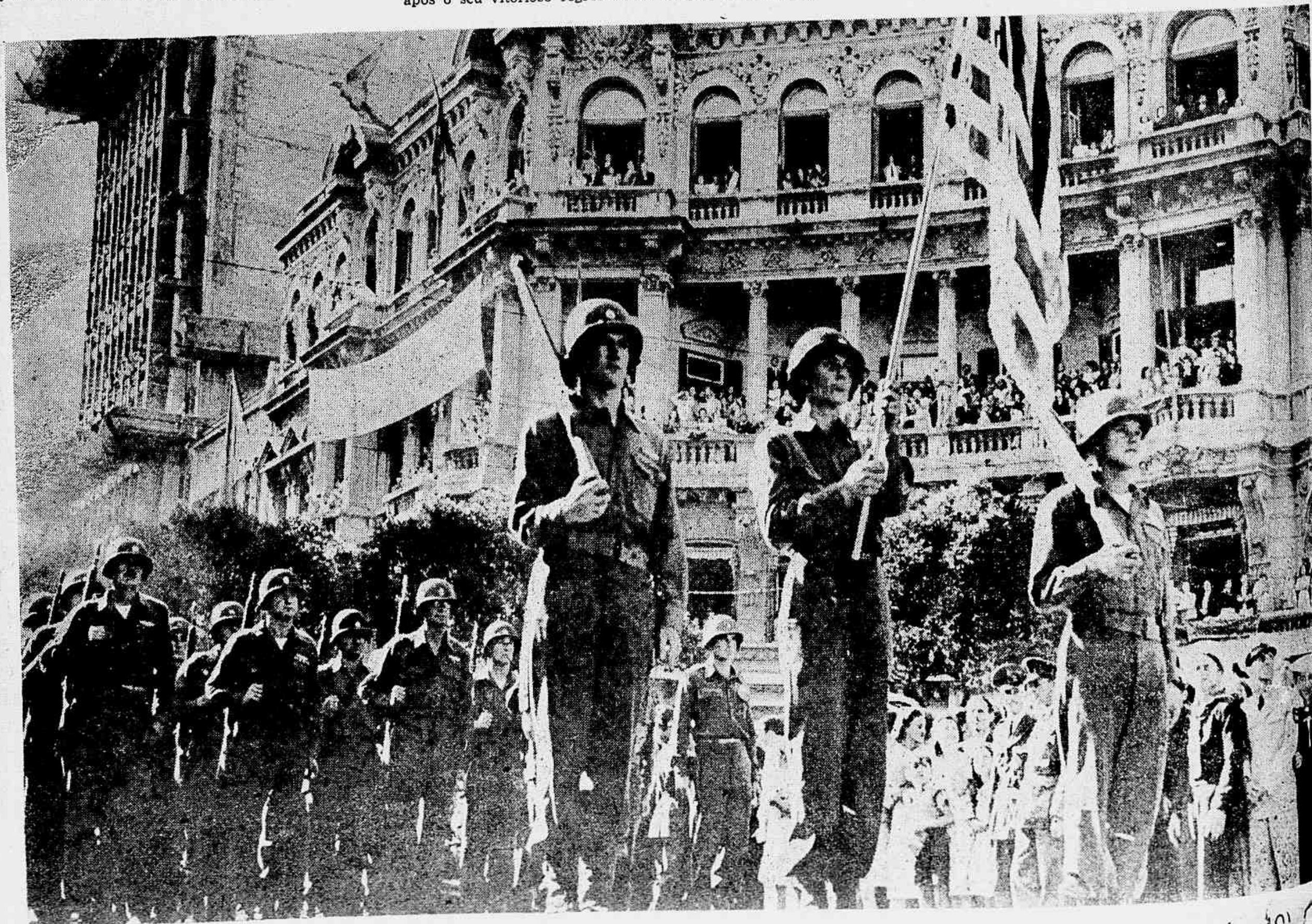
(Continua)



A frente da Divisão de Infantaria Expedicionária, o general Zenobio da Costa desfilou também em um "jeep", trajando o uniforme de campanha e coberto pelo capacete de aço. O comandante expedicionário foi vivamente aclamado pela multidão que se comprimia na avenida Rio Branco. Esta foto nos mostra o general Zenobio da Costa quando passava entre as alas formadas da massa popular.

O povo não se conteve dentro do cordão de isolamento e avançou para o meio da rua, confraternizando-se com os pracinhas. Eles desfilaram então como lhes permitia as condições do momento. Aqui vemos um contingente de bravos soldados esperando uma "vaga" para varar a multidão.

A testa da coluna marchava a primeira linha garbozamente, em coluna por nove. Logo em seguida ao Pavilhão Nacional a Bandeira Americana aparecia, conduzida por um oficial do Quinto Exército. Na foto vemos o pavilhão das 48 estrélas escoltado por guarda-bandeiras americanos. Logo atrás os primeiros pracinhas que desfilaram pela avenida Rio Branco, após o seu vitorioso regresso dos campos de batalha da Itália.



NESTE NUMERO

ANO XLVI --- N.º 30 --- 28-7-945

REPORTAGENS

De volta!	3/6 e	10/12
O comício da U. D. N. em Belo Horizonte		13
A imagem da Aparecida na Praça da Sé		14/15
O comício de Luiz Carlos Prestes no Pacaembú		16/17
Figuras e Fatos		35

LITERATURA

O último livro (Alphonse Daudet)		23
Manoel da Cunha Silva (Escragnolle Doria)		26
Uma criatura honesta (Mary Wilkins)		30/31
As joias de Lord Ilcombe (Edgar Wallace)		34
Livros Novos		36/37

FEMININAS

Nos Bastidores Femininos		27
Modelos da Semana		28/29
Outros Modelos		44 e 55

SECÇÕES

Aconteceu no Rio		21
Música e Cinema		24/25
Artes Plásticas		32
A REVISTA em Hollywood (Luiz Serrano)		33
De Rádio		46

CARICATURAS

"Charge" de Luiz Sá		9
De Bom Humor		22
"Charge" de Raul		52

TEATRO

"Zé do Pedal"		18/20
---------------	--	-------

NOVELA

"Ressurreição" (Jesy Barbosa)		53/54
-------------------------------	--	-------

EXTRA

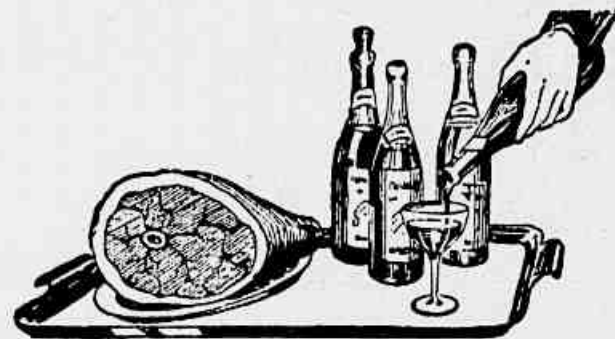
Os concursos literários da REVISTA		9
------------------------------------	--	---

NOSSA CAPA

Greer Garson, a sempre lembrada intérprete de "Rosa de Esperança" e "Madame Curie", está hoje na sobrecapa da REVISTA, em um de seus mais recentes retratos. A ilustre contratada da Metro vai reaparecer em um filme no qual fará também sua "entrée" cinematográfica o ator Clark Gable, motivo porque seu nome fica ainda em maior evidência. Neste número os leitores vão encontrar ampla e variada reportagem sobre os grandes acontecimentos nacionais destes últimos dias. A apoteose que foi o desembarque dos Expedicionários e sua gloriosa passagem pela Avenida, estão fixadas em várias páginas, bem como os comícios políticos do momento: Luiz Carlos Prestes no Pacaembú, Eduardo Gomes em Belo Horizonte e Congregação Religiosa em São Paulo. Nossa reportagem dividiu-se por todos os setores onde ocorreram fatos que era preciso levar ao conhecimento do público, e aqui estão, num denodado esforço de nossa redação, os flagrantes fotográficos dessas grandes ocorrências da semana. Se a REVISTA DA SEMANA é, de fato, uma súpula das sensações de cada sete dias, elas aqui estão reunidas, numa única e variada edição que atesta o esforço da nossa reportagem.



Comer Muito! Beber Demais!



Todas as vezes que praticar alguma imprudência ou extravagância, comer demais, beber muito vinho, muita cerveja, licor ou outra qualquer bebida alcoólica, para não ter indigestão ou outro desarranjo do estômago e intestinos, convém muito tomar à noite, quando fôr dormir, duas ou três colheres (das de chá) de **Ventre-Livre** em meio copo de água.

Quem costuma ter indigestões, perturbações do Estômago e fermentações tóxicas dos intestinos, e não se trata, está arriscado a sofrer de doenças mais graves, porque essas substâncias infectadas invadem o sangue e afetam todo o organismo, causando grande mal aos nervos e prejudicando as funções do fígado, baço, coração, rins, etc.

Para evitar esses sofrimentos, tenha o seu estômago e intestinos sempre bem limpos e bem tonificados, usando **Ventre-Livre**.

Use Ventre-Livre

Ventre-Livre é o remédio de confiança para tratar a prisão de ventre e suas consequências: falta de apetite, gosto amargo na boca, mau hálito, vontade exagerada de beber água, vômitos causados pela indigestão, arrêtos, gases, dores, cólicas, fermentações e peso no estômago, dores, cólicas e inflamação intestinal produzida pela demorada retenção de resíduos pútridos e tóxicos dentro dos intestinos.

Olhe

Ventre-Livre não é purgante.

Ventre-Livre é um vigorizador das camadas musculares dos intestinos e exerce uma ação muito salutar sobre a mucosa do estômago e as funções do fígado.

Por esta razão, **Ventre-Livre** faz sempre muito bem!

Use Ventre-Livre

Não esqueça nunca:

Ventre-Livre não é purgante

Aconteceu...

HÁ 38 ANOS

A REVISTA DA SEMANA de 24 de fevereiro de 1907 noticiava a chegada a Paris do cidadão inglês W. Stead, que ninguém sabe hoje quem fôsse.

Esse homem era então considerado em Paris como um raro fenômeno, protótipo da honestidade e do desprendimento, por isso que ele acabava de abrir mão de uma fortuna de meio milhão de esterlinas, que lhe havia sido legada em testamento pelo milionário Cecil Rhodes, de Capetown. Este o tornara seu herdeiro, em virtude da velha amizade que os unia há muitos anos, consolidada pelos pontos de vista idênticos que tinham ambos em matéria de filosofia e de política.

Tudo corria bem e Stead com a morte do amigo entraria por certo na "bolada", se não arrebatasse a guerra dos boers. Indignado com o procedimento da Grã-Bretanha, esse inglês de fibra, através da imprensa e de conferências, encetou uma forte campanha contra as ações bélicas, de caráter tipicamente imperialista, empreendidas pelas forças do Reino Unido contra o pequeno povo batavo. Aconteceu porém que Rhodes seguia a política de Sua Majestade. Discutiu com o amigo, tentando demovê-lo de sua ideia de defender os boers. Este, honesto e intransigente, manteve-se firme. Surgiu um forte desentendimento entre os velhos companheiros. Stead continuava a condenar o procedimento inglês. Foi procurado por Chamberlain (tio do tal de Munich), que lhe pediu desistisse da campanha. Mais uma vez o homem mostrou-se irredutível. Defenderia os boers até a morte. E continuou a "marretar" o velho Chamberlain pela imprensa.

Rhodes, indignado com a teimosia do amigo, declarou publicamente o rompimento com ele e, ato contínuo, rasgou o testamento que o tornaria rico. Stead já esperava por isso. Sabia que a sua luta seria ingrata, que perderia tudo, inclusive os amigos. Mas não se deu por vencido. Sua consciência lhe dizia que era belo combater pelas causas perdidas. Continuou a batalhar. Quando em 1907 se instalava a Conferência de Haya, tomou passagem para a Europa, afim de se bater pela ideia do arbítrio de terceiros em questões internacionais. Também Ruy se bateu por isso. Era uma causa justa e a ideia saiu vitoriosa.

Muito depois da morte do homem que perdeu meio milhão de libras por ser partidário dos boers, muito depois da Conferência de Haya foi que apareceram Hitler e Mussolini. O arbítrio passou a ser feito pelos descendentes de Chamberlain. Mas Ruy e Stead fizeram o que podiam.

Um - calçado da moda para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 - RIO

(Dos jornais)
"Os barbeiros aumentaram a tabela de
preços: barba, Cr\$ 2,00; cabelo, Cr\$ 8,00."



— Meu Deus, o Homem das Cavernas...
— Não é não, querida! É o Maurício que resolveu fazer greve...

A "Revista da Semana" institui um grande certame literário

Um concurso de teatro com Cr\$ 10.000,00 de prêmio ao autor da peça classificada em 1.º lugar, oferecido pelo Clube Ginástico Português — Um concurso permanente de contos que a REVISTA DA SEMANA publicará — Um concurso de romances — PRÊMIOS "APOLONIA PINTO", "AURELIANO MACHADO" e "REVISTA DA SEMANA" — As bases das três grandes provas — Outros detalhes.

Como noticiámos amplamente em nosso número de aniversário, que circulou a 30 de junho último, a REVISTA DA SEMANA instituiu um triplo concurso literário, destinado a estimular os valores novos das letras nacionais, oferecendo-lhes uma oportunidade para a consagração definitiva de seus trabalhos, através um certame de larga repercussão e altamente compensador para os concorrentes, mormente para aqueles que pretendam se iniciar na carreira das letras.

Esses concursos têm como objetivo primordial o enriquecimento das letras pátrias, com o aparecimento de novos valores aos quais sejam dadas possibilidades de aparecer e vencer, pondo assim a literatura brasileira em dia com a evolução das teorias e das idéias que hoje agitam os grandes centros industriais.

Dividimos assim o nosso certame em três concursos distintos: um destinado a selecionar peças teatrais, outro a contos, e

o terceiro, finalmente, a romances, compreendendo-se em princípio, que para concorrer aos prêmios relativos a qualquer dessas competições intelectuais os candidatos devem apresentar trabalhos inéditos.

Deve ficar ainda patente que de qualquer dos três concursos só poderão participar autores brasileiros natos, por isso que os mesmos têm o fim imediato de desenvolver valores patricios e amparar vocações artísticas das novas gerações do Brasil.

Repetimos abaixo as bases dos concursos, que têm como patronos o saudoso jornalista Aureliano Machado, que dirigiu durante longo tempo o nosso semanário, para os prêmios destinados aos contos; a atriz dramática Apolonia Pinto, para o concurso de peças teatrais; e a REVISTA DA SEMANA para o de romances.

CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS

"PRÊMIO AURELIANO MACHADO"

DE TRES EM TRES MESES, SELEÇÃO DE DOZE CONTOS LITERÁRIOS QUE SERÃO PUBLICADOS NAS PÁGINAS DA "REVISTA" — TEMAS DE PREFERÊNCIA BRASILEIROS MAS TAMBÉM GENERALIZADOS — UMA OPORTUNIDADE PARA OS NOVOS — CR\$ 100,00 PARA O AUTOR DE CADA CONTO PUBLICADO.

A REVISTA DA SEMANA institui também, neste número, um Concurso Permanente de Contos Literários, mediante as seguintes bases:

- 1) O prazo para o primeiro concurso será de 90 dias, expirando, portanto, a 30 de setembro.
- 2) Os originais deverão vir datilografados em espaço dois, em folhas de papel formato ofício, num mínimo de três e máximo de cinco páginas.
- 3) O assunto dos contos ficará a critério e escolha do autor, exigindo-se, todavia, ENREDO, ESTILO E UNIDADE DE AÇÃO no relato da história, podendo inscrever-se autores inéditos ou já publicados.
- 4) Os originais devem ser enviados com todos os esclarecimentos do autor — nome, endereço, etc. — para Celestino Silveira, Redator-Secretário da REVISTA DA SEMANA — rua Visconde de Maranguape 15, Rio de Janeiro.
- 5) A seleção dos 12 contos, uma vez terminado o prazo do primeiro trimestre, será feita pela redação da REVISTA DA SEMANA. Os originais premiados serão publicados durante os três meses seguintes, e os rejeitados ficarão à disposição dos remetentes, na redação da REVISTA.
- 6) Cada conto premiado, uma vez publicado, facultará ao seu autor o recebimento de Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros), pagos na administração da REVISTA.
- 7) Os contos ficarão de propriedade dos autores, a quem é facultado o direito, posteriormente, de publicá-los onde entenderem; todavia, compreende-se que só serão aceitos originais inéditos.
- 8) Os autores poderão usar pseudônimo, se assim desejarem.
- 9) O Concurso Permanente de Contos terá como patrono o antigo diretor da REVISTA DA SEMANA e demais publicações da Companhia Editora Americana, o saudoso jornalista Aureliano Machado.
- 10) Automaticamente, em 1.º de Outubro, será iniciado o 2.º Concurso de Contos, que terá assim, sempre, etapas de três em três meses, de modo a ser publicado semanalmente e com regularidade, mais tarde, um conto premiado.

CONCURSO DE PEÇAS DE TEATRO

"PRÊMIO APOLONIA PINTO"

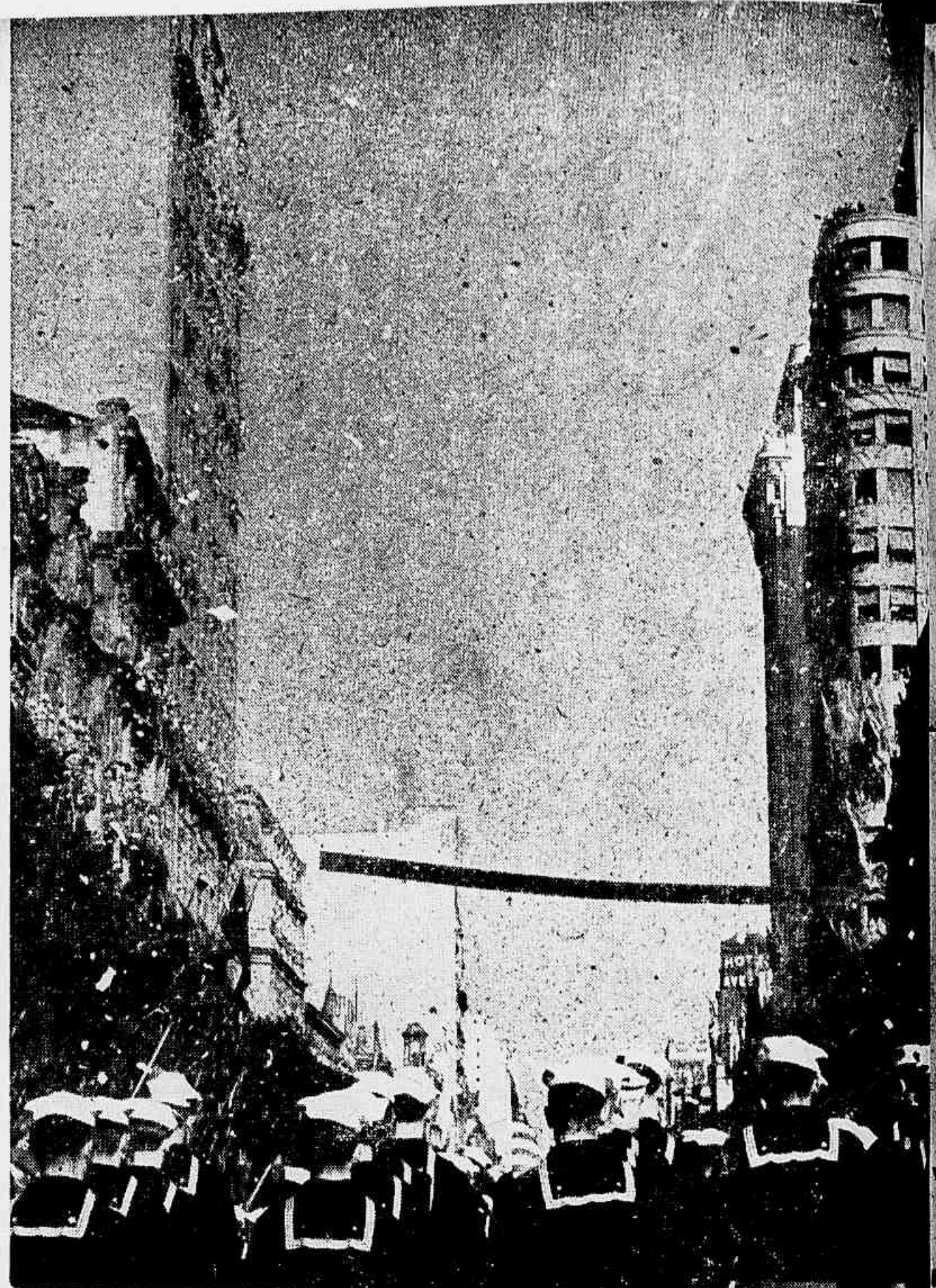
CR\$ 10.000,00 PARA O PRIMEIRO CLASSIFICADO, OFERTA DO CLUBE GINÁSTICO PORTUGUÊS — REPRESENTAÇÃO DAS PEÇAS COLOCADAS EM 2.º E 3.º LUGARES PELA ESCOLA DRAMÁTICA DA MESMA INSTITUIÇÃO — AS PEÇAS CONTINUARÃO PERTENCENDO EXCLUSIVAMENTE AOS AUTORES.

- 1) Fica instituído o Concurso de Peças de Teatro, para a conquista do "PRÊMIO APOLONIA PINTO", promovido pela REVISTA DA SEMANA e sob o patrocínio do Clube Ginástico Português, podendo ao mesmo concorrer todos os escritores brasileiros que tenham ou não peças representadas.
- 2) O concurso será encerrado impreterivelmente dia 30 de novembro do corrente ano, de modo a ser conhecido o resultado em dezembro.
- 3) Os concorrentes terão liberdade ampla de elaboração de seus trabalhos quanto aos temas e ao gênero, devendo, no entanto, a peça premiada ter mérito literário, qualidades cênicas e tempo de representação mínimo de duas e máximo de três horas.
- 4) O Clube Ginástico Português fica com a prioridade de representar a peça premiada, pelo conjunto de amadores de sua Escola Dramática, dentro de seis meses a contar da apuração do concurso.
- 5) O autor da peça premiada terá liberdade de fazer representar o seu trabalho em qualquer teatro do País, logo após as suas representações pela Escola Dramática do Clube Ginástico, ou, em caso contrário, a contar dos seis meses acima citados.
- 6) Em qualquer caso o Clube Ginástico Português terá sempre o direito de representar a peça premiada quando o julgar conveniente.
- 7) O Clube Ginástico institui um prêmio de Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros) para a peça escolhida pela Comissão Julgadora, constituída por um representante da REVISTA DA SEMANA, um do Clube Ginástico Português, um da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, um da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais e um da Casa dos Artistas.
- 8) Fica expressamente proibido a qualquer dos membros componentes da Comissão Julgadora, cujos nomes serão divulgados dentro de duas semanas, participar do concurso.
- 9) Todos os originais de peças devem ser diretamente remetidos a Celestino Silveira, Redator-Secretário da REVISTA DA SEMANA, rua Visconde de Maranguape 15, Rio de Janeiro.
- 10) Além da peça colocada em primeiro lugar, o Clube Ginástico Português fará representar pela sua Escola Dramática os originais classificados em 2.º e 3.º lugares, pagando aos autores os direitos da praxe, bem como outros originais que julgar interessantes para esse fim.

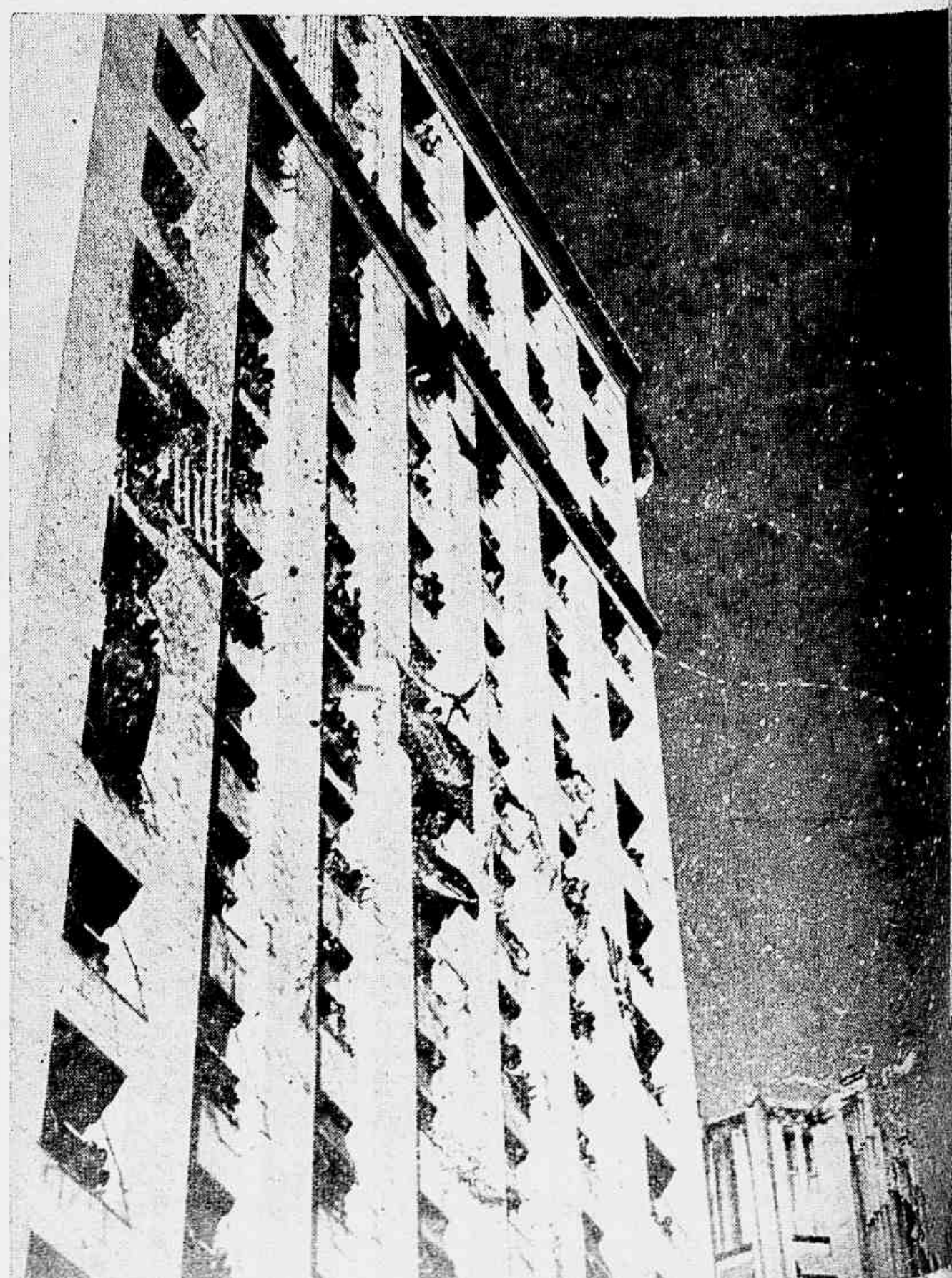
CONCURSO DE ROMANCES "REVISTA DA SEMANA"

Os múltiplos afazeres a que nos entregámos na elaboração deste certame, impediram que as bases para os três concursos distintos ficassem terminadas. Trata-se, como os leitores estão observando nestas páginas, de um empreendimento da máxima responsabilidade, ditado pelo mais alto objetivo, o de estimular o trabalho intelectual dos nossos patricios. Por isso mesmo o regulamento que se prende ao Concurso de Romances só será divulgado em número posterior, de vez que ao encerrar os trabalhos desta edição estamos ultimando as demarches naquele sentido. Sem dúvida, as grandes casas editoras do País estão interessadas nesta nobre iniciativa da REVISTA DA SEMANA, cujo propósito único é o de pugnar pelas artes e as letras brasileiras.

Aguardem, portanto, esse complemento da nossa tarefa; e quanto aos romancistas patricios, interessados neste empreendimento, podem, desde já, cuidar da elaboração de seus trabalhos, na certeza de serem os mesmos encaminhados em tempo oportuno para a comissão julgadora, que também estamos, neste momento, selecionando.



Marinheiros, fuzileiros navais e soldados dos Estados Unidos também desfilaram ao lado dos heróicos pracinhas. Para todos teve a população do Rio de Janeiro as mesmas entusiásticas saudações, rendendo um preito de gratidão àqueles que, atravessando o oceano, debaixo de todos os azares, foram combater em terras de Itália o inimigo da liberdade e da civilização. Nas fotos reproduzidas nestas páginas vemos o general Crittemberger, do 5.º Exército, respondendo às saudações populares. Oficiais da F. E. B. desfilando em "jeeps", um pelotão da Polícia Militar da F. E. B., pracinhas em desfile debaixo da chuva de confetti que os recebeu na Avenida. Aparece aqui ainda a companhia de marinheiros americanos que participou do desfile.

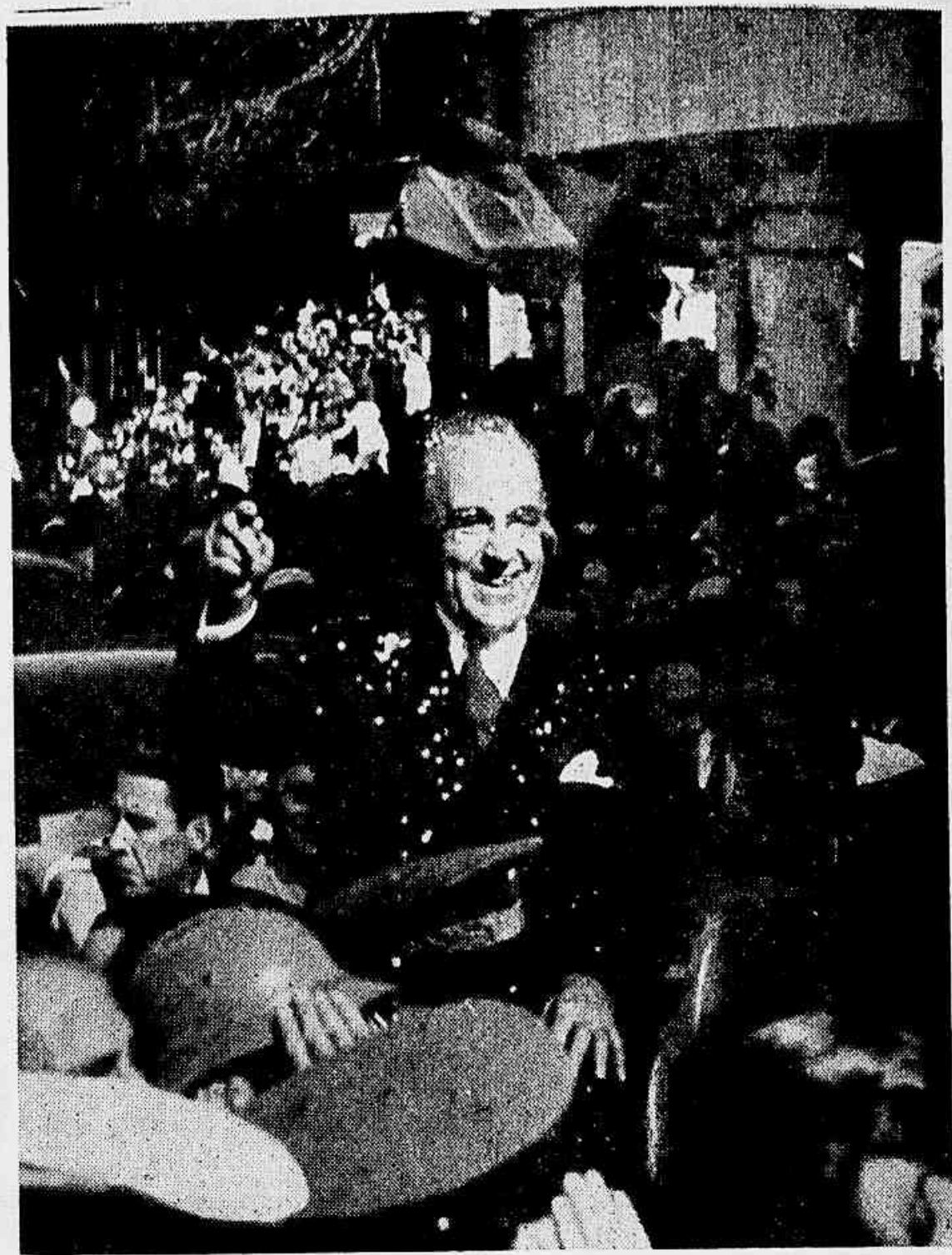
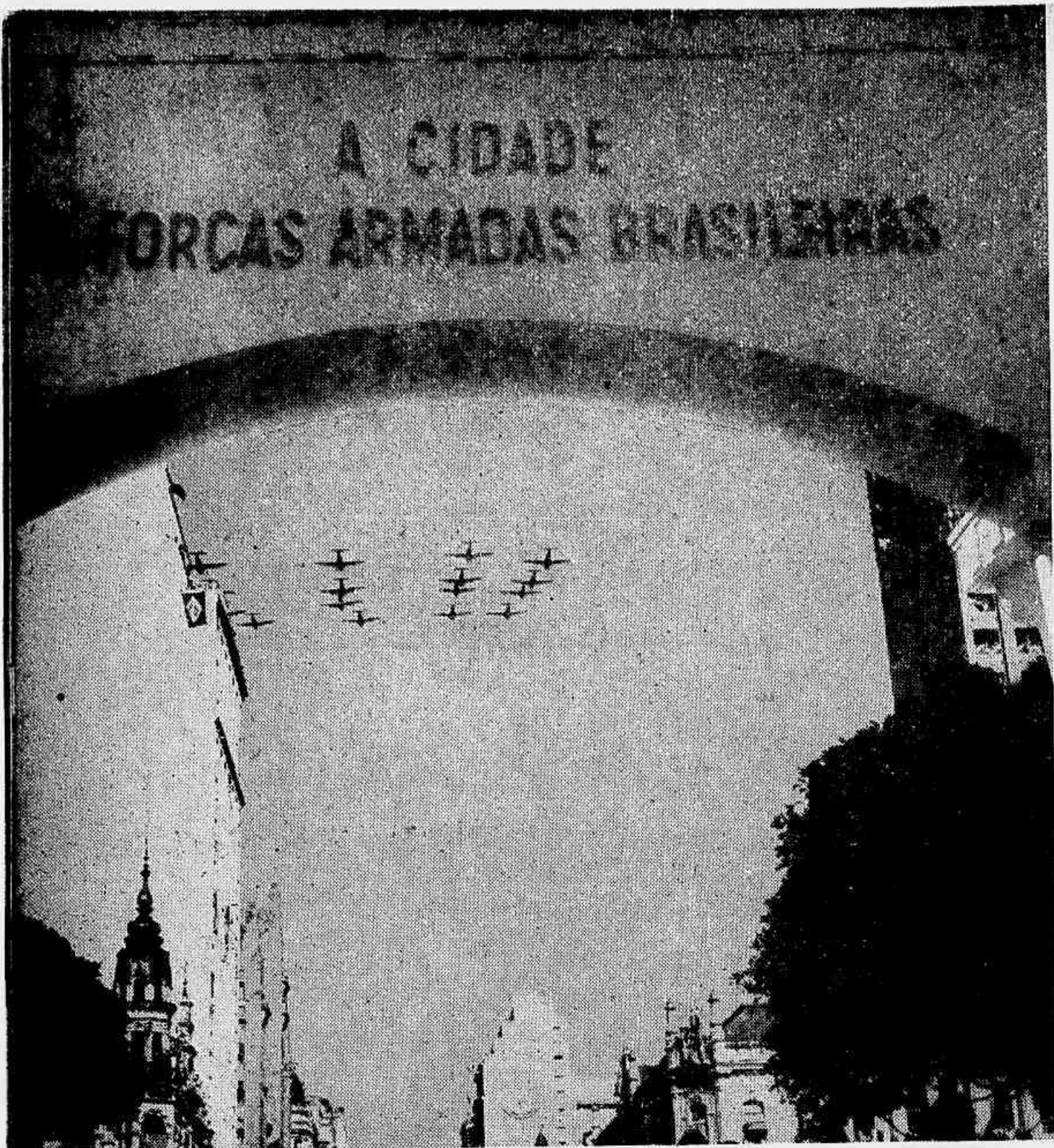




A chegada dos heróicos componentes do primeiro escalão da Fôrça Expedicionária Brasileira provocou a maior aglomeração humana jamais constatada no Rio de Janeiro. Mais de meio milhão de pessoas se comprimiram no centro da cidade para apreciar o desfile de nossos bravos patrícios que retornavam do "front". O entusiasmo com que a população da Capital da República recebeu os pracinhas, foi algo de grandioso e indescritível. Chuvas de confetti caíam dos arranha-céus, enquanto milhares de bandeiras se agitavam, acenando aos heróis que voltavam à Pátria agradecida.



(Continua)



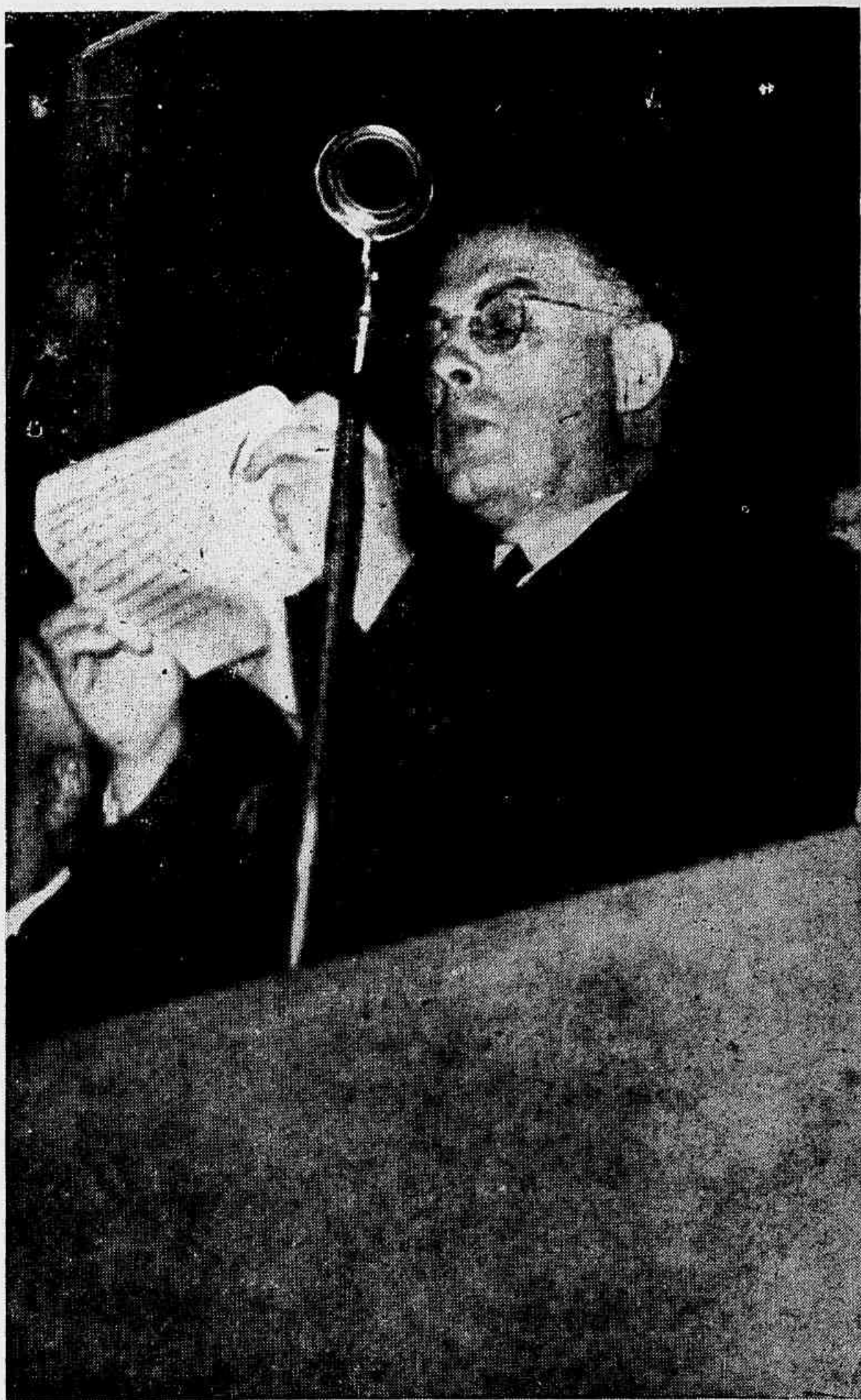
Através o arco de triunfo erguido na avenida Rio Branco, o fotógrafo da REVISTA DA SEMANA conseguiu gravar o flagrante que acima reproduzimos. Aviões da Fôrça Aérea Brasileira, desfilando em vôo de formação em homenagem aos bravos soldados da F. E. B. Assim os aviadores brasileiros saudaram os seus irmãos do Exército que combateram na Itália.

O Presidente Getulio Vargas, empunhando uma bandeira nacional, saúda a multidão aglomerada na avenida Rio Branco. Do palanque presidencial o Chefe da Nação assistiu ao desfile das tropas expedicionárias, recebendo a continência das unidades que regressavam do "front".

Foram quando a Pátria os chamou, confiantes na sua fôrça de combatentes da Liberdade. Lutaram por todos os que ficaram, lutaram pela liberdade de cada lar e pela segurança de cada família. Agora regressaram vitoriosos. Os seus irmãos agradecidos foram recebê-los em festas. E eles sorriem, contentes por haverem cumprido o seu dever. Negros e brancos do Brasil que, lutando lado a lado, mostraram aos dolococéfalos louros de Hitler o valor de nossa gente e a bravura de nossos soldados.



A REVISTA DA SEMANA, justificando sua finalidade de publicação ilustrada informativa e também seu próprio título, procurou reunir neste número documentação dos grandes acontecimentos destes últimos dias, no Rio e nos Estados. Para tanto distribuiu seu corpo de redação entre São Paulo, Minas Gerais e Distrito Federal. Na terra bandeirante nossos redatores colheram material da Congregação Religiosa da Praça da Sé e do comício Luiz Carlos Prestes no Pacaembu. Na capital mineira obtiveram documentação do "meeting" pró-Eduardo Gomes, enquanto aqui no Rio desenvolvíamos uma intensa atividade na colheita de fotografias do desfile dos Expedicionários. E' o resultado dessa grande tarefa que hoje podemos servir aos leitores, esperando que os mesmos compreendam o esforço, sem poupar sacrifícios, desta redação. Muito outro material do desfile da Força Expedicionária Brasileira por falta de espaço deixou de sair nesta edição, mas será publicado na próxima.



O COMICIO DA U. D. N. EM BELO HORIZONTE

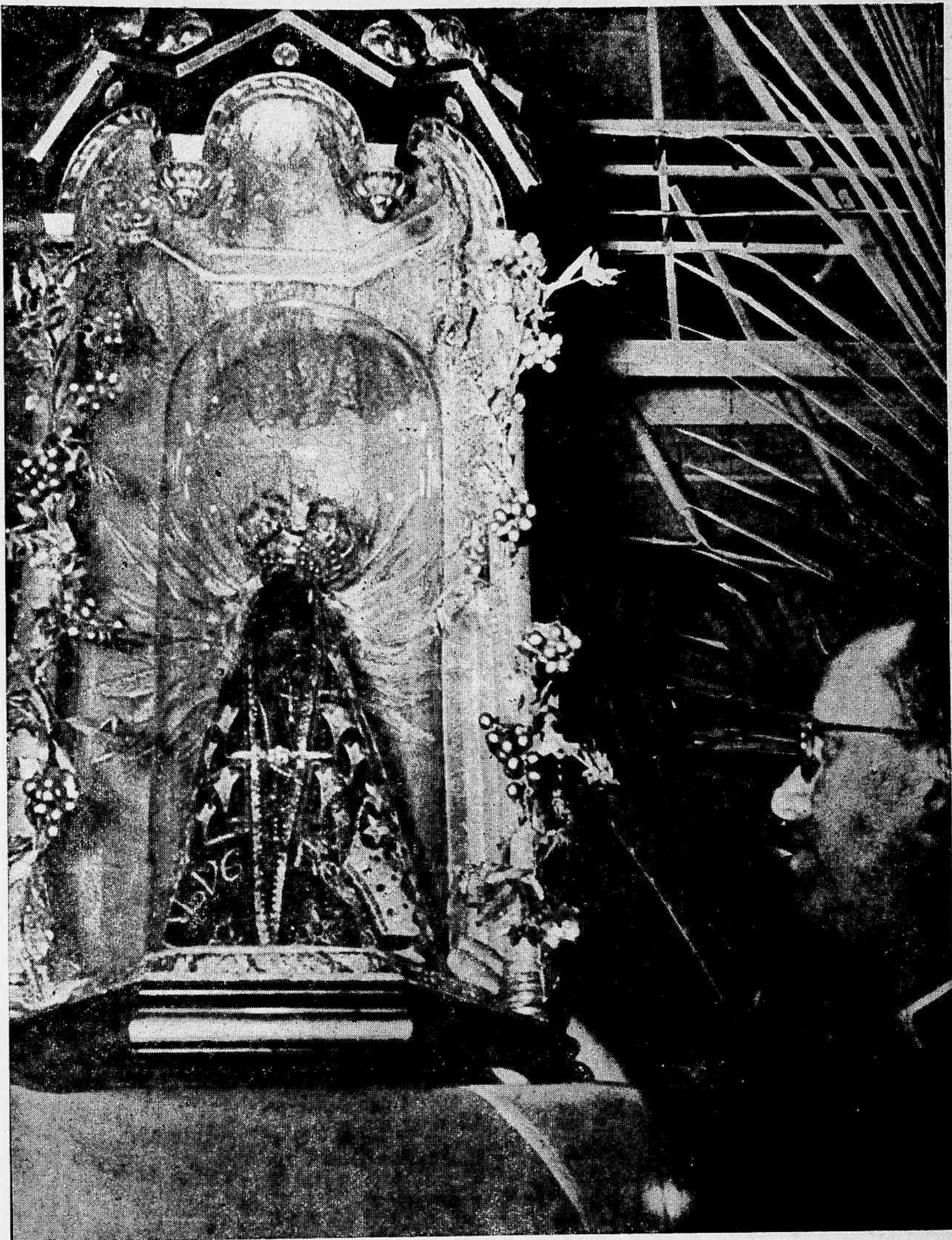
Nesta página reproduzimos alguns flagrantes fotográficos do "meeting" político realizado no dia 14 do corrente em Belo Horizonte pelos elementos da União Democrática Nacional, partido que apoia a candidatura do major brigadeiro Eduardo Gomes à Presidência da Nação. Durante o comício falaram vários políticos oposicionistas mineiros, que emprestam sua solidariedade à causa brigadeiro Eduardo Gomes. Ao alto aparece um instantâneo desse candidato, quando pronunciava o seu discurso. Outras fotos nos mostram o major Juracy Magalhães e dr. Pedro Aleixo usando da palavra, e um aspecto da massa popular que assistiu ao comício.

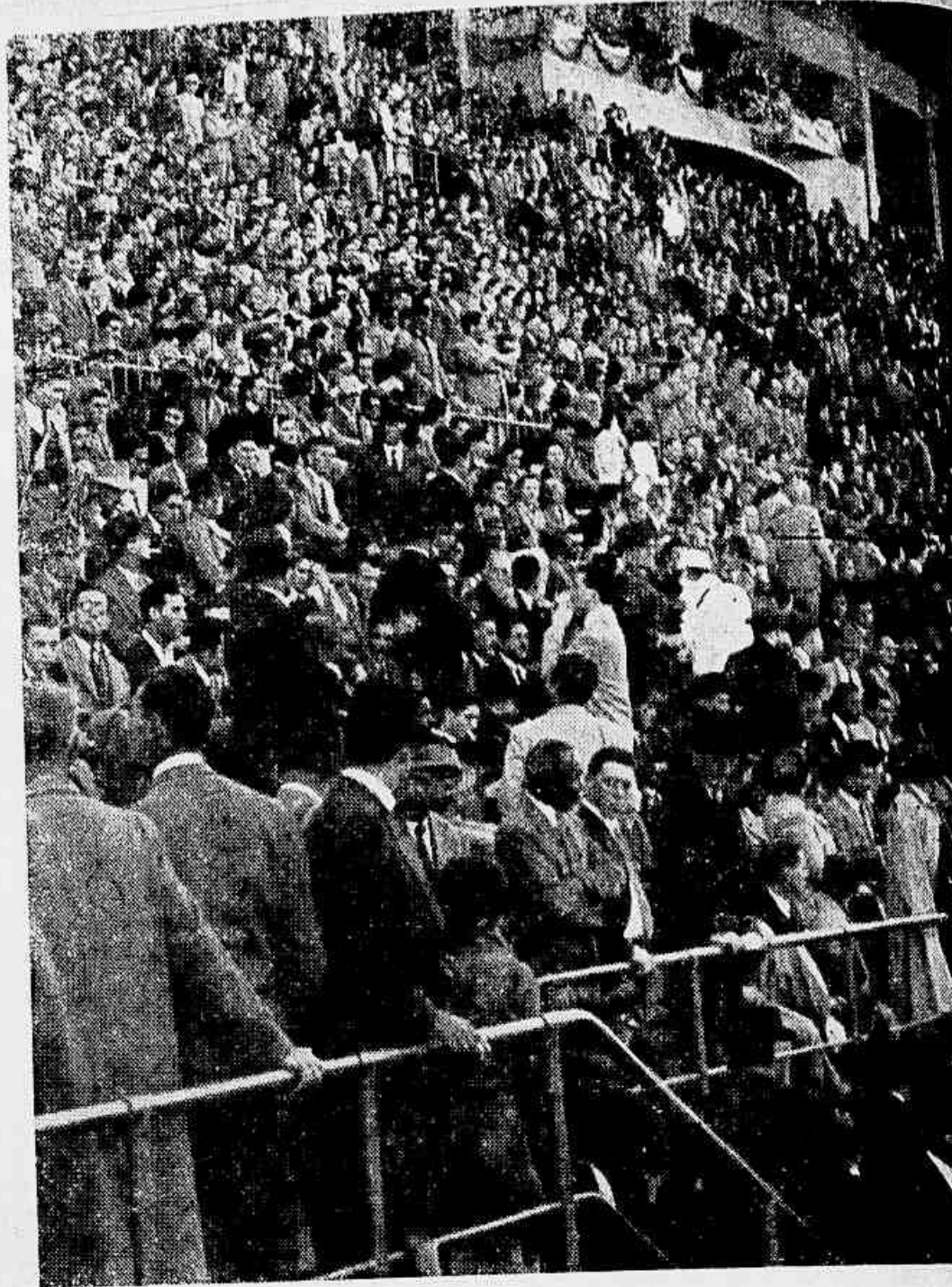




A IMAGEM DA APARECIDA NA PRAÇA DA SÉ

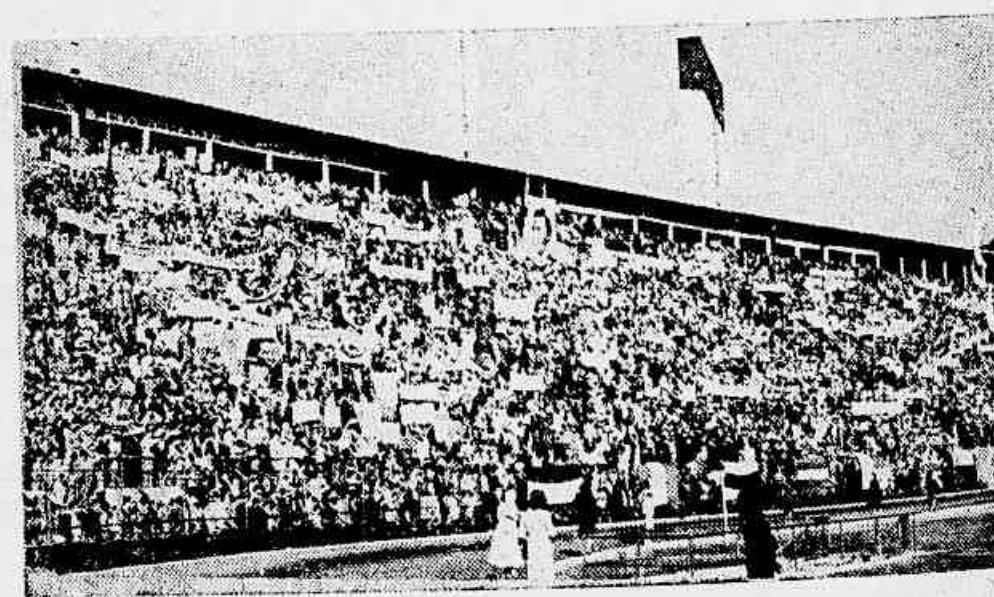
No dia 14 do corrente S. Paulo assistiu à entronização da imagem de Nossa Senhora da Aparecida, padroeira do Brasil, na igreja da Sé. Um grande comício religioso marcou a solenidade da chegada à praça da Sé da efígie da padroeira. Falaram durante a realização da concentração religiosa muitos oradores, exaltando todos o papel da Igreja Católica no momento político nacional e concitando os católicos presentes a combaterem o comunismo por todos os meios. Na praça da Sé reuniu-se uma compacta multidão, que aplaudiu veementemente os oradores e, concitada pelo último tribuno que usou da palavra, jurou repúdio às doutrinas marxistas. Nesta página fotos mostrando a multidão que assistiu ao comício religioso, vendo-se entre a mesma elementos destacados do clero e alunos dos colégios religiosos; ao alto uma foto da Santa Padroeira.





O comício de Luiz Carlos

No dia 15 do corrente realizou-se no Estádio do Pacaembú, na capital bandeirante, o anunciado comício "São Paulo a Luiz Carlos Prestes", que assinalou a primeira visita oficial do "leader" comunista à Paulicéia. Antes da realização do "meeting" já se preparavam os operários e os esquerdistas de São Paulo para receber o seu "leader". No dia da concentração lotou-se literalmente o estádio de



Prestes no Pacaembú

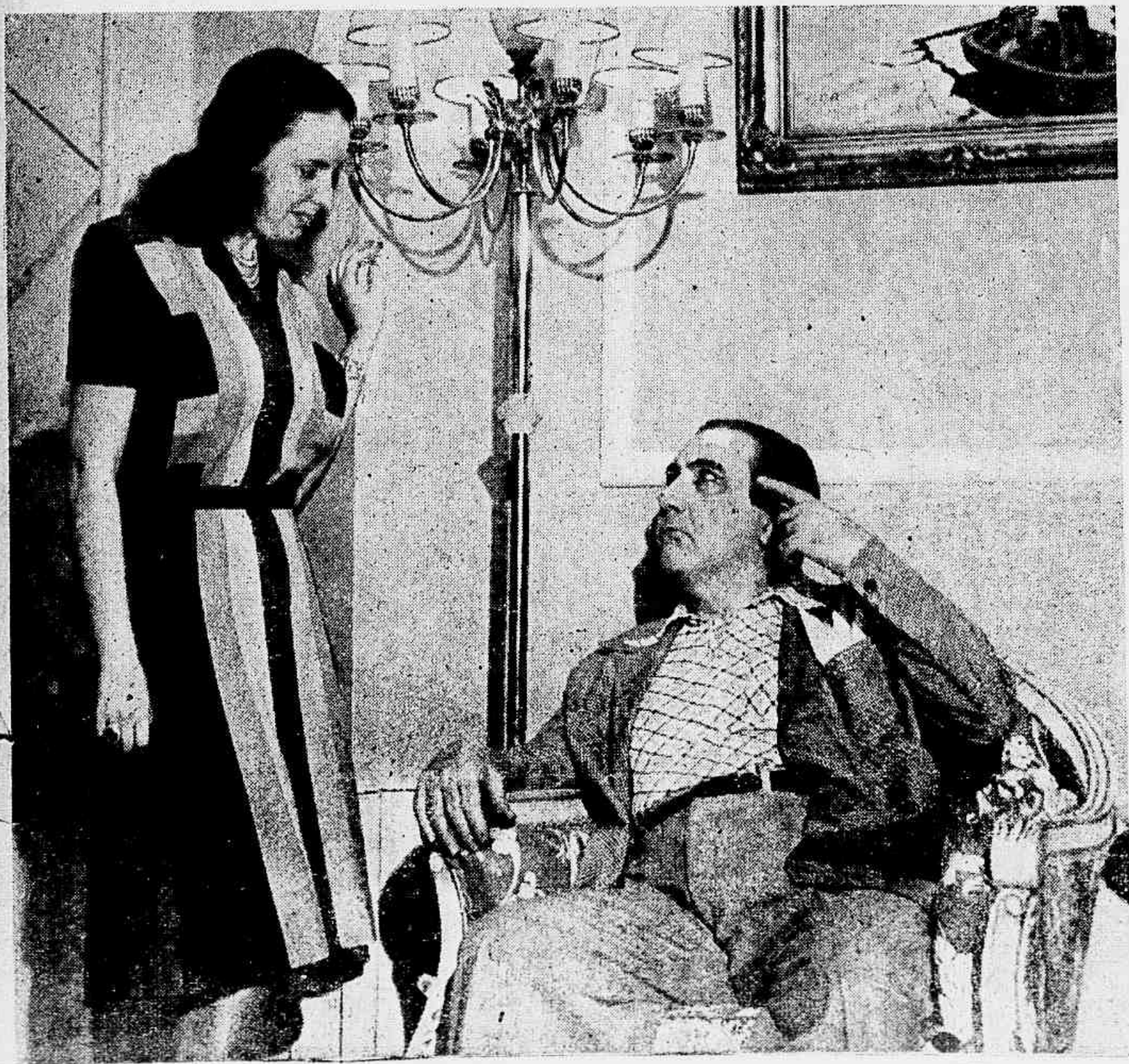
pessoas que se utilizaram, para serem conduzidas ao recinto, dos mais diversos meios de transporte. Nas fotos que aqui reproduzimos vemos populares conduzindo cartazes de propaganda do comício; Luiz Carlos Prestes entrando no Pacaembú; a multidão saudando o chefe comunista, e operários chegando ao Estádio do Pacaembú em caminhões.





1 Aquê rapaz simpático, muito ágil, vivia pedalando de manhã à noite, empregado em uma tinturaria da cidade. Ele tem uma filosofia especial para seu uso, afirmando que no pedal, desviando-se dos bondes e dos automóveis, a gente aprende a manter-se equilibrado no trampolim da vida... Mas um dia José descobre que está rico. Seu pai morreu, deixando-lhe parte da fortuna, a ele, o filho enfeitado. Zé do Pedal resolve entrar "na família", mesmo sabendo que não será muito bem recebido, mas disposto a levar a sua parte na "bolada" paterna...

2 Certamente os parentes não o receberam bem, mas Alice, noiva de seu irmão Armando, começa a simpatizar com o quase futuro cunhado, que nessa altura já trocou as roupas simples de entregador de encomendas da tinturaria pelas de um legítimo "gran-fino"... E o romance vai continuando. Não tarda que a própria fábrica, pertencente à família, venha a ser administrada pelo antigo Zé do Pedal. As coisas vão bem para seu lado, e a filosofia do rapaz, associada ao seu espírito empreendedor e ágil, fazem dele o tipo do rapaz de sorte, muito bem sucedido...



ZÉ DO PEDAL

É de autoria de Amaral Gurgel a comédia levada à cena pela Companhia Jaime Costa, com o seguinte desempenho:

Teresa	Cora Costa
Armando ...	Francisco Dantas
Alice	Nelma Costa
Zoroastro ...	Aristoteles Pena
Carlota	Carlota Rios
José	Jaime Costa
Maria	Grace Moema
Pedro	Adolar Costa

A ação da peça transcorre no Rio de Janeiro, em plena atualidade, e relata os episódios da vida de um modesto ciclista, empregado em uma tinturaria da cidade, que se converte, por sorte do destino, em um atilado industrial, gerente de uma fábrica deixada pelo pai, de quem era ele, José, um filho natural. A peça, bem urdida, tem situações interessantes e constitui, ademais, uma oportuna "charge" a acontecimentos da hora atual, servindo ainda de "carapuça" para certas situações da vida social e política. Amaral Gurgel reafirmou seus predicados de comediógrafo, e Jaime Costa deu ao público um espetáculo divertido, bem encenado e destinado a sucesso.

3 Um dia Zé do Pedal aparece com esparadrapo na testa. Alice, que a princípio o detestava mas logo depois via vencida essa aversão pelas qualidades do rapaz, interessa-se em saber a origem do ferimento. Claro que só podia ter sido uma queda de bicicleta, uma queda em muito boas condições... É que José ficou des-treinado. E quando o dia amanhece pouco agradável, ele quer matar saudades da vida antiga e vai pedalar um pouco para abrir as idéias... Nesse dia abriu uma brecha no frontal, o que lhe permitiu deitar mais filosofia para catequizar Alice...



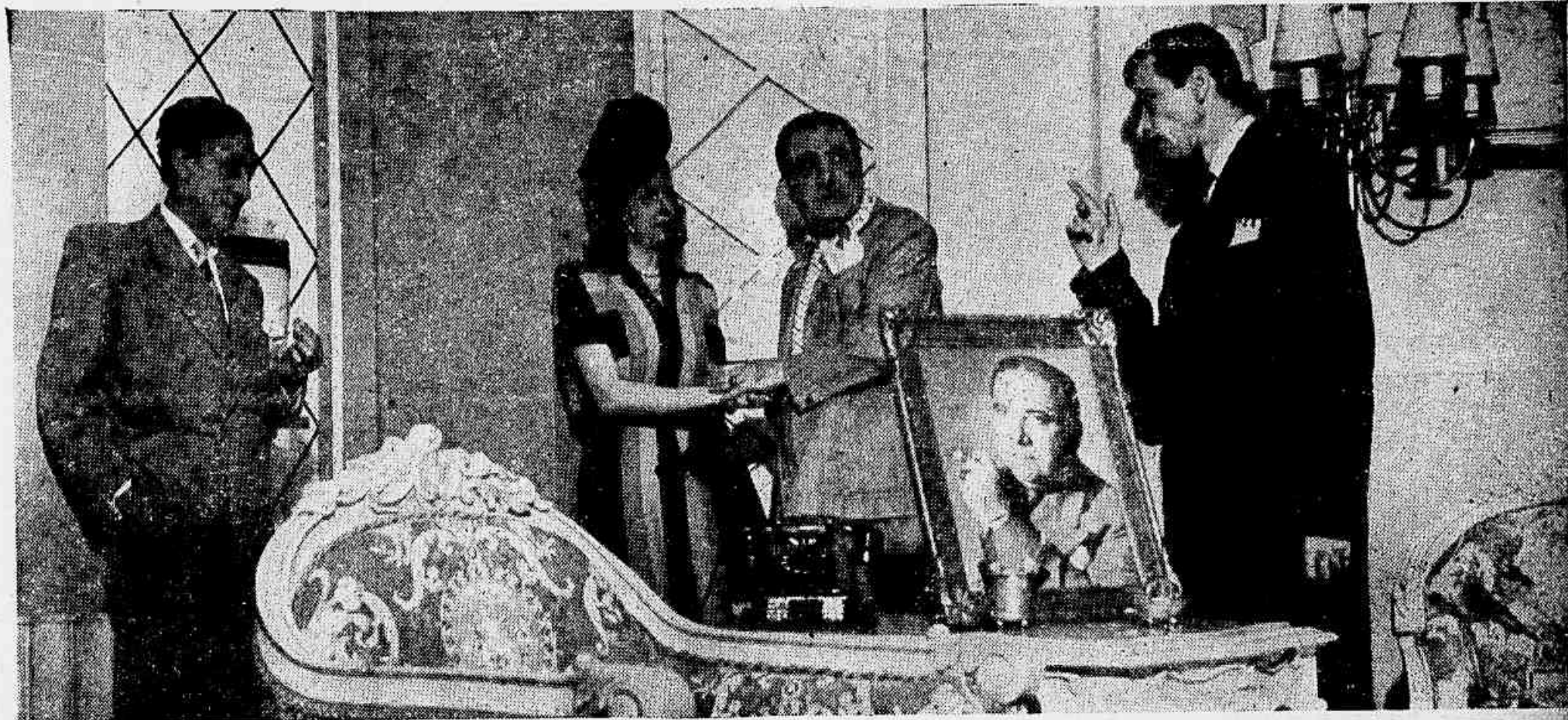
4 Mas as coisas vão se complicando quando os operários da fábrica, então sob a direção de José, resolvem fazer greve. Eles têm pretensões muito justas e logo se atribui à má gerência do nosso herói a atitude dos trabalhadores. Que faz Zé do Pedal? Resolve afastar-se da gestão dos negócios, desde que foi ele o autor do protesto. Mas nunca a fábrica havia atravessado um período de tanta prosperidade. Os próprios homens lhe pedem que não se afaste, querem apenas ser atendidos. Zé do Pedal mantém a sua atitude: que Armando passe a substituí-lo...



5 Depois Zé do Pedal desaparece. Ninguém sabe, em casa, para onde foi, e com surpresa geral ali vai ter a portuguesa Maria, rapariga de bons sentimentos e atitudes decisivas, antiga companheira do ciclista da tinturaria. Maria quer saber do "seu homem", mas ali encontra coisas que a escandalizam. Zoroastro, o advogado da casa, vive em derriços com Carlota, a criadinha faceira... Mas a Maria resolve pôr tudo em pratos limpos. Ela sabe onde encontrar Zé do Pedal, que é um louco pela dança. E vai buscá-lo num "night-club", dançando a Cr\$ 3,00 por número...



6 Ali está ele de volta. Zoroastro ficou radiante porque sempre mereceu considerações especiais de Zé do Pedal e, à custa dele, "se defende" à grande. Armando é quem se aborrece, porque está vendo Alice cada vez mais caidinha por seu irmão, e ele não pensa em perder a mão da moça. Pior é que os negócios da fábrica, agora sob a direção de Armando, estão indo pessimamente, e não tarda que este seja o primeiro a solicitar de José sua volta ao cargo de gerente. José nega-se, porque está disposto a levar boa vida, namorando e pedalando uma vez por outra...



7 Mas a corrente é forte, suplicando de todos os modos, a José, que fique na direção da fábrica. Os operários, agora receando ficarem sem trabalho, também se associam a esse movimento. Maria, a portuguezinha simpática, pede que ele fique... Armando sabe que perderá a noiva, mas acima de tudo põe o interesse da fábrica. E Alice ali está, de lado, sorridente e amável, fazendo suas palavras de Zoroastro, que é o mais interessado... Zé do Pedal "banca" o importante. No fundo ele está resolvido a ficar, mas faz-se de rogado. "Se vocês querem mesmo, então eu fico...", diz ele. E a alegria é geral. Mesmo dona Teresa, a mãe de Alice, bate palmas à idéia. E todos estão satisfeitos, porque Zé do Pedal continuará na fábrica... Ele sorri, superior. Viu que todos ali eram "queremistas"...



8 Sim, ele ficou. Ele continuará sendo o administrador dos negócios da família, mas não pense que esteja realmente inclinado a ficar também com o coração de Alice. Mesmo aparentando o contrário, Zé do Pedal tem sua afeição enraizada pela portuguesa Maria... Quando dona Teresa o surpreende, aparentemente, em colóquio com a filha, fica radiante. Que melhor genro poderá encontrar para Alice, senão o homem ativo, experimentado e simpático que é o José? Sem dúvida, Alice estaria disposta, agora, a mandar às favas o inútil Armando, ficando com o irmão, que, mesmo tendo sido entregador de roupas, é muito mais interessante. Mas Zé do Pedal, mesmo gostando da pequena bonita e elegante, sabe que sua obrigação está em acompanhar Maria, e isso mesmo ele diz, com toda a franqueza, a Alice. Vai continuar pedalando pela vida, e, quando as coisas não lhe sorrirem, continuará dançando no "cabaret" barato, a três cruzeiros por valsinha ou fox-trot...



9 Sim, ele é do samba, positivamente do samba rasgado. Quem o quiser ver satisfeito é com uma dama nos braços, requebrando a noite inteira, mesmo tendo de gastar alguns cruzeiros... E quando José diz à família, ali reunida, que vai retomar sua vida antiga, todos se escandalizam. Agora ele é rico, vai mandar às favas o "batente"... Mas acima de tudo está a sua paixão por Maria. Ela é quem o tira das complicações, na hora dos apuros... E ele parte, enfim. Deixa Armando com Alice à sua disposição, deixa dona Teresa saudososa de ter perdido um genro tão simpático, deixa Zoroastro lamentando a perda de um amigo "do peito"... Mas vai continuar sendo Zé do Pedal, livre de tudo e de todos, dançando quando bem entender, sem ter complicações nem greves de operários a resolver, manobrando a sua bicicleta quando tiver saudades, e pensando "com o cérebro", mas um cérebro acostumado ao equilíbrio, à vertiginosidade e aos percalços de um selim de bicicleta... Voltando a ser ele mesmo, enfim, Zé do Pedal!



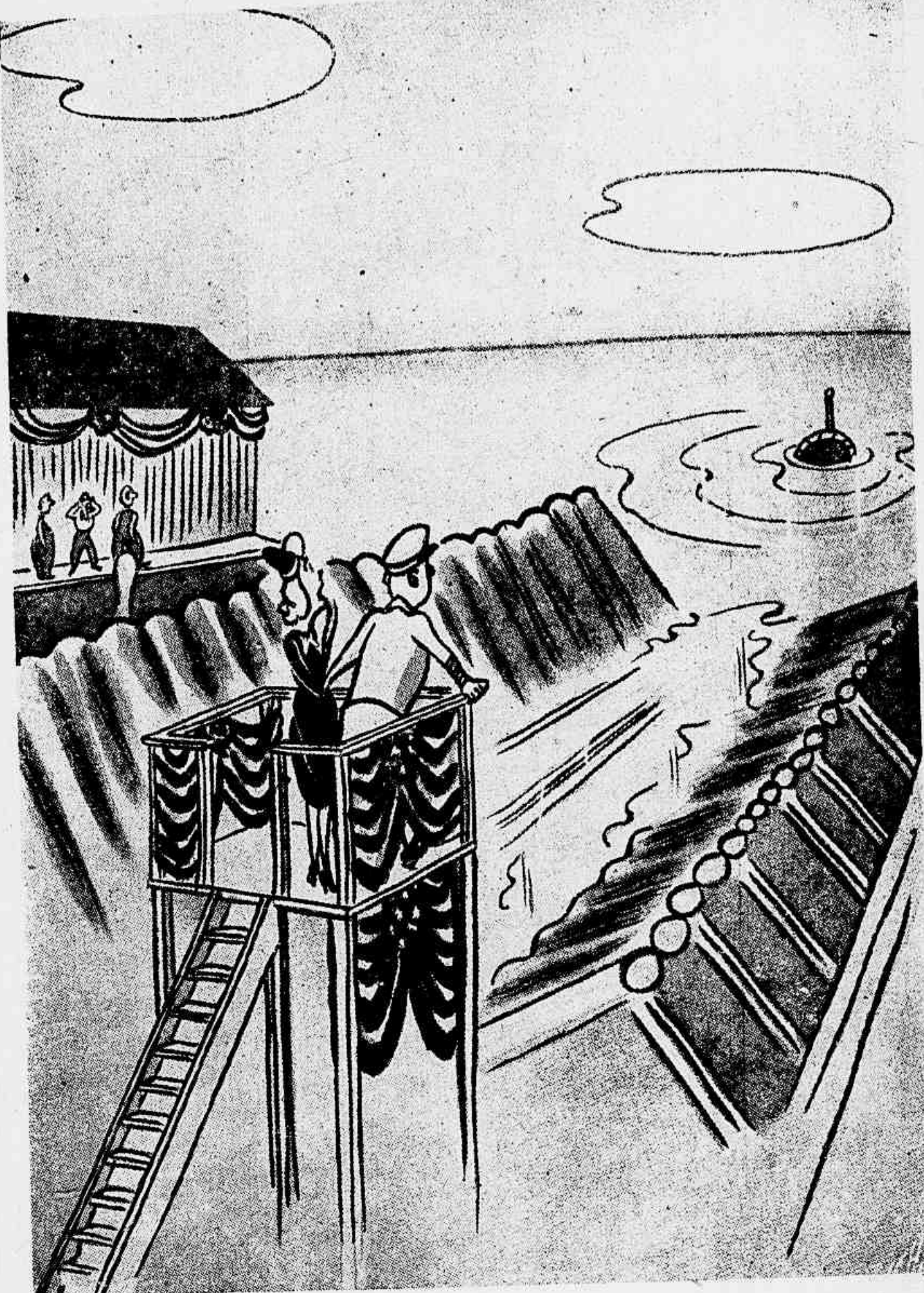
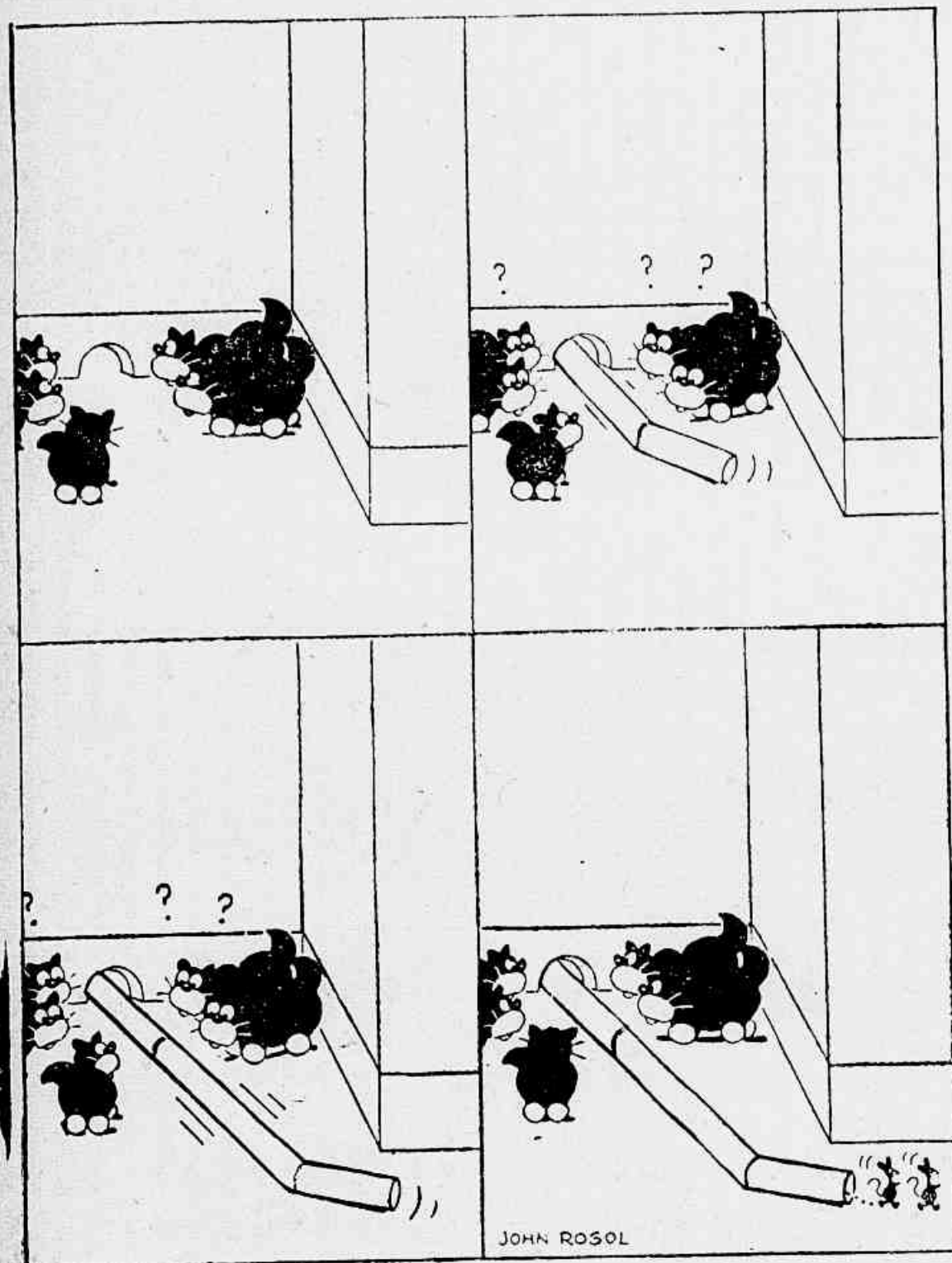
ACONTECEU NO RIO

Josefa Gonçalves Borges chegou ao Rio, meses atrás, com o propósito de obter uma entrevista com o Chefe da Nação. Trazia consigo o marido, um pobre homem inválido por cegueira, e os filhos. Nove filhos, bem contados... Mas não foi fácil conseguir a entrevista. Faltaram-lhe os recursos. Que fazer? Estender a mão à caridade pública? Não era de seu feitio. Mineira de boa estirpe, mulher forte e disposta ao trabalho, aprendera em Itapagipe, nas regiões do Sul das Alencaras, a ganhar o pão com o esforço próprio. Foi quando resolveu fiar... Fiadeira dos tempos modernos, mulher de vontade, ela passou a produzir rolos de barbante, em praça pública, desde que não tinha, à sua disposição, melhor lugar para dar conta da tarefa diária. Instalou então a sua rudimentar maquinária, roca, fusos e demais apetrechos, ali no Taboleiro da Baiana. E começou a fiar, a produzir seus rolos de barbante e a vendê-los à razão de dez cruzeiros por unidade. Nos primeiros dias o negócio rendeu. Porque necessitassem do artigo ou porque desejassem auxiliar a boa mulher, os transeuntes paravam, admiravam-lhe o esforço e adquiriam barbante. No fim do dia, a fêria era razoável para levar o pão ao marido cego e aos nove filhos... Só a entrevista em Palácio não chegava. Não chegou ainda, até uma semana atrás, quando a encontramos, sempre às voltas com os fusos, a roca e a matéria prima do produto. Josefa Gonçalves Borges continua esperando. Agora está sendo mais difícil de reunir o suficiente para sustento da prole. Mas não desanima. De ânimo erguido, esperançosa e forte, sabe que algum dia a roda da fortuna poderá girar a favor, ela que até agora só tem desandado para o seu lado... E os curiosos da rua, os que passam pelo Taboleiro, ou pelo Passeio Público, onde também costuma fazer ponto, indagam o preço do rolo de barbante, espiam, perdem alguns minutos... E compram — quando compram...

Algum dia Josefa será recompensada desse seu esforço até agora inglório. Coisas assim, também acontecem no Rio...



A MADRINHA — Chiiii! Parece que bati a garrafa com muita força...



DE BOM HUMOR

— Terceiro andar... Assassinos, espões, quinta-colunas, chantageistas, batedores de carteiras e classes anexas...



— Hello, Zilda... Eu ia passando casualmente, sem destino, e resolvi entrar...



O autor dêste conto já foi chamado o "Dickens francês".



"Morreu...!", disse-me alguém na escada.

Há alguns dias já eu pressentia essa novidade lúgubre. Sabia que de uma hora para outra encontrá-la-ia àquela porta; e, entretanto, ela me abalou como uma coisa inesperada. Com o coração cheio de tristeza, os lábios tremendo, entrei naquela humilde moradia de homem de letras, onde o gabinete de trabalho ocupava o maior espaço, onde o estudo despótico tinha absorvido todo o bem estar, tôda a claridade da casa.

Ele estava deitado ali, numa pequena cama de ferro, muito baixa, e sua mesa coberta de papéis, sua caligrafia grande interrompida no meio das páginas, sua pena ainda em pé, mergulhada no tinteiro, mostravam como a morte o abatera subitamente. Atrás do leito um alto armário de carvalho, transbordando de manuscritos e papéis, se entrecruzava quase sobre a sua cabeça. Em volta, livros, somente livros: em tôda parte, em prateleiras, sobre cadeiras, sobre a mesa, empilhados no chão, nos cantos, e até aos pés do leito. Quando êle escrevia ali, sentado à sua mesa, êsse atravancamento, êsse monte de coisas em desordem, mas sem poeira, podia ser agradável à vista: sentia-se o movimento do trabalho. Mas naquele quarto de morte era lúgubre. Todos os pobres livros que se desmoronavam em pilhas pareciam prestes a se perder nessa grande biblioteca do acaso, esparsa em leilões, cais, exposições, folheada pelo vento e pelo acaso.

Acabava de beijá-lo, no seu leito, e estava de pé, contemplando-o, tocado ainda pelo

contacto com a testa fria e pesada como uma pedra. De repente abriu-se a porta. Um empregado de livraria entrou alegremente, carregado, ofegante, e colocou sobre a mesa um embrulho de livros acabados de sair da tipografia.

"Encomenda de Bachelin", exclamou; depois, vendo o leito, recuou, tirou o boné e retirou-se discretamente.

Havia alguma coisa de tremendamente irônico nessa encomenda do livreiro Bachelin, atrasada um mês, esperada pelo doente com tanta impaciência, recebida pelo morto. Pobre amigo! Era seu último livro, com o qual êle mais contava! Com que cuidado minucioso suas mãos, já tremendo de febre, tinham corrigido as provas! Que pressa êle tivera em receber o primeiro exemplar! Nos últimos dias, quando não falava mais, seus olhos se fixavam na porta; e se os impressores, os revisores, os brochadores, todo o mundo empregado na obra de um único tivessem podido ver êsse olhar de angústia e de expectativa, as mãos teriam se apressado, as letras comporiam aceleradas as páginas, e as páginas os volumes, para chegar a tempo, isto é, um dia mais cedo, e dar ao moribundo a alegria de tornar a encontrar, fresco, no perfume do livro novo e na nitidez dos tipos, aquêlê pensamento que êle já sentia fugir e se obscurecer dentro de si.

Mesmo ainda longe da morte, êsse fato traz ao escritor uma felicidade que nenhum ceticismo pode estragar. Abrir o primeiro exemplar de sua obra, vê-la fixada, como um relêvo, e não mais nessa grande ebulição do

cérebro onde ela é sempre um pouco confusa: que sensação deliciosa! Na mocidade é um deslumbramento: as letras espelham como se se tivesse o sol na cabeça. Mais tarde, a essa alegria de criador se mistura um pouco de tristeza, a tristeza de não ter dito tudo o que queria dizer. A obra que se tinha no íntimo parece sempre mais bela do que a que se produziu. Tantas coisas se perdem nessa viagem da cabeça à mão! Vista nas profundezas do sonho a idéia do livro parece essas belas medusas do Mediterrâneo que passam pelo mar como núvens flutuantes; colocadas sobre a areia, vê-se que são constituídas de um pouco d'água, algumas gotas descoloridas que o vento seca imediatamente.

Infelizmente nem essas alegrias nem essas desilusões êle tinha tido com respeito à sua última obra. Era comovente ver aquela cabeça inerte e pesada adormecida sobre o travesseiro e ao lado dêsse livro novíssimo, que ia aparecer nas vitrines, misturar-se aos ruídos da rua, a vida do dia, onde os transeuntes leriam o título, maquinalmente, levando-o na memória, no fundo dos olhos, com o nome do autor, êsse mesmo nome inscrito na página triste da casa da câmara, tão risinho e alegre na capa clara. O problema do corpo e da alma parecia estar ali inteiro, entre o corpo rígido que se ia enterrar e esquecer e aquêlê livro que se desprendia dêle como uma alma visível, viva e talvez imortal...

"Ele me prometera um exemplar..."

(CONTINUA NA PÁG. 48)

O ULTIMO LIVRO

Conto de
ALPHONSE DAUDET



CYMA

NENHUM OUTRO RELOGIO LHE
DARÁ TANTA SATISFAÇÃO

HEMORRHOIDAS? tome
 LIC. 3518-14-3 925 D.M.S. P.
 ENCONTRA-SE EM TODAS AS
 Farmácias de Herva de Richo
 Garantimos! ÓPTIMAS!
 INFALLÍVEIS!

Na
"PROVA DO TANQUE"
 não há outro igual!

exclama Dona
MINERVINA

- Não empedra!
- Não esfarela!
- Faz mais espuma!
- Lava tres dúzias enquanto outros lavam apenas duas!




GRS. 250
 TAM. 2
 CLAS. 59

MINERVA
 CIA. GESSY

O SABÃO MINERVA SAI BARATO PORQUE PROTEGE O QUE LHE É CARO

Mas, cuidado! O Sabão Minerva está sendo imitado na cor, mas não na qualidade. Ao comprá-lo, verifique bem a marca. Minerva, agora, é assim...

M U S I C A

Há bens que vêm para o mal...

As portas que dão acesso aos concertos fecharam-se diante dos compositores brasileiros descontentes. Encostada nela está a barreira dos preconceitos, da incompreensão. O "snobismo da anti-cultura", para usar a expressão do professor Joad, reina, absolutista e intratável.

Mas não faio somente, como pode parecer, da reação contra aqueles corajosos chamados, ainda hoje, "modernistas", que não querem ver o Brasil parado, e seguem, a despeito das vozes reacionárias, pseudo apreciadoras da música. Não é isso unicamente. Refiro-me mesmo a mestres já falecidos e consagrados... nos livros. Henrique Oswald e Leopoldo Miguez... onde estão? Serão, também, considerados modernistas? Dar-se-á, também, como pretexto, que o público não os admira? Será preciso esforço para que o público brasileiro admire compositores que além de serem nossos são bons? As portas da popularidade parecem ter sido cerradas atrás de Carlos Gomes, oferecido em doses gigantescas, o que arrisca muito a provocar, nos espíritos mais sensíveis, uma aversão pela sua figura respeitável.

E os modernos? Estes, então...

Schubert, certa vez, encontrando uma canção desconhecida, numa gaveta que havia muito tempo não abria, começou a lê-la, murmurando:

— Magnífica! Quem a compôs?

A inspiração fácil transbordava e ele anotava, fosse onde fosse, a melodia — na capa de um livro, no punho de uma camisa. Depois, esquecendo-se dela, era com prazer que a tornava a encontrar.

Os nossos compositores contemporâneos estão repetindo essa situação à força. Não é motivo de espanto que um deles desenterre, surpreso, uma obra empoeirada que não reconheça mais como sua.

E' desnecessário insistir aqui nas desvantagens que acarreta esse ostracismo, nos defeitos da orquestração, por exemplo, que o simples fato de ouvir a obra poderia corrigir. Nossos compositores têm que se contentar em obter seus efeitos no papel. Executar suas obras está fora das cogitações das nossas grandes orquestras.

E' por esse motivo que o concerto de música oferecido por Erich Kleiber foi um acontecimento importante. Entretanto, depois do desapontamento que ele nos causou, estou inclinado a pensar que seria melhor, afinal de contas, que a música brasileira tivesse permanecido nas gavetas. Não porque não existam obras magníficas, e dos mesmos compositores que contribuíram para a constituição do programa, mas essas obras, que existem, não foram as executadas. O que ouvimos não era representativo, nem característico, nem mesmo estava à altura do talento de seus compositores.

E' raro ouvir-se os nossos compositores: eis um fato que nos enche de tristeza. Quando, excepcionalmente, se os ouve e verifica-se que a escolha foi mal feita — seja de quem for a culpa: do maestro ou dos próprios compositores — isso não somente nos entristece, mas nos irrita também.

Vila Lobos compareceu com uma sinfonia na qual vislumbramos, em certos momentos mais felizes, lampejos do seu grande talento, infelizmente coberto por uma série de vulgaridades do mau gosto mais deplorável.

Mignone também não foi feliz. "Babaloxá" nada acrescenta, antes diminui outras realizações suas de maior vulto e melhor qualidade. Só se compreende a obra como pertencendo a uma das primeiras fases do seu desenvolvimento.

De Francisco Braga ouvimos uma obra convencional, que vale pela intenção patriótica, nada mais.

De Lorenzo Fernandez, um concerto para violino e orquestra, no qual ele exibe todas as limitações de seu talento, um tanto seco e superficial, sem nos mostrar as qualidades que suprem essas falhas em outras produções.

Agradou-me a interpretação de Oscar Borgeth, que lutou com o concerto pobre de uma maneira louvável, merecendo elogios pela sua segurança. O mesmo não se pode dizer de Alice Ribeiro, que não estava, infelizmente, em um de seus melhores dias.

Roberto Lyra Filho

NOTICIÁRIO

Marília Gama Monteiro, jovem pianista patricia, venceu as provas de seleção para solista da O. S. B., obtendo uma excelente classificação no concurso que teve como julgadores os professores Amabile, Liddy Mignone, Ana Carolina, Iolanda Ferreira e Roberto Tavares.

Marília executou o primeiro movimento do concerto para piano e orquestra de Schuman com a Orquestra Sinfônica Brasileira, sob a regência de Eleazar de Carvalho.

O maestro Vila Lobos, cuja 3.ª sinfonia foi executada no concerto de música brasileira com a orquestra do Municipal, regida por Erich Kleiber.



C I N E M A

"CONSPIRADORES"

O grande mal do filme que a Warner vem de apresentar, está no atraso com que focaliza, uma vez mais, o drama dos participantes do exército subterrâneo, quando uma parte da Europa se encontrava nas mãos de Hitler. Produzido há dois anos atrás, "Conspiradores" viria a ser, por força, um excelente filme, mas aconteceu que tantas coisas importantes ocorreram depois, que agora, para nos comovermos com um episódio daquela época, só mesmo saindo da bitola comum. E não é esse exatamente o caso do filme em aprêço, no qual vamos encontrar um grupo seleccionado de intérpretes. Pena não os terem aproveitado em melhor material literário, pois em verdade, reunir Paul Henreid e Hedy Lamarr, tendo ainda de contrapêso Peter Lorre, Victor Francen, Wladimir Sokoloff, Eduardo Cianelli e outros do mesmo calibre, para um resultado tão frágil, chega a ser lamentável. Sente-se que a Warner procurou seguir o rastro de "Estranha Passagem", até na intenção de localizar a história em terras diferentes. Bette Davis vivia uma parte do seu romance aqui no Rio, enquanto Hedy Lamarr o faz em Lisboa. De qualquer modo, para as platéas portuguesas o filme há de constituir certo interesse, pois ali se fala muito no fado, mostram-se ambientes lisboetas e chega-se, até, a ouvir o popularíssimo "Rua do Capelão", cantado por Aurora Miranda. O material de reclame não alude à irmã de Carmen, certamente por imposição de outros estúdios, mas Aurora chega a aparecer, mesmo por alguns instantes, apenas. Há muitos absurdos que só mesmo no Brasil e em Portugal serão observados: o "Maringá" cantado pelos pescadores de Cascais, o hóspede de um hotel português folheando um matutino carioca, e outros semelhantes. Mas, em conjunto, "Conspiradores" não desmerece. Hedy Lamarr continua suprimindo com seus encantos físicos sua deficiência de intérprete. Mas que lindo rosto ela nos mostra, que olhos cismadores! Só para vê-los a gente esquece os pontos fracos. Paul Henreid continua repetindo o mesmo papel de "Casablanca". Victor Francen, à espera de uma boa oportunidade que Hollywood não lhe tem querido dar. E os outros, em simples "pontinhas", sem maior margem. Na falta de espetáculo melhor, podem assistir, mas não pensem que os aguarda um filme de grandes emoções. O "suspense" da história, já nos últimos metros da película, com aquela tiroteio na praia, é convencional e nada convincente. — C.

Cotação: 2 (BOM)

★

A Cinédia apresentou, esta semana, "O Cortiço", que mereceu bom acolhimento do público e da crítica. Um "bravo" ao veterano Luiz de Barros. Ótimo se o Lulú continuar agora por esse caminho.

★

Ao encerrarmos esta edição, "Santa" está completando meio ano de cartaz no Império. As vinte e seis semanas do filme mexicano batem todos os "records". Mas parece que, agora, "Santa" vai sair do altar, rumo a outras "igrejinhas"...

Hedy Lamarr e Paul Henreid em "Conspiradores".



Não canse os braços,
use Brasso!



PRECISO COMPRAR
JÁ UM TUBO
DE
MENTHOLATUM



MENTHOLATUM

É USADO DIARIAMENTE POR
MULTIDÕES CONTRA

RESFRIADOS

UM REMEDIO CASEIRO DE
VALOR INCALCULÁVEL

Máquinas de Escrever, Somar
e Calcular

Fone 23-4742

MÁQUINAS DE ESCRIVER E ACESSÓRIOS

GABRIEL RANGEL

COMPRA E VENDE

Rua Senhor dos Passos, 85
2.ª Loja

Oficina aparelhada para consertos,
reformas e reconstruções a cargo
de mecânicos especializados.

ESCRAGNOLLE DORIA

MANUEL DA CUNHA SILVA

O grupo dos artistas pintores da era colonial no Rio de Janeiro é reduzido, escasso o conhecimento da vida dos componentes do grupo.

Considerou-o Pôrto Alegre, em 1841, no estudo apresentado ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e intitulado "Memória Sobre A Antiga Escola de Pintura Fluminense", na qual de primeiro nome Frei Ricardo do Pilar, renâmiamente natural de Colônia.

Na memória de Pôrto Alegre figura Manoel da Cunha como "quinto mestre da Escola Fluminense", cuja vida não comporta muito gasto biográfico, sobretudo quanto a cronologia.

Para dizer de Manoel da Cunha preferiremos dois informantes, Pôrto Alegre e Moreira de Azevedo. Mostrará o primeiro o princípio da existência de Manoel da Cunha, o segundo o fim de tal existência.

"Nasceu escravo da família do nosso Secretário Perpétuo; seu senhor, vendo-lhe uma grande vocação para a pintura, o levou a Lisboa, onde estudou e se aperfeiçoou muito na sua arte."

Informação de Pôrto Alegre: "O Secretário Perpétuo do Instituto Histórico era o cônego Januario da Cunha Barbosa, no escravo um apelido do sacerdote, sem dúvida por concessão dêste, sabido quanto no tempo o cativo significava respeito e distância.

Ignorado o nome do senhor de Manoel, ignorados a data e o tempo de sua estadia em Lisboa, sem menção o nome do senhor viajante com o escravo, em branco o nome ou os nomes dos mestres portugueses dos quais discípulo Manoel da Cunha.

Segundo Pôrto Alegre, à proteção de José Dias da Cruz deveu Manoel da Cunha o resto do dinheiro do qual carecia para sua alforria. Bom pai de família, Manoel da Cunha deixou uma filha, "herdeira da proteção e amizade de seus pais para com a casa de José Dias da Cruz". Em 1841 ainda existia a filha de Manoel da Cunha por nome Apolinária.

Até aqui informações de Pôrto Alegre, de relações com o cônego Januario e provavelmente com Dias da Cruz, talvez lhe dizendo um pouco mais do que consignou brevemente na sua memória de 1841.

Criado em casa de sacerdote, Manoel da Cunha certo teve batismo cristão, cujo assentamento ficou perdido num desses livros de batismo de pessoas escravas, hoje existentes em matrizes da cidade ou recolhidos à Câmara Eclesiástica.

Moreira de Azevedo pôde descobrir o assento de óbito de Manoel da Cunha em livro da Ordem Terceira da Conceição e Boa Morte, templo de tanta modificação por efeito da abertura da avenida Rio Branco.

GOMES FREIRE DE ANDRADE, CONDE DE BOBADELA
(Retrato por Manoel da Cunha Silva)



No livro consultado por Moreira de Azevedo, livro grandão, de fechos pesados, temos em curso de pesquisas o que lera o cronista, isto é, o registro seguinte:

"O irmão Manoel da Cunha veio sepultar-se nesta igreja (na época do Hospício), amortalhado em hábito de Santo Antonio (franciscano pois), conduzido em uma sege, recebido por seus irmãos (os terceiros da Ordem) e encomendado pelo coadjutor da Candelária em 27 do mês de abril de 1809."

Manoel da Cunha falecia pouco depois da chegada do Príncipe Regente ao Rio de Janeiro e sete anos antes da vinda da Missão Artística Francesa, fadada a organizar, não sem tropeços, o ensino regular das artes plásticas no Brasil.

O espólio artístico de Manoel da Cunha é de resumido catálogo. Por indicação de Pôrto Alegre, naquele se inscrevem o "Descimento da Cruz", figurado em teto da capela do Senhor dos Passos na Catedral do Rio de Janeiro, a imagem de Santo André Avelino na igreja do Casteio, o retrato do Conde de Bobadella, a imagem da Virgem na capela de Nossa Senhora da Vitória contígua ao recinto da igreja de São Francisco de Paula. "Outros quadros espalhados pela capital e provincia são do pincel de Manoel da Cunha", disse Pôrto Alegre. Pena é menção assaz vaga.

Moreira de Azevedo deu como do pincel do artista colonial quadros no mosteiro de S. Bento e retratos de benfeitores em galeria dos mesmos na Santa Casa da Misericórdia carioca, galeria tão curiosa de estudar quanto de obras de autores anônimos cujas telas são preciosos espelhos para tipos e indumentárias de recuados tempos.

Para subsistir, nem sempre com encomendas de maior lucro, Manoel da Cunha lecionava pintura, dourava molduras, encarnava santos, pintava painéis para procissões.

A obra principal de Manoel da Cunha, no gênero retrato, é o retrato do Conde de Bobadella, o benemérito governador de capitanias falecido em vésperas de ser vice-rei.

Por exceção, D. José I mandou colocar o retrato de Bobadella na sala principal do Senado da Câmara do Rio de Janeiro, a tela de Manoel da Cunha sujeita às mudanças de sede do Senado da Câmara, depois Câmara Municipal.

No retrato de Manoel da Cunha, Gomes Freire aparece com um gesto autoritário, em fundo de quadro uma nesga de águas do Rio de Janeiro e o esfumar de velas abertas ao vento.

O gesto de mando de Gomes Freire, o navegar daquelas naus têm significação histórica. O governador executa ordens, e logo de quem, de Pombal, relativas à expulsão dos jesuitas, cuja partida as velas desdobradas no quadro bem indicam.

Para retratar Gomes Freire recorreram os vereadores cariocas aos conhecimentos e à prática de arte de Manoel da Cunha, o que lhe abona reputação no seu tempo.

O retrato de Gomes Freire por Manoel da Cunha, homenagem a consagrar os méritos e serviços do valoroso servidor da corôa, daria ensejo ao pintor para se dirigir ao Senado da Câmara, os vereadores tidos por "homens bons" da cidade.

Em 1790, Manoel da Cunha, subscrevendo petição como Manoel da Cunha Silva, dirigia-se à edilidade num documento que temos por inédito. O documento probante além de valor próprio serve para dar-nos conta dos preços dos trabalhos de arte no declínio do Século XVIII.

Nos seguintes termos requereu o pintor:

Snrs. do Senado.

Diz Manoel da Cunha Silva q por ordem deste Senado pintou o Santo Padroeiro em hum Paynel gr.de e igual.le o retrato do Conde de Bobadella de corpo intr.º, e assim mais encarnou o S.to Padroeiro que costuma hir na procissão. Dourou a nova charola do m.º e as molduras dos dous retratos acima e o mais que consta da conta junta q emporta 280\$480 e porque quer haver o pagamento.

P. a. v. m sejam servidos mandar-lhe satisfazer

Manoel da Cunha Silva.

Conta anexa à petição:

Despeza com a pintura do Santo Padroeiro e o retrato do Conde de Bobadella.

P. 2 painéis gr.des hum de S. Sebastião e o retrato do G.or Gomes Freire de Andrade a 64.000 rs 128\$000.

Por outro santo pequeno para o estandarte 1\$600.

2 molduras douradas p.a os painéis 38\$400.

P.la Encarnação do Santo Padroeiro 26\$800.

O estofamento do tronco e o dourado da charola e seus pertences 64\$000.

8 escafiolas e 4 xapas para segurar os ditos painéis e parafusos 2\$240.

4 forquilhas de latão com suas ponteiras p.a a d.a charola a 960 3\$840.

2 bancos de encosto para o Almotacel e hua caixa 4\$000.

Rs 280\$480.

Manoel da Cunha Silva."

Na discriminada conta do artista pintor, certos objetos representam passado com o qual hoje alguns podem não estar familiarizados.

A charola atualmente é conhecida por andor, e ir de charola é expressão aplicada a quem vai às costas de outrem, coisa observável no Rio de Janeiro de agora, quando inundações afligem a cidade e se trata de atravessar ruas em correnteza de águas.

De bancos para o Almotacel não há mais necessidade pela simples razão de não existir mais Almotacéis, que outra edilmente inspecionavam os antigos pesos e medidas, as do tempo das arrobas, dos quintais, das canadas e dos almudes.

Sobre a petição e a conta apresentada por Manoel da Cunha Silva, o Senado da Câmara mandou ouvir o seu procurador.

Certificou este a veracidade das alegações do peticionário, obedecendo o procurador a despacho do Senado em 3 de janeiro de 1791.

Com uma celeridade burocrática ora digna de inveja, o procurador se manifestou no próprio dia do despacho e nos termos abaixo:

"Não ha duvida que se deve satisfazer os duzentos e oitenta e quatro mil quatrocentos e oitenta reis, importe da conta junta que procede do que ella manifesta tudo para o uzo do Senado.

Vossas Mercês mandarão o que lhes parecer.

R.º a 3 de Janeiro de 1791.

Manuel de Souza Meyrelles."

Reunidas as Mercês do Senado, mandaram o que lhes pareceu justo, mandaram satisfazer Manoel da Cunha Silva, fazendo as ditas Mercês o que muitos encomendadores não fazem: pagar o devido.

NOS BASTIDORES FEMININOS



ADELE JERGENS (Columbia)

MAGINEMOS que você teve um dia exaustivo, um dia de contrariedade ou de cansaço, e à noite lhe surge um convite para o cassino ou para uma recepção qualquer. Um convite a que, de maneira alguma, você não pode ou não quer renunciar. Diante do espelho você quase tem um impulso de recusa. Sua pele amassada está áspera, sem vida, suas alveolas estão profundas, e no canto da boca os sulcos lhe estão delineando o envelhecimento e o rosto onde os olhos estão apertados, as pálpebras pesadas, o olhar sem brilho. Ai então, sua inteligência a socorre e você resolve melhorar o seu aspecto, limpando o apetite — que não pode ser grande — e, com isso, você se sente satisfeita

— uma espera maior para o jantar. Antes de tudo lave o rosto, e a água fria já lhe trará alguma melhora com a sensação de frescor. Prepare então o seu banho, e enquanto a banheira se enche você, munida de duas compressas de algodão embebidas em água de rosas ou água boraginada, deite-se, procurando colocar a cabeça um pouquinho em nível mais baixo que as pernas, e aplique sobre os olhos as compressas. Fique assim em repouso até o seu banho estar pronto. Ao entrar no banho leve o seu rosto

lubrificado em azeite ou no creme de seu uso e, dentro da água tépida, continue repousando sua pele embebida no azeite ou no creme. Fique assim uns quinze ou vinte minutos. Depois do banho lave o rosto em água morna e procure deitar-se ainda alguns minutos na posição já indicada. Vista-se então e jante, pois ninguém pode ser bonita com o estômago vazio. E você verá uma outra mulher em seu espelho. Seus olhos estarão brilhantes, sua tez macia, suas pálpebras renovadas depois desse breve tratamento cuja duração pode ser de apenas uma hora.

NOS BASTIDORES FEMININOS



ADELE JERGENS (Columbia)

MAGINEMOS que você teve um dia exaustivo, um dia de contrariedade ou de cansaço, e à noite lhe surge um convite para o cassino ou para uma recepção qualquer. Um convite a que, de maneira alguma, você não pode ou não quer recusar. Diante do espelho você quase tem um impulso de recusar. Sua pele cansada está áspera, sem viço, suas olheiras estão profundas, e no canto da boca os sulcos lhe estão atraindo e envelhecendo o rosto onde os olhos estão apertados, as pálpebras pesadas, o olhar sem brilho. Aparentando inteligência a noite e você resolve melhorar o seu aspecto, limpando no apêndice — que não pode ser grande, talvez que você se sente fatigada.

— uma espera maior para o jantar. Antes de tudo lave o rosto, e a água fria já lhe trará alguma melhora com a sensação de frescor. Prepare então o seu banho, e enquanto a banheira se enche você, munida de duas compressas de algodão enbebidas em água de rosas ou água bordejada, deite-se, procurando colocar a cabeça um pouquinho em nível mais baixo que as pernas, e aplique sobre os olhos as compressas. Fique assim em repouso até o seu banho estar pronto. Ao entrar no banho leve o seu rosto

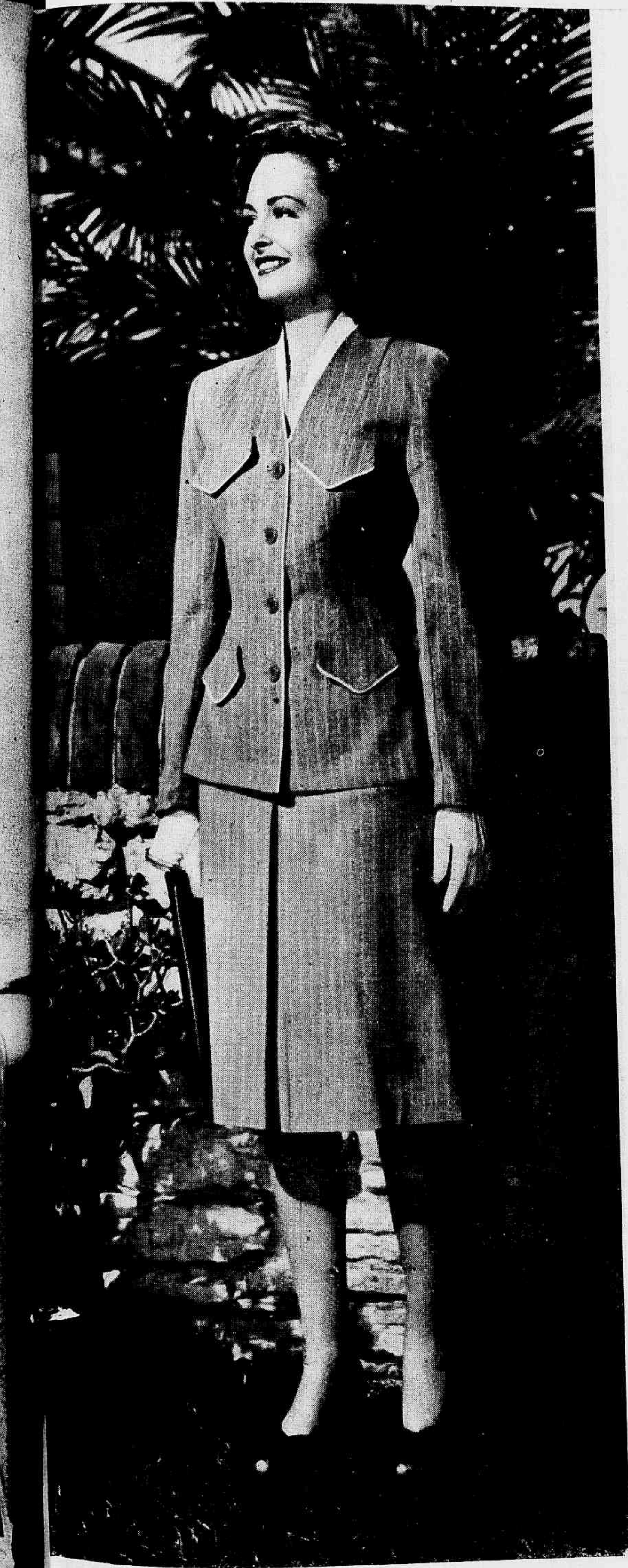
lubrificado em azeite ou no creme de seu uso e, dentro da água tépida, continue repousando sua pele embebida no azeite ou no creme. Fique assim uns quinze ou vinte minutos. Depois do banho lave o rosto em água morna e procure deixar-se ainda alguns minutos na posição já indicada. Vista-se então e tanto, pois ninguém pode ser bonita com o estômago vazio. E você verá uma outra mulher em seu espelho. Seus olhos estarão brilhantes, sua tez macia, suas pálpebras renovadas depois desse breve tratamento cuja duração pode ser de apenas uma hora.

OS MODELOS DA SEMANA

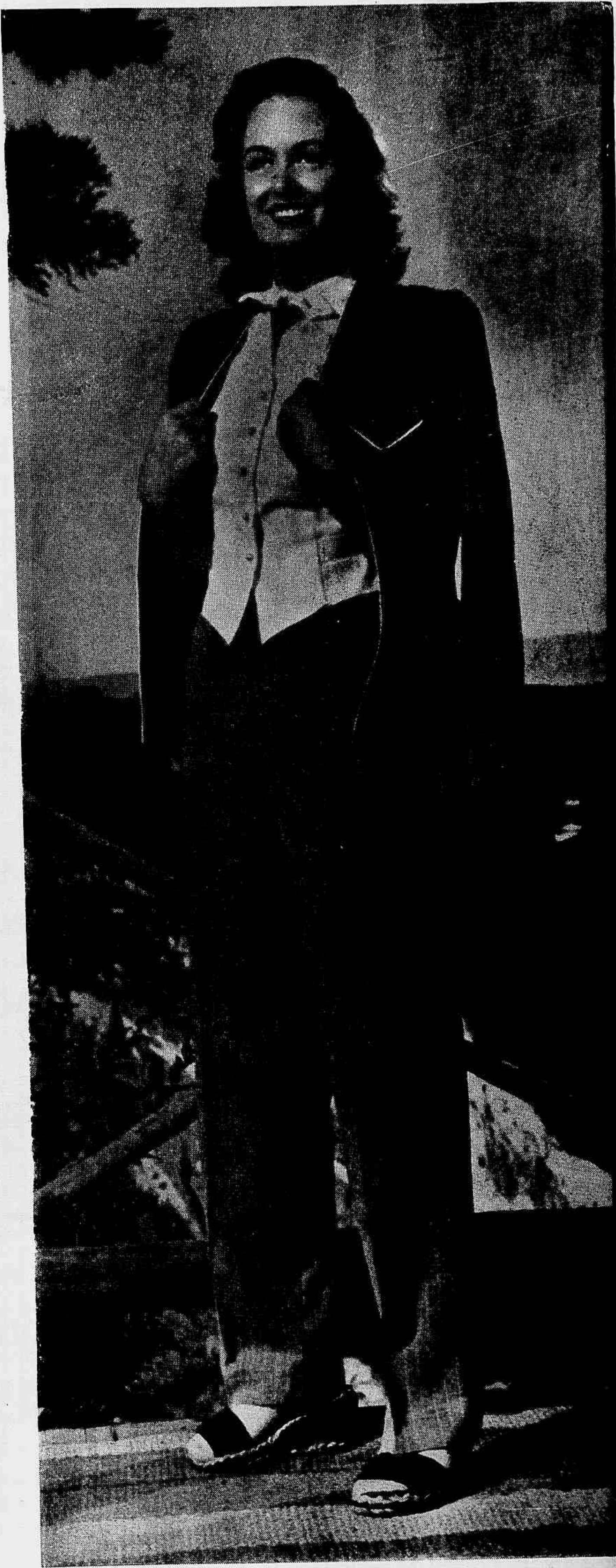
Originalíssima "toilette" em preto e branco, apresentada por Laraine Day. Faixa estreita de veludo negro e luvas em suedine preta.



Laraine Day, com sua elegância discreta, apresenta-nos um vestido em seda espessa azul marinho. Cinto vermelho e botões vermelhos.



Em lãsinha listrada, aqui temos um costume esporte apresentado por Donna Reed. Lã cinza com listras brancas; pequenina gola branca enviezada; os bolsos debruados em branco.



E aqui está a mesma jaqueta acompanhando uma calça esportiva. Um gracioso colete branco, sapatos rústicos em palha e corda completam esta encantadora sugestão apresentada por Donna Reed. (Fotos Metro).

UMA CRIATURA HONESTA

Conto de
MARY WILKINS
Ilustração de
José Antonio

— Está bem, coloquei os pedaços de fazenda da senhora Bliss no saco de estampado marrom, e os retalhos da senhora Bennet no saco de tecido de colchão — disse ela contemplando com satisfação os dois sacos en-

costados na parede da cozinha. — Dar-me-ão também um dólar pelas polainas e assim serão dois dólares. Tenho ainda no bolso um dólar e sessenta e três centavos, e em casa muita farinha de melado, um pouco de

peixe salgado e batatas. Irei bem avançar, não há motivo de aborrecimento... Primeiro porei em ordem a casa, e depois me ocuparei dos restos de fazenda da senhora Bliss.

A "casa" era qualquer coisa de minúsculo; compunha-se de dois cômodos e um pequeno telheiro que servia para guardar a lenha. Muito longe da estrada, não podia ter o aspecto de uma casa importante, mas possuía uma característica: não tinha fachada, nem uma pequena porta, nem uma ja-

da além d
steiros co
r. A razo
ima.

is anos at
ue lhe pe
do velh
consagra
nienas de
agros ren
n o que p
o-se acab
Entre! ant
ns anos d
deixand
gar a co
al; assim
e todo o
bre vasto
mãe e c
ida e co
sempre co
lo da cas
reu tamb
u isolada
selenita
ha, direit
netrantes
tantava
ia toda
juntava
petes e
tapetes p
o modo p
uela taro
morada,
o dos sa
iam dado

A senhor
de fazenda
bonitas. C
são belos
senhoras
estende
nostros c
elas e m
Ah! —
com adm
istas ros
estamp
pedaços
úvida do
e que nã
rtou algu
coser sã
a perlo
ia verda
olhava u
a vizinh
ntava un
era uma
va ver
não ten
mesma

E' uma
de falar
servi
ente um
s as va
a sua e
lo. Ah!
nencos à

ausênc
ra para
Quanc
para os
também
as sen

algumas
tugas
preiro
Ela os
avam p
e telô



da além de um grande muro branco. steiros ao passarem a olhavam com 1. A razão daquele fenômeno era ima.

is anos atrás, quando o desejo duma ue lhe pertencesse tinha invadido o do velho Simeon Patch, este não consagrar ao seu anelo senão algumas de dólares economizados dos agros rendimentos. Desta maneira fi- n o que poupava o que melhor pôde, o-se acabar a casa em tempos me- Entretanto estes jamais vieram; mor- ns anos depois, vítima de uma longa deixando contudo bastante dinheiro gar a conta do médico e a despesa al; assim a mulher e a filha ficaram e todo débito, no seu embrião de re vasto terreno deserto. E ali vi- mãe e a filha, ganhando duramente ida e contando sôdo a sôdo, opon- ãmpre corajosamente ao supérfluo, lo da casa a hipoteca tão detestada. reu também a mãe e Marta Patch u isolada a luta mesquinha. Contava setenta anos, era uma delgada e ha, direita como uma barra de ferro, netrantes olhos negros, e quando fa- rantava vivamente a cabeça.

ia tôda sorte de trabalhos para os , juntava pedaços de fazenda para petes e polainas, tecia toalhas e pe- tapetes para dormitório, e sacrificava o modo para a sua subsistência. uela tarde, depois de ter arrumado morada, dispunha-se a examinar o o dos sacos que duas vizinhas suas iam dado, encomendando polainas.

A senhora Bliss tem de fato belos re- de fazenda, conseguirá umas polainas bonitas. Os da senhora Bennet certa- são belos, mas não são comparáveis a senhora Bliss; há alguns pedaços ... estendeu sobre a mesa branca algu- nostras de tecido escolhidas entre as elas e maiores.

Ah! — disse ela contemplando uma com admiração — esta é magnífica... istas rosinhas são graciosas! Creio que e estampado francês. E não existem pedaços. Mas, de que saco os tirei? ávida do da senhora Bliss. E' preciso e que não os misture! rtou alguns em quadrado e sentou-se coser sobre um pequeno assento de a perto da janela. Desta não se go- ra verdade uma vista bastante agra- olhava unicamente para o lado direito a vizinha. Marta Patch, por isso, ex- ntava uma viva contrariedade, pois a era uma daquelas senhoras a quem va ver tudo o que se fazia fora de não tendo muitas coisas a observar mesma e na sua casa.

E' uma grande satisfação — tinha o de falar em tom muito sêco, que-partia nervos que do coração — é verda- mente uma grande satisfação, ver todos s as vacas do senhor Peter entrar e a sua estribaria. Mas é tudo o que lo. Ah! jamais ver pessoas que vão aenos à igreja, mas nenhuma, nenhu-

ausência de uma janela na frente da ra para ela fonte perene de desagrado. Quando o pastor prega para as viú- para os órfãos — disse um dia — de- também mencionar certas outras pes- as senhoras sem janela na frente da

algumas vêzes, voltando da escola, vá- tuncas tomavam um atalho através do reiro para chegar mais depressa em. Ela as espiava todos os dias e se elas avam preocupava-se, olhava frequente- o relógio resmungava:

— Pergunto-me onde possam estar estas pequenas Mosly!

Quando as crianças chegavam, as via caminhar com ávida atenção e em seguida pensava nelas por uma hora. Nem a menor avezinha passava diante da sua janela sem ser assinalada. Aquela inocente e velha madrinha nutria assim o seu espírito com os minúsculos incidentes domésticos.

Naquele dia interrompia mais frequente- mer, e o seu trabalho para contemplar um tentilhão dourado que esvoaçava em torno de um arbusto à sua frente. Era no princípio da primavera e os ramos se cobriam duma côr verde-pálida.

— É, creio — disse ela — o mesmo ten- tilhão que vi ontem. Talvez faça o seu ninho sôbre aquêlo olmo.

Observara o progresso da erva que, pouco a pouco, invadia todo o terreiro, e um trato de terreno, em que a verdura crescia muito mais verde e muito mais cerrada que noutra lugar, ocupava seriamente o seu pen- samento.

— Desejaria saber — dizia a uma sua vizinha — se aquêlo lugar é mais verde por- que o sol ali incide mais tempo, ou porque ali está enterrada qualquer coisa.

Trabalhou com assiduidade para fazer as polainas que, depois de quinze dias, estavam quase terminadas. Certa manhã se apressou para acabar a última, pretendendo levar am- bas às suas proprietárias durante a tarde. Não se interrompeu nem para comer. Antes de enrolar e empacotar os trabalhos, teve em dado momento um sobressalto:

— Que fiz? — exclamou — Meu Deus! Porventura apliquei o estampado de rosinhas da senhora Bliss nas polainas da senhora Bennet? Mas sim, sim, tão certo como o que disse o Pastor. Que devo fazer agora?

A pobre e velha criatura olhava as po- lainas com uma consternação indizível.

— O trabalho de uma quinzena! — mur- murou. — Que devo fazer? Aquelas rosinhas são as mais belas! A senhora Bliss ficará furiosa de vê-las nas polainas da senhora Bennet. Nada dirá, pagar-me-á. Mas inti- mamente levará isto a mal e creará que se trata de incivilidade. Não, se quero ganhar o dinheiro, é preciso ganhá-lo... — E fez um brusco movimento com a cabeça. Tôda a coragem que animava seu pai, quando foi habitar naquele embrião de casa sem janela na frente, se revelou nela. Fez uma xícara de chá e se acomodou deliberadamente perto da janela para descoser e separar em retalhos as duas polainas.

— Uma janela de frente ser-me-ia útil para fazer este trabalho — pensava.

Contudo trabalhou pacientemente com a tesoura até a noite, não se interrompendo senão para um rápido exame das pequenas Mosly.

Depois de alguns dias de labor contínuo, os retalhos foram novamente reunidos e desta vez o estampado rosa estava nas polainas da senhora Bliss. Marta Patch enrolou então o seu serviço com um suspiro de alívio e um sentimento virtuoso de triunfo.

— Deixarei fora as peças que permane- cem no saco — disse ela — depois as levarei e me pagarão.

E se pôs a tirar fora do saco de tecido de colchão os retalhos, colocando-os sôbre os joelhos e alisando-os com uma das mãos an- tes de enrolá-los em conjunto. Porém num momento empalideceu e fixou com expressão perdida um pequeno pedaço de estampado que tinha pescado no saco.

— Meu bom Senhor! — exclamou — Não é possível!

Amarrou as polainas da senhora Bliss que estavam sôbre a mesa e pôs o pedaço de estampado junto aos quadrados ornados de rosas.

— E' precisamente o mesmo — gemeu



— e este veio do saco da senhora Bennet. Ah! desgraça, desgraça!

Deixou-se cair desesperada na sua ca- deira, próxima à janela, segurando ainda as polainas e o pedaço revelador e olhou para fora com olhos fixos e desolados. Os seus pobres e velhos olhos estavam trêmulos e velados pelas lágrimas.

— Eis as pequenas Mosly que chegam — disse ela. — Afortunadas crianças que riem e cantam, que voltam para casa junto à mamãe, onde encontram certamente um bom jantar. Quanto a isto que me sucede,

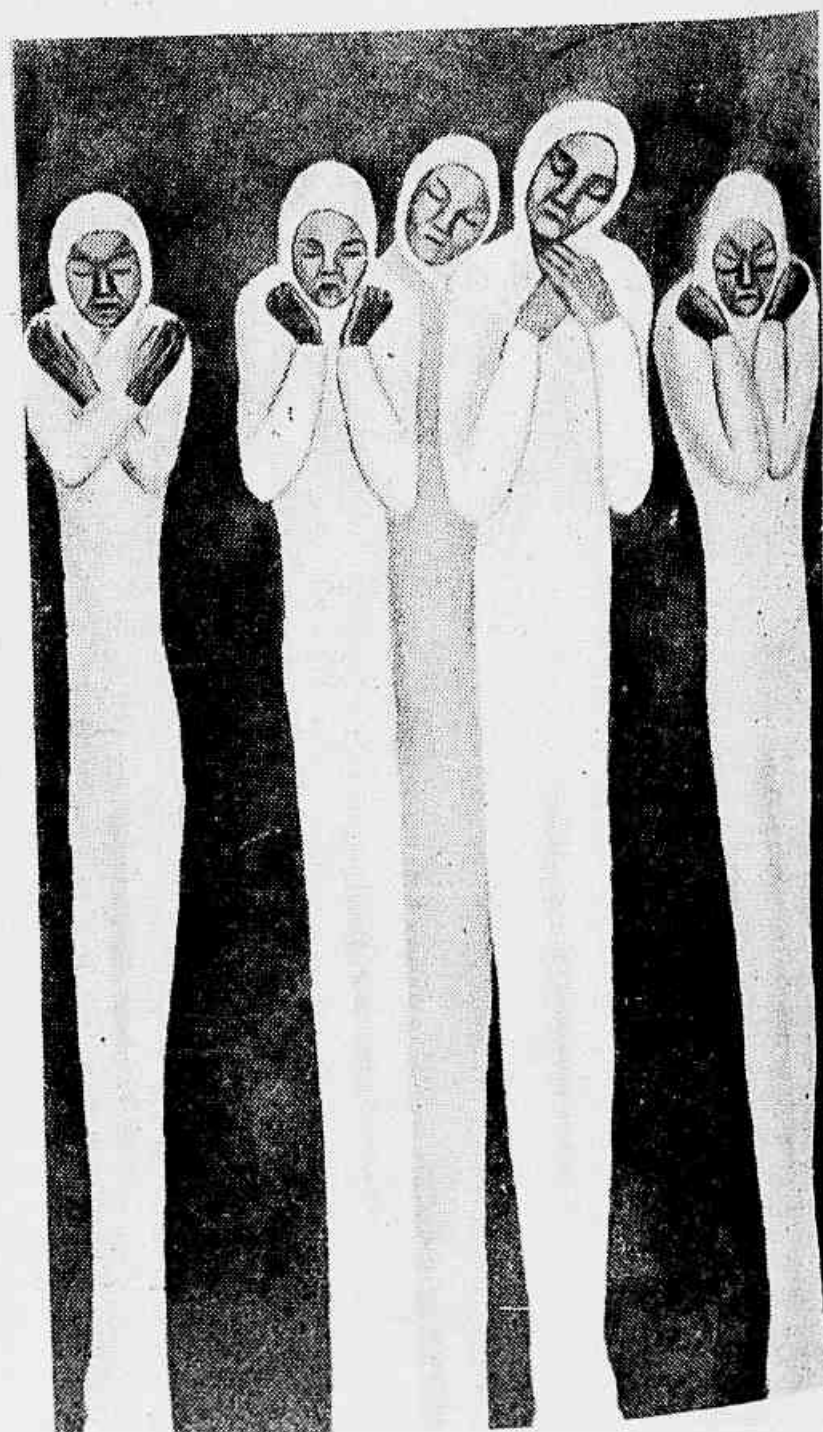
é uma lição que não aprenderam nos seus livros, praza a Deus que jamais a tenham de aprender!... Oh! ali está uma chicoreazinha que floresceu naquele ângulo verde. Claro é que existe qualquer coisa enterrada lá. Bom Deus! E' preciso pois que eu ainda desfaço em pedaços estas duas polainas e que as refaça?

Enfim resolveu levar um pedaço de es- tampado rosa da senhora Bennet e verificar, sem revelar o seu embaraço, se realmente lhe pertencia.

(Continua na pág. 43)

ARTES PLASTICAS

Atravessamos um fim de temporada de inverno empolgante, em relação às artes plásticas. Abrem-se os salões para novas e consecutivas exposições, principalmente de pintura, cujos adeptos são em maior número, e a crítica de arte vai registrando, dia após dia, novos e interessantes surtos, empreendimentos que vão ficando gravados, com letras marcantes, nos anais brasileiros. Agora mesmo aí está inaugurada no Museu Nacional uma exposição que vale por uma nova mensagem de arte a qual se fez portadora Pola de Rezende. Desta vez não é uma pintora e sim uma escultora que nos oferece uma série de interessantes trabalhos. Damos nesta página a reprodução fotográfica de dois dêles, pelos quais se observam as características modernas e pronunciadas da artista que se fez simplesmente por vocação, "sem escolas e sem mestres", ela mesma o diz. Pola de Rezende sabe mostrar-se humilde mas poderosa intérprete de uma arte na qual faz exprimir a fôrça de sua inspiração. A gravura superior mostra-nos a "Nossa Senhora do Perdão", mística, frágil, triste e bela como a prece de um desesperado", definição textual da própria criadora. São muitos os trabalhos expostos no Museu Nacional, em uma eloquente e bem vinçada expressão de arte que obedece ao ritmo do século, na sua vertiginosidade, na simplicidade dos traços, na modelagem da obra que está merecendo da crítica e do público sinceros aplausos.





Hollywood, julho. (Por Luiz Serrano, correspondente da REVISTA DA SEMANA) — A visita do major brigadeiro Armando Trompowsky aos estúdios da Metro constituiu um motivo de sensação na colônia cinematográfica. São desse acontecimento as fotografias que hoje envio, vendo-se na superior, à esquerda, o nosso patrício cumprimentando Greer Garson num intervalo da filmagem de "This Strange Adventure", onde ela terá como "partenaires" Clark Gable e Joan Blondell. Na gravura à direita o major brigadeiro

A REVISTA EM HOLLYWOOD

aperta a mão de Robert Montgomery, intérprete de "They Were Expendable", seu primeiro trabalho depois de três anos permanecendo a serviço das atividades de guerra. No "clichê" inferior, flagrante do almoço oferecido pela Metro ao major brigadeiro Trompowsky e seus oficiais, vendo-se Carmen, Aurora e a sra. Miranda, mães de ambas; e outros destacados elementos, convidados pela Metro. Acompanhavam o ilustre oficial o coronel Henrique Fleiuss, o capitão Gilberto Menezes e o capitão Harry S. Lester.



Ele prometeu pagar-lhe duas mil libras pelo estranho serviço...

O homem fez um sinal e o fotógrafo bateu a chapa. Mais tarde, no seu luxuoso apartamento, no Ritz, ele recebeu as provas da fotografia. Examinou-as cuidadosamente e disse, por fim:

— Magnífico!

Era um homem de poucas palavras e aquela exclamação poderia ser tomada como verdadeiramente rara em sua boca.

Dera o nome de Stenton ao porteiro, na hora de assinar o registro no hotel, e o rapaz sorria, maliciosamente. "Com certeza está planejando alguma aventura! Como se eu não soubesse seu verdadeiro nome!". Ele porém não suspeitara de que fôra descoberto tão cedo. Ao contrário, cada dia encontrava uma nova maneira de disfarçar com maior perfeição a sua identidade. O procedimento de Mr. Stenton — é o nome que lhe daremos por enquanto — era estranho. Ao que parecia, ele tinha uma mania: comprar luvas. Isso, de certo modo, poderia ser explicado num rapaz elegante. Mas o que não se justificava é que ele todos os dias visitasse a mesma luvaria, se fizesse servir pela mesma empregada, e ainda, além de tudo isso, a mandasse fotografar às ocultas, quando ela saía da loja.

Alys Southey, a jovem vendedora, tinha uma séria aversão pelo freguês constante que já tinha inspirado brincadeira da parte de suas colegas:

— Qualquer dia você pesca êsse ricoço! — dissera uma delas e Alys, depois de corar até a raiz dos cabelos, protestara com violência. Demasiada violência.

A verdade era que ela estava, de fato, precisando arranjar um marido. Não a moviam motivos de ordem romântica, mas necessidade material. Queria, a todo custo, abandonar a casa de seu padrasto e só poderia fazê-lo, naturalmente, quando tivesse o suficiente para se manter. Isso, todavia, não era o mais importante, pois ela estava certa de que poderia passar melhor com seu pequeno ordenado em uma pensão do que na casa de seu padrasto, que, depois de casado novamente, a tratava com indiferença e mesmo com certa impaciência. O que a impedia de pôr em execução os seus planos era sua irmã Olga, que não poderia continuar lá depois que ela saísse. E como pagar as despesas da menina com o pouco que lhe dava a Luvaria? Pensara seriamente em casamento. Dera aliás atenção a um pretendente que se animara a pedir sua mão. Mas no último momento perdera inteiramente a coragem e recusara. Isso fizera com que o padrasto e sua mulher insissem nas insinuações que frequentemente faziam:

— Você parece que quer ficar para titia, francamente!

Sim. Eles desejavam que ela fôsse para longe e levasse consigo sua irmã. E outra não era sua vontade; porém, como já se disse, faltavam-lhe os meios.

Eis por que corara quando lhe tinham falado em Mr. Stenton. Naturalmente, não porque quisesse casar com ele, mas

porque casar era mais do que uma necessidade. Casar ou fazer sua independência econômica.

Naquela manhã, quando ele entrou na loja, ela sentiu-se irritada. Que vinha fazer aquele homem, afinal de contas? Muito breve saberia. Na verdade foi aquela a primeira vez em que ele lhe dirigiu algumas palavras que nada tinham a ver com o serviço. Palavras que a encheram de espanto e que têm grande importância nesta história. O diálogo travou-se mais ou menos nestes termos:

— Luvas?

— Cinzentas... O tamanho a srta. já sabe.

— Eis aqui algumas de qualidade superior. Esta...

Ele interrompeu-a:

— A situação em sua casa está insuportável, não é verdade?

Ela levantou os olhos surpreendida:

— Como se atreve o senhor a tratar de um assunto particular?... Como soube o senhor que eu...?

— Nada disso interessa. Tenho um serviço importante a fazer. A senhorita poderá ajudar. Pela sua colaboração estou disposto a pagar duas mil libras. Aceita?

— Não conheço o senhor. E além disso não sei que espécie de serviço é.

Ele sorriu:

— Nada que a senhorita não possa fazer sem ofensa à sua honra ou dignidade.

Em seguida, sem mais uma palavra, ele tomou o embrulho com as luvas, apanhou a nota que ela escrevera e foi pagar a despesa na caixa. Feito isto saiu assobiando.

Deixara sobre o balcão um bilhete:

"Espero-a, hoje à noite, no Restaurante X... desde as sete horas. Venha o mais cedo que puder — Harry Stenton."

Durante muito tempo hesitou à porta do restaurante luxuoso. Finalmente decidiu-se. Assim foi que somente às sete e meia perguntou ao porteiro:

— Mr. Stenton?

O porteiro imediatamente respondeu:

— Está à sua espera. Reservado n.º 4.

Um "boy" acompanhou-a até a porta e bateu.

— Entre!

Era a voz de Stenton. O menino abriu a porta e fechou-a atrás dela depois de fazê-la entrar.

Stenton encarou-a:

— Está disposta a fazer o que eu lhe pedi?

— Em primeiro lugar preciso saber do que se trata.

— Isso infelizmente é impossível.

— Mas... Se não é nada ilegal ou...

— Asseguro-lhe que não se trata de crime algum, mas é uma coisa secreta. Isso é que é a verdade.

— Então...

(Continua na pág. 42)

As joias de Lord Ilcombe

Conto de EDGARD WALLACE



Realizou-se na capital pernambucana o enlace matrimonial da senhorita Dacy Barros, filha do sr. João Manso de Barros e senhora Maria Soares de Barros, com o sr. Kenneth W. Fowler, das Forças Armadas dos Estados Unidos. Este flagrante foi tomado na capela do Hospital do Exército Americano, onde se realizou o ato religioso.

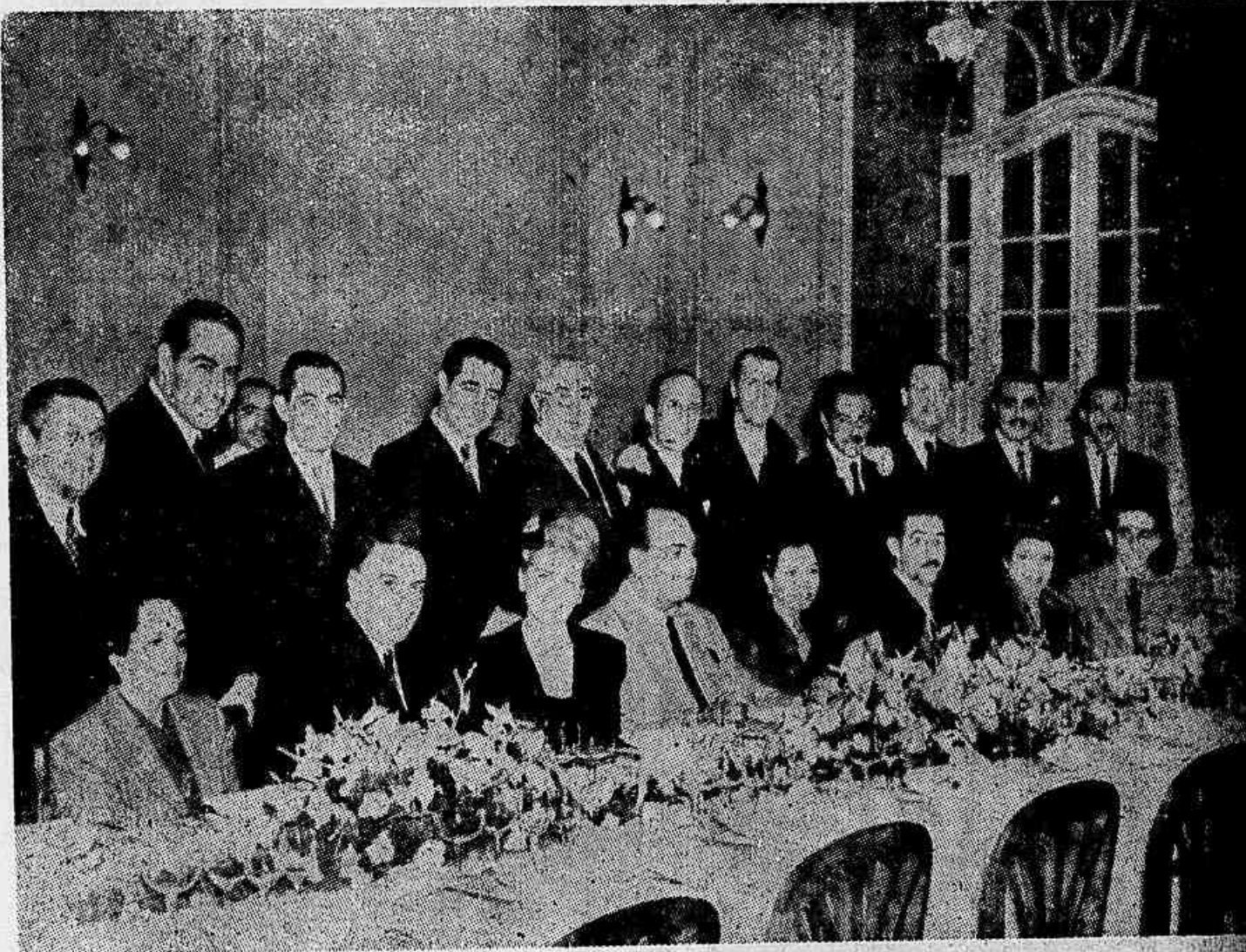
FIGURAS E FATOS



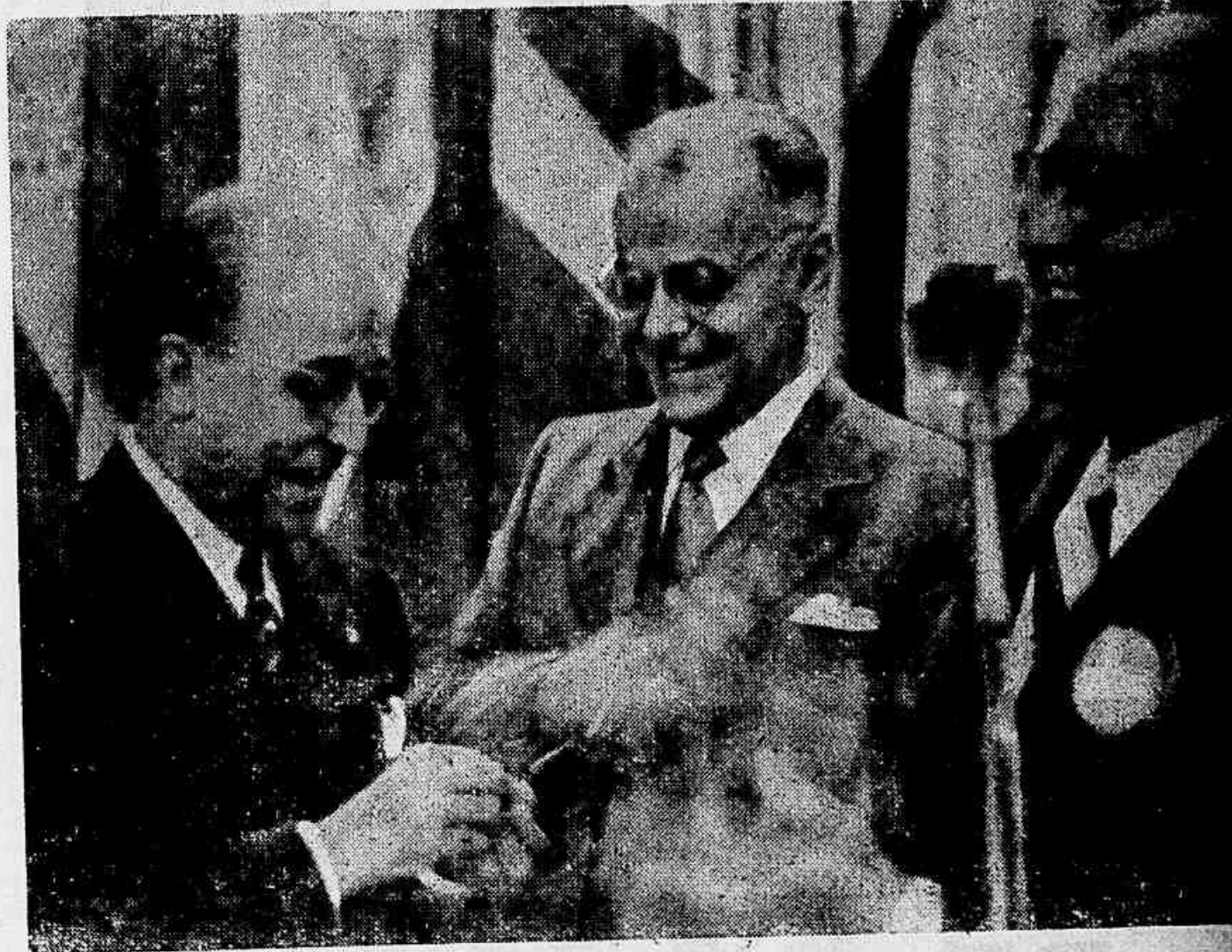
Vera Lucia, filha do dr. Joffre Amado de Mello e Silva, gerente do Banco do Distrito Federal, e sua exma. esposa d. Esther Chagas de Mello e Silva.



Flagrante obtido na Sociedade de Geografia, na noite de 11 do corrente, por ocasião da entrega de prêmios em brilhante reunião que ali foi levada a efeito, com a presença de seus mais proeminentes membros.



Aspecto do banquete oferecido pela Delegação dos Autores e Compositores Argentinos, Mexicanos, Bolivianos, Uruguaios e Chilenos à Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, num ambiente de grande confraternização.



ROTARY CLUB — Flagrante tomado em recente reunião do Rotary Club desta Capital, no momento em que o sr. Pacheco de Aragão, o do centro, passava ao sr. Carlos Brandão, o primeiro à esquerda, a presidência do Rotary Club do Rio de Janeiro. À direita, o sr. Renée Levy.

(Foto do sr. Machado Valente)

Livros

ÚLTIMAS ORAÇÕES, de Clementino Fraga — Editora "A Noite" — Rio de Janeiro, 1945.



Últimas, bem entendido, até hoje. O Sr. Clementino Fraga é dos que trabalham sempre. E não apenas porque queiram trabalhar mas porque, no sentido mental e psicológico do verbo, precisam de trabalhar. Assim lh'o impõe o pensamento que não cessa de gerar conceitos de nobre utilidade; assim lh'o exige a essência mesma do sentimento, todo afecto e altruísmo. Quem possua semelhante manancial de idéias e de generosidade humana, a cada momento enriquecido por novas reflexões e estudos novos, não pode permanecer no goso dessa fortuna sem a repartir pelos outros. Necessita sobretudo de que os outros a desfrutem, e dela se apropriem. Tal a tendência e tal o destino dos que vieram ao mundo para ensinar. Assim o autor das *Últimas Orações*, em cuja capa devia estar, bem saliente, o ano de 1945, para se saber que só até esta data, se não talvez até lezembro ou daqui a um mez, elas são as derradeiras.

As primeiras quarenta páginas deste livro por todos os títulos valioso trazem o discurso do recipiendário de junho de 1939 na Academia Brasileira de Letras. A praxe de tais solenidades o levou a tratar sucintamente do patrono da cadeira, Teófilo Dias; e pena foi que tal homenagem se não prolongasse de maneira a dar mais ampla e acentuada imagem daquela individualidade singular. Há muito se não fala, por assim dizer, do poeta das *Fanfarrias*, com a sua peregrina sensibilidade; o amor e a volúpia do perfume que o aproximavam de Baudelaire; o destaque fulgurante que a sua obra alcançou numa época. Não o podesse fazer, naquele momento, o Sr. Clementino Fraga, porque a mesma programática lhe reclamava louvores dilatados, e que nunca seriam demasiados, ao seu antecessor, Afonso Celso. Mas a dívida ficou em aberto; e a glória de Teófilo Dias, hoje pouco menos que esquecida, lh'a irá permanentemente cobrando até ao total pagamento.

De Afonso Celso nos diz o orador as coisas que todos nos dizemos a nós mesmos e com a mesma eloquência quizeramos externar acerca daquela figura de alto saber e alta bondade, tão fidalga pelo espírito como pelo coração. Começa, pela ordem cronológica, historiando-lhe e analisando-lhe a carreira política; sucessivamente o vai estudando como jornalista, lente de Faculdade, autor de contos e de romances, poeta, acadêmico; e assim compõe um trabalho não somente harmonioso mas que dá bem a impressão de completo.

Na conferência *Vida e obra de Antero de Quental* entraram, em fraternal colaboração, o sábio e o artista. Os conhecimentos de neurologia e psiquiatria, de que o professor Clementino Fraga dispunha, proporcionaram ao esteta Clementino Fraga um cabedal preciosíssimo que ele soube da melhor maneira aproveitar. Antero vem realmente à nossa presença, sapiente e cheio de dúvida, ora tenebroso ora fulgurante, se não paradoxalmente as duas coisas e, na derradeira, faz, sempre atormentado e genial...

Seguem-se, de menores dimensões, não, porém de inferior qualidade, discursos e lições, na mesma Academia de Letras, na Academia Nacional de Medicina, na Sociedade de Medicina e Cirurgia, em outras instituições — que sem dúvida se consideraram, todas elas, afortunadas por ouvir palavra de tal inspiração e tal esmero.

A HUMILDE ESPERA, contos de Helena Silveira — Livraria do Globo — Porto Alegre, 1945.



Dá o título ao presente livro um dos contos nele reunidos, não o primeiro da série, como nas obras de Maupassant e doutros autores, mas provavelmente aquele que a Sra. Helena Silveira considerou o melhor. Não diremos outro tanto. Realmente, porém, se trata duma bela e dolorosa história, destas que nos apertam o coração, mas ao mesmo tempo nê introduzem uma suavidade compensadora. É o efeito que a formosura sempre exerce, ainda quando nos ofereça o mais cruento dos espetáculos. A Sra. Helena Silveira tratou êsse e outros quadros de infortúnio, empregando tintas que, por exata, não deixam de revestir o assunto de comunicativa poesia.

Uma mulher que fora ardentemente amada, que fora lisonjeada com todas as homenagens da paixão, pouco a pouco veio sentindo como o seu prestígio descia, definhava, se apagava até chegar ao abandono e à substituição. . . Agora, alta noite, está ela no leito, esperando o companheiro que tanto tarda e sabe Deus se voltará. . . Na escuridão do quarto, reconstitue, à luz íntima da recordação os dias que passaram e quer antever as agruras, talvez piores, de amanhã. De vez em quando, surge-lhe em frente uma esperança. Uma reviravolta da sorte, um regresso ao princípio de tudo lhe sorri como possível, quase certo — e por que não certo de todo? Mas os maus pressentimentos retomam o seu domínio. E, de qualquer modo, é a dúvida aquilo que, no seu pensamento e no seu coração, mais perdura e atormenta. "A dúvida é o pior dos males. Prefiro saber de uma vez". Nesse momento, porém, ouve-se que chega. O homem entra devagarinho. E ela percebe que vem "ausente". Não estranhou encontrá-la acordada. Em silêncio se vai preparando, acomodando para dormir. Imobiliza-se sob a roupa e ela se imobiliza também: "É como se um Deus estivesse ao meu lado. . . um Deus que dormisse tranquilamente, uma grande criança inconsciente do seu poder". Se ela deixar de conter os protestos, as queixas da alma em revolta e em pranto, poderá perder para sempre aquele resto, aquela derradeira migalha de felicidade. E então, morle o travessão e aloja interiormente a sua mágoa, para o não acordar.

O primeiro conto, que, com o mesmo direito ou a mesma propriedade, poderia baptisar o livro, é também agudamente sugestivo, com as emoções duma adolescente, estudante de violino mas já, pela emotividade, pela aspiração, verdadeira artista, e a qual, vindo da aula e parando, fatigada, junto à grade dum jardinete, foi pela dona da casa convidada a entrar e aceitar algumas rosas. Dias depois, voltou a mocinha irresistivelmente, a contemplar as roseiras e a habitação da dama afabilíssima. Graças a novo convite, entrou para a sala, saboreou *kombos*, deixou se acurinhar, sonhou ter uma casa assim, ser uma mulher assim. . . A intervenção efusiva e descerebrada dum homem chegado da rua interrompe aquela cena familiar. Mas a dona da casa repele com indignação o importuno. "Não vê a menina? Párel Saia daí de frente da porta!" E, voltando-se para a mocinha, pede-lhe perdão de a ter feito entrar. "Mas não ha desculpa. Eu não me perdooarei. Nunca mais passe por aqui, minha querida. Esta rua não existe ao seu mundo. Dê uma volta grande, se precisar, uma volta grande. . . mas não passe mais por aqui!"

A Sra. Helena Silveira não respeita — é moda, infelizmente — todas as regras da gramática. Há, porém, no fundo do seu estilo alguma coisa, um condão, uma essência que se impõe ao gosto como cativa o sentimento. E, em verdade, desejariamos contar por nossa vez, reduzindo-as embora, todas as histórias deste livro sedutor.

Hidrex

ELEGANTE,
PRÁTICO E
ECONÔMICO

★
FUNCIONAMENTO
GARANTIDO
POR CINCO ANOS

★
O CHUVEIRO
"HIDREX" É O
COMPLEMENTO
DO BANHEIRO
MODERNO



**O CHUVEIRO ELETRICO
QUE NÃO FALHA!**



**VENDAS COM GRANDES FACILIDADES PELA
"SERVE" Ltda.**

LARGO DA CARIOCA, 5 - S. 503 - FONE 42-8391

A "SERVE" PODERÁ
FORNECER TODOS OS
APARELHOS ELÉTRICOS
INDISPENSÁVEIS NUMA
RESIDÊNCIA MODERNA

MAIS VALE
PREVENIR...
DO QUE
REMEDIA

SIGA
ESTE
PROVERBIO



TOME E DÊ
AO
SEU FILHO
EMULSAO
DE SCOTT

Novos

O DIABO NA LIVRARIA DO CÔNEGO, pesquisa e comentários de Eduardo Frieiro — Livraria Cultura Brasileira, editora — Belo Horizonte, 1945.



O Sr. Eduardo Frieiro, autor, entre outras obras, de dois livros excelentes de erudição e de senso crítico: *A Ilusão Literária* e *Os livros nossos amigos*, vem agora contar-nos em que condições e por que razões o demônio se encontrava na livraria do cônego Luís Vieira da Silva, uma das mais nobres, embora não das mais faladas, figuras da Inconfidência Mineira. Há até quem o considere, diz-nos o Sr. Frieiro, "o mais instruído e eloquente de todos os conjurados mineiros". A verdade, e política ou patriotismo à parte, é que o sacerdote ilustre, professor de filosofia, orador dos mais admirados e homem notoriamente pobre, reuniu na sua residência, nos sertões das Minas Gerais, duzentas e setenta obras, com cerca de oitocentos volumes. Bem humildes estantes essas, comparadas às de Rui Barbosa, do grande advogado e homem de letras paulista Sr. Plínio Barreto, ou do conde Pinheiro Domingues que contêm, estas últimas, mais de vinte mil volumes. Considerando-se, porém, a época, o lugar e as difíceis condições pecuniárias de Luís Vieira da Silva, a sua biblioteca, pelas leis da relatividade, se avanta às mais vastas e preciosas

que hoje se possam mencionar. E justamente da sua opulência lhe veio a má fama, a suspeição temerosa, que trazia alerta as autoridades e arrepiava os beates, de estar ali metido, tramando e manobrando, para a perdição das almas, o próprio espírito de Satanaz. O Sr. Eduardo Frieiro revela-nos os títulos dos volumes assim malditos, entre os quais havia os clássicos gregos e latinos; os quinhentistas, seiscentistas e setecentistas portugueses; os grandes franceses da tragédia e do poema; os italianos Tasso, Metastasio e alguns outros; vários dicionaristas; autores de direito civil e de direito canônico. Quas tantas inteligências excomungadas pelo critério provinciano do tempo!

Quas tantas almas, ou, como popularmente se diz, quantos almas do diabo! "Tiramos longe — observa Eduardo Frieiro na última página do seu precioso livro — se nos quizessemos deter no exame minucioso da livraria do antigo lente de filosofia de Mariana. O que esmiuçamos até aqui é o bastante para saber-se o que lia — e como lia bem! — um brasileiro ilustrado de fins de Setecentos, o mais ilustrado brasileiro do seu tempo, na opinião de Alberto de Faria. Homem "instruído e noticioso", como a ele se referiu uma testemunha da inquirição — devassa, o cônego da Sé marianense era bem o tipo do leitor *à la page*, e leitor surpreendente, pois que, mesmo no interior da mal povoada capitania das Minas Gerais — atentemos bem nisto — e apesar do estado de pobreza em que vivia, soube encontrar alimento abundante e variado para o seu apetite literário, a sua fome de saber. Esse geralista letrado tinha talvez no coração a máxima que um escritor seu conhecido, o historiador Robertson, punha em todos os seus cadernos: *Vita sine literis mors est*!"

Perfil de um Estadista da República, ensaio biográfico por Antônio Carlos Villagão — Rio de Janeiro 1945.



Mais uma obra consagrada ao Barão do Rio Branco e a propósito do centenário do seu nascimento. O Sr. Antônio Carlos Villagão, escritor muito moço, como ficamos sabendo pelo prefaciador do livro, Sr. Luciano Lopes, da Academia Carioca de Letras, rende ao grande Chanceler um preito que, por si só, não deixa de ser valioso. Com tal homenagem se apresenta nas letras. Não poderia haver coisa mais simpática. E por estas páginas fôra se encontraram, entremecendo com o material de documentação, comentários e comentários que traduzem veemente e belo entusiasmo. Como já fizeram outros panegiristas, entre os quais, e mais recentemente, Raul do Rio Branco, filho do insigne estadista, e o Sr. Afonso Carvalho, segue o autor do presente volume, uma a uma, as etapas daquela carreira que, a bem dizer, já principiou gloriosa. Depois de rápido capítulo, "Dias de infância e de mocidade", acompanha o então correntemente chamado Juca Paranhos iniciando-se na vida pública e diz-nos da sua entrada para o Parlamento, onde Raul, Visconde do Rio Branco, impunha uma das mais nobres figuras de político e de orador que o Brasil tem conhecido. O quarto capítulo trata já do diplomata Paranhos Junior na sua missão consular, em Liverpool; em Washington, como representante e advogado do Brasil na questão de limites com a Argentina; em Berna e finalmente em Berlim. O capítulo mais longo história a ação de Rio Branco, Chanceler. Nas páginas que se seguem destaca o biógrafo as feições dominantes na grande individualidade: o Patriota, o Americanista, o Escritor. Os últimos capítulos propriamente ditos obedecem aos temas "Rio Branco e a Mocidade" e "Rio Branco e a hora em que vivemos". Mas há ainda uma Adversidade em que o Sr. Antônio Carlos Villagão explica porque resolveu dar ao seu trabalho a orientação nele observada.

Na relação bibliográfica final, vêm citadas obras de A. d'Espanet, Getúlio Vargas, Graciano Azambuja, Hermes da Fonseca Filho, Liberato Bittencourt, Max Fleiuss, Pandiá Calógeras, Ramiz Galvão, Raul do Rio Branco, Rio Branco, Rocha Pombo, Rodrigo Octávio, Ruy Barbosa, Sylvio Romero, Visconde de Taunay e artigos de D. Júlia Lopes de Almeida, Clovis B. Villagão, Carlos de Laet, João do Rio e João Luso.

J. L.

SAUDAÇÃO ÀS SENHORAS DE ARAÇATUBA. — Ariobaldo F. de Oliveira Lima. — São Paulo. — 1945.

Recebemos do ilustre médico e intelectual patricio Sr. Ariobaldo F. de Oliveira Lima um folheto contendo a brilhante oração que S. S. proferiu em Araçatuba por ocasião da entrega de certificados aos reservistas de 1944.

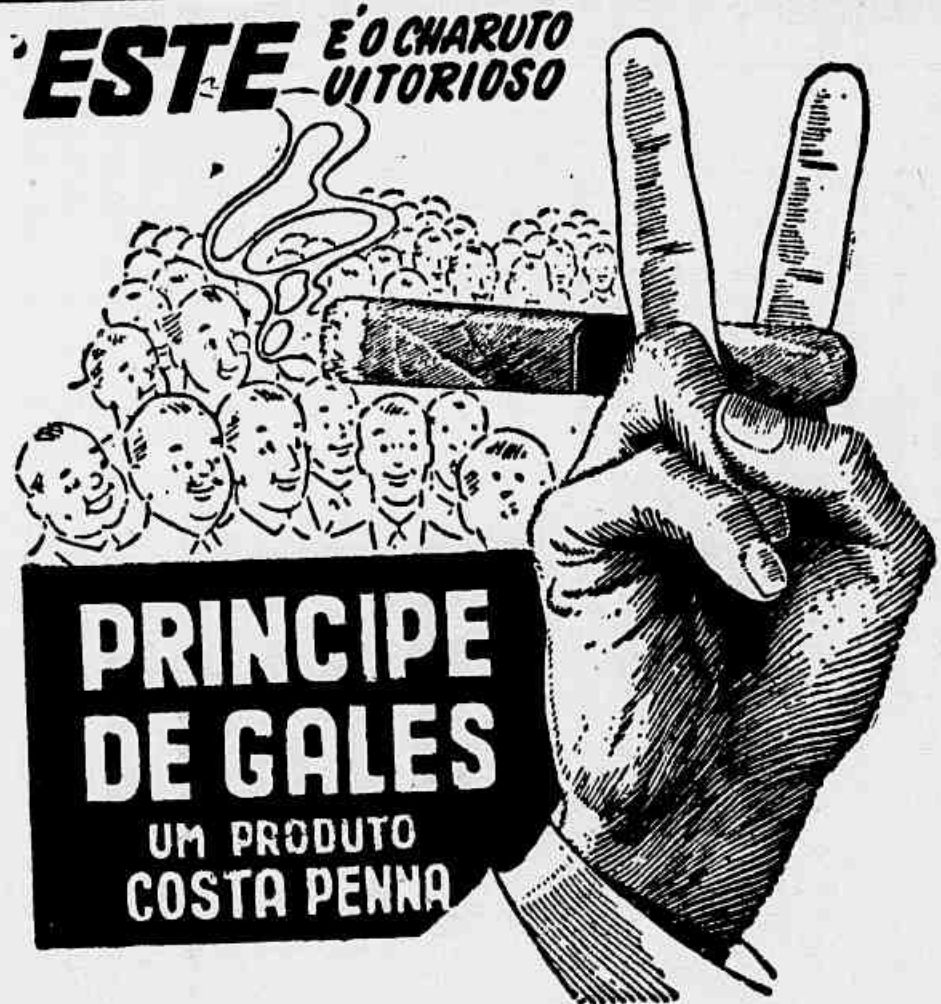
Em outro folheto, também do autor, este aborda, em palestra realizada no Rotary Clube daquela cidade, aspectos da Instrução Nacional — trabalho em que S. S. realinha suas qualidades de inteligência e cultura.

NAÇÃO ARMADA — Recebemos o número 67, do 6º ano, correspondente a Junho de 1945 do mensário supra-referido.

ALMANAQUE DO EXÉRCITO. — Imprensa Militar. — Rio, 1945.

Recebemos um exemplar do "Almanaque do Exército" organizado pela Secretaria Geral do Ministério da Guerra. Além do material normal, traz fotografias do patrono do exército e dos patronos das diversas armas.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



PRINCE DE GALES
UM PRODUTO COSTA PENNA



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agrada.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos gratia.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 46 - 5º. And.

Nome

Rua

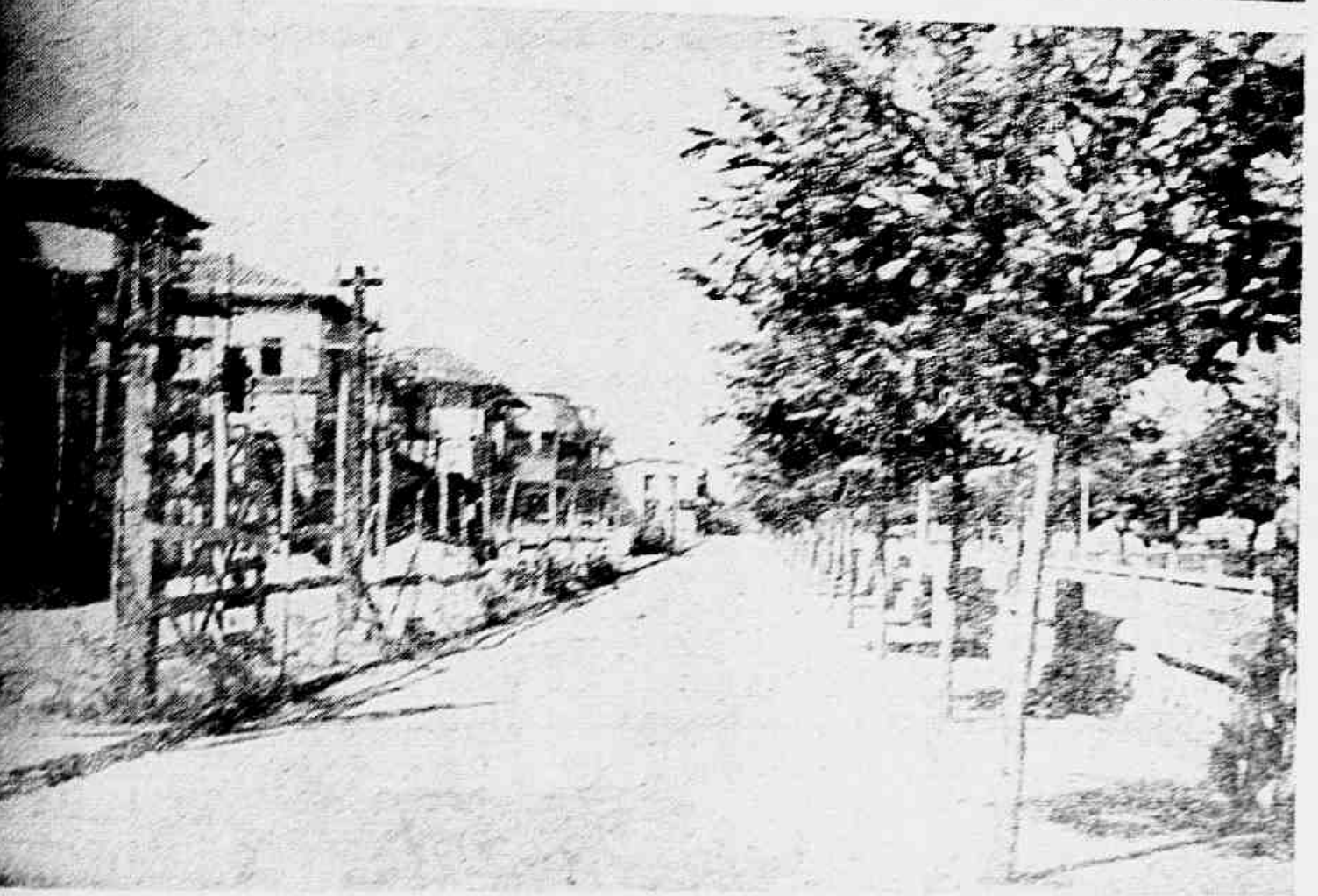
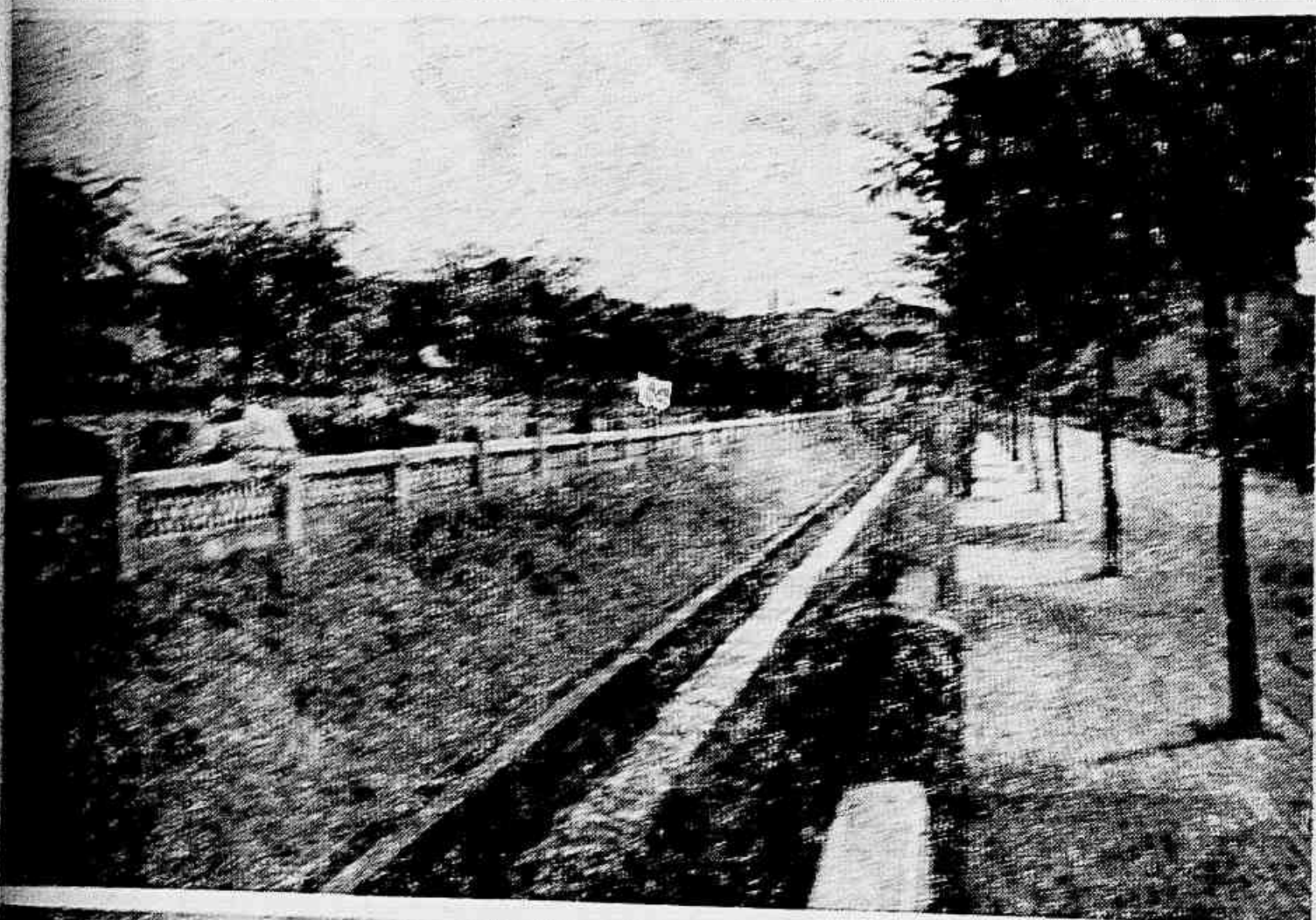
Cidade

R. S.

Srs. comerciantes, industriais e banqueiros, utilizai um dos mais eficientes veículos de publicidade da Capital da República, anunciando nos:

— Altófalantes localizados na Estação D. Pedro II, por onde passam, diariamente, 360.000 pessoas, e na Estação do Meier, e Restaurantes dos Servidores da Estrada de Ferro Central do Brasil 17.º andar da Estação D. Pedro II, Francisco Bicalho e Oficinas do Engenho de Dentro em irradiação feita simultaneamente

Informações: — Serviço de Turismo e Publicidade da Estrada de Ferro Central do Brasil — 7.º andar do Edifício da Estação D. Pedro II, salas 700 e 710 — Fones 43-9331 e 43-9562



UBERABA, CENTRO DE IRRADIAÇÃO DE CULTURA E PROSPERIDADE

A obra do prefeito sr. Carlos Martins Prates à frente do município de Uberaba é dessas que consagram um homem público e fazem viver, através da grandão de um povo.

Não fora o seu apoio decidido à iniciativa privada, e a pecuária do Triângulo Mineiro não seria um dos baluartes em que se apoia o alicerce de toda a vasta rede de criação do gado zebu, base da economia rural de toda aquela zona próspera que tem em s. s. um dos seus mais áduos defensores e um grande animador do seu desenvolvimento econômico e financeiro.

Mas nem só à economia rural empresta o ilustre prefeito o valor de sua ação e a força de sua inteligência empreendedora.

A fundação de novas escolas, a pavimentação das ruas de Uberaba, o amparo irrestrito dado às grandes iniciativas particulares que visam o desenvolvimento e o progresso do município, tudo isso vem fazendo de s. s. um dos mais destacados cidadãos do Triângulo.

A ele, mais que a ninguém, deve Uberaba o lugar de relêvo que ocupa entre os grandes centros de irradiação de cultura e de progresso do Brasil contemporâneo.

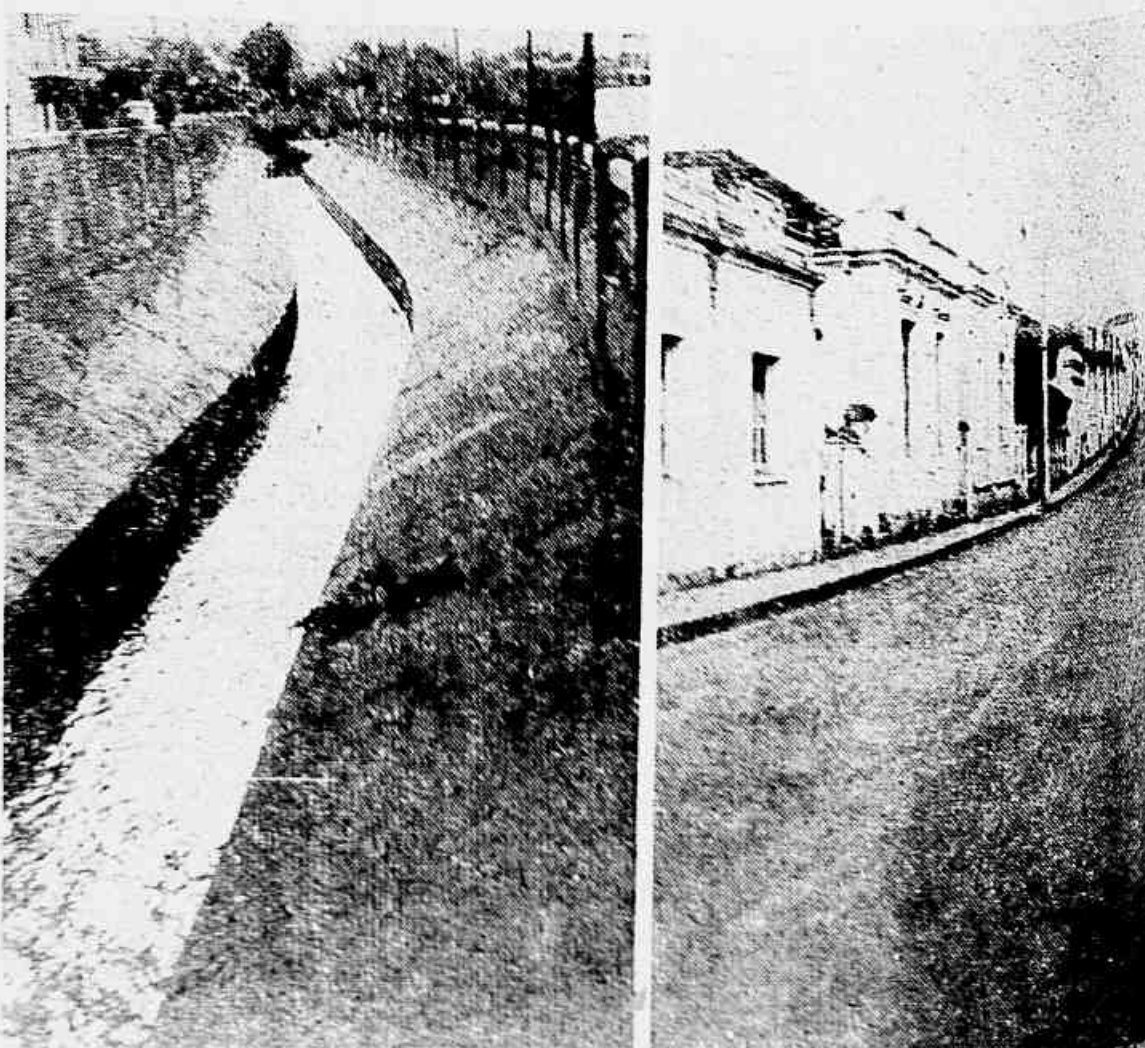
E também a ele deve a municipalidade o impulso que ali foi dado à aviação. Hoje Uberaba conta com os serviços da "Vasp", da "Panair" do Brasil e da "Aerovias", que fazem daquela cidade ponto de turismo, além de facilitar o seu intercâmbio comercial e cultural não só com os maiores centros urbanos das Alterosas como também com as capitais de outros Estados e suas principais cidades.

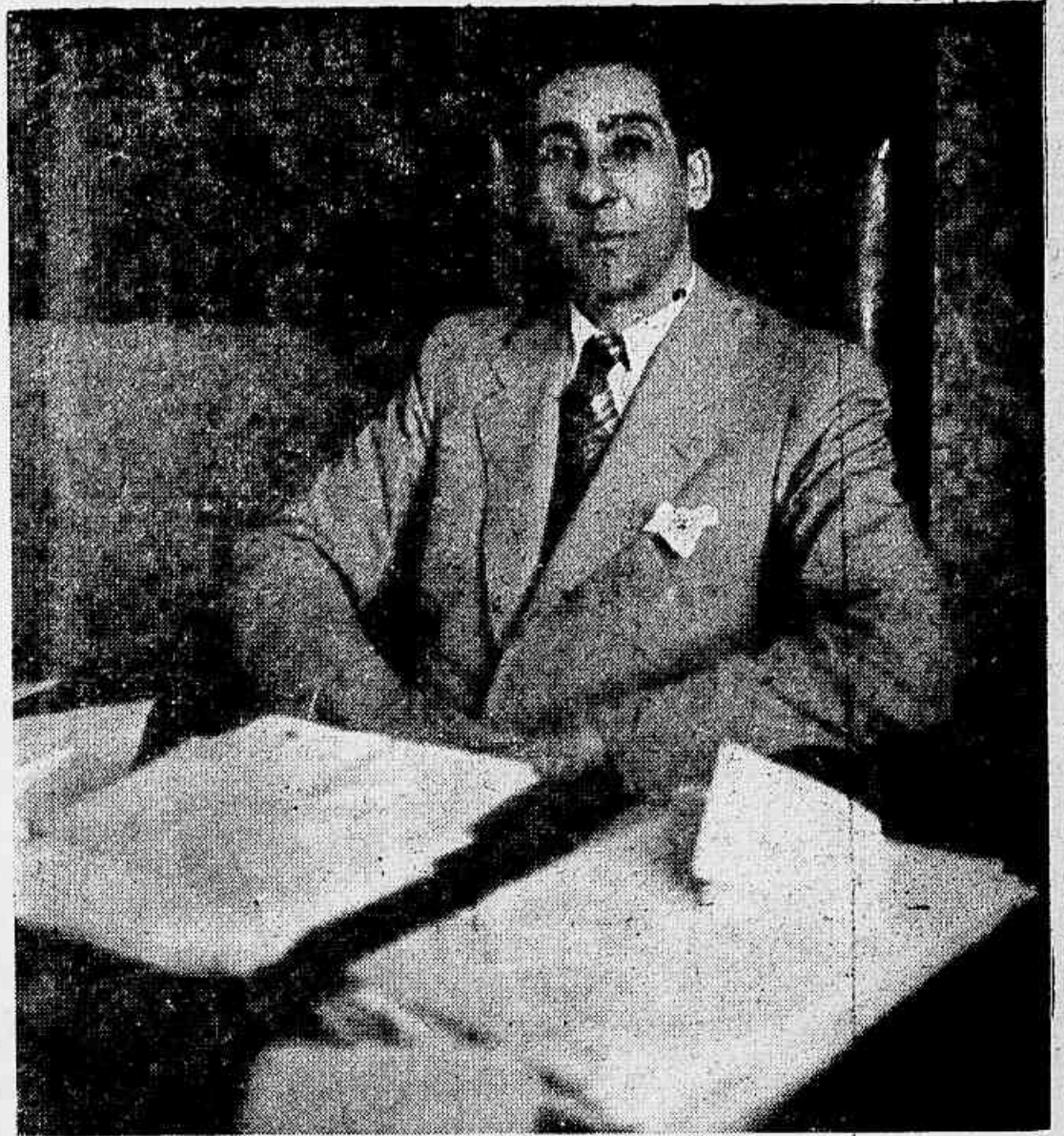
O campo de pouso de Uberaba, obra que contou com a colaboração da Força Aérea Brasileira para se tornar uma realidade, é hoje ponto vital de um sistema que vem servindo ao comércio, à lavoura e à pecuária da zona.

Conta ainda o prefeito Carlos Martins Prates, no rol dos serviços prestados à comunidade que dirige, as obras de calçamento realizados em toda a extensão da maravilhosa cidade, que hoje se apresenta aos olhos do forasteiro como uma urbs padrão de higiene e beleza.

Devemos citar ainda a aquisição por parte da municipalidade do prédio onde funcionou o "Cassino Exposição", para nele ser instalado o Centro de Assistência Agro-Pecuária, sociedade que se destina ao amparo da lavoura e pecuária do município.

Não bastasse isso para demonstrar o grau de crescente progresso da Uberaba de hoje, que falem as cifras: no to-





cante ao erário municipal, afirmam os dados oficiais que a situação financeira da Prefeitura é das mais florescentes. Basta dizer que a receita para o exercício que acaba de findar foi orçada em 4.540.000,00, ao passo que a arrecadação realizada até o dia 20 de dezembro último ascendia a soma de Cr\$ 4.827.000,00. Assim, o **superavit** verificado até aquela mencionada data é de Cr\$ 287.000,00.

E já o orçamento para o atual exercício de 1945 computa a receita de Cr\$ 5.200.000,00. Melhor índice de solidez e prosperidade não se poderia desejar, tanto mais quando estão perfeitamente em dias todos os pagamentos com referência à dívida pública a cargo da municipalidade.

As oito fotografias que ilustram estas páginas mostram o prefeito Carlos Martins Prates e flagrantes das reformas concluídas e em andamento. — L. M.

Reuniram-se no dia 17 de maio último, na sede da Sociedade Rural do Triângulo Mineiro, em Uberaba, os dirigentes daquele grêmio, jornalistas, autoridades estaduais e municipais, que ali foram assistir à assinatura do contrato entre aquela entidade e o renomado escultor paulista sr. Arlindo Castellani de Carli, autor do imponente projeto do monumento ao Zebu, que será erguido em praça pública na capital do Triângulo.

O conhecido escultor paulista que vai construir o monumento assim se dirigiu aos presentes:

"Ao iniciar os primeiros estudos para o monumento destinado a perpetuar no bronze o Zebu, tive em mente como principal objetivo salientar, antes de tudo, o esforço do Triângulo Mineiro no desenvolvimento da Pecuária Nacional.

Partindo, pois, da idéia de uma figura geométrica em forma triangular, idealizei com base em granito, elevando-se para o alto em grandes proporções, um bloco simbolizando o resultado do esforço dessa região na procura da raça que mais se adaptasse aos nossos campos e climas. Esse grande bloco é constituído de cinco animais em tamanho maior que o natural, e se torna por isso mesmo a parte "Artística Decorativa" do monumento. Sua composi-

MONUMENTO AO ZEBU

ção inclui um reprodutor e quatro novilhas da raça Indu-brasil, cada uma conservando uma atitude característica da raça nos seus movimentos naturais.

Nas faces do triângulo idealizei três grandes relevos, também em bronze, como símbolo, cada um, da fase histórica dos sacrifícios impostos pelas dificuldades oriundas da guerra aos pioneiros do zebu, na grande jornada que haveria de coroar com folhas de louro os que se entregaram a esse arrojado empreendimento.

Essa é a parte mais interessante que constitui certamente o motivo que levou um pugilo de abnegados a erigir tão grandioso monumento.

A composição desses motivos em escultura exige do artista grande dispêndio de energias na concepção de uma síntese que fale à alma dos pósteros pela imagem e constitua uma merecida homenagem àqueles que se salientaram nessa memorável batalha.

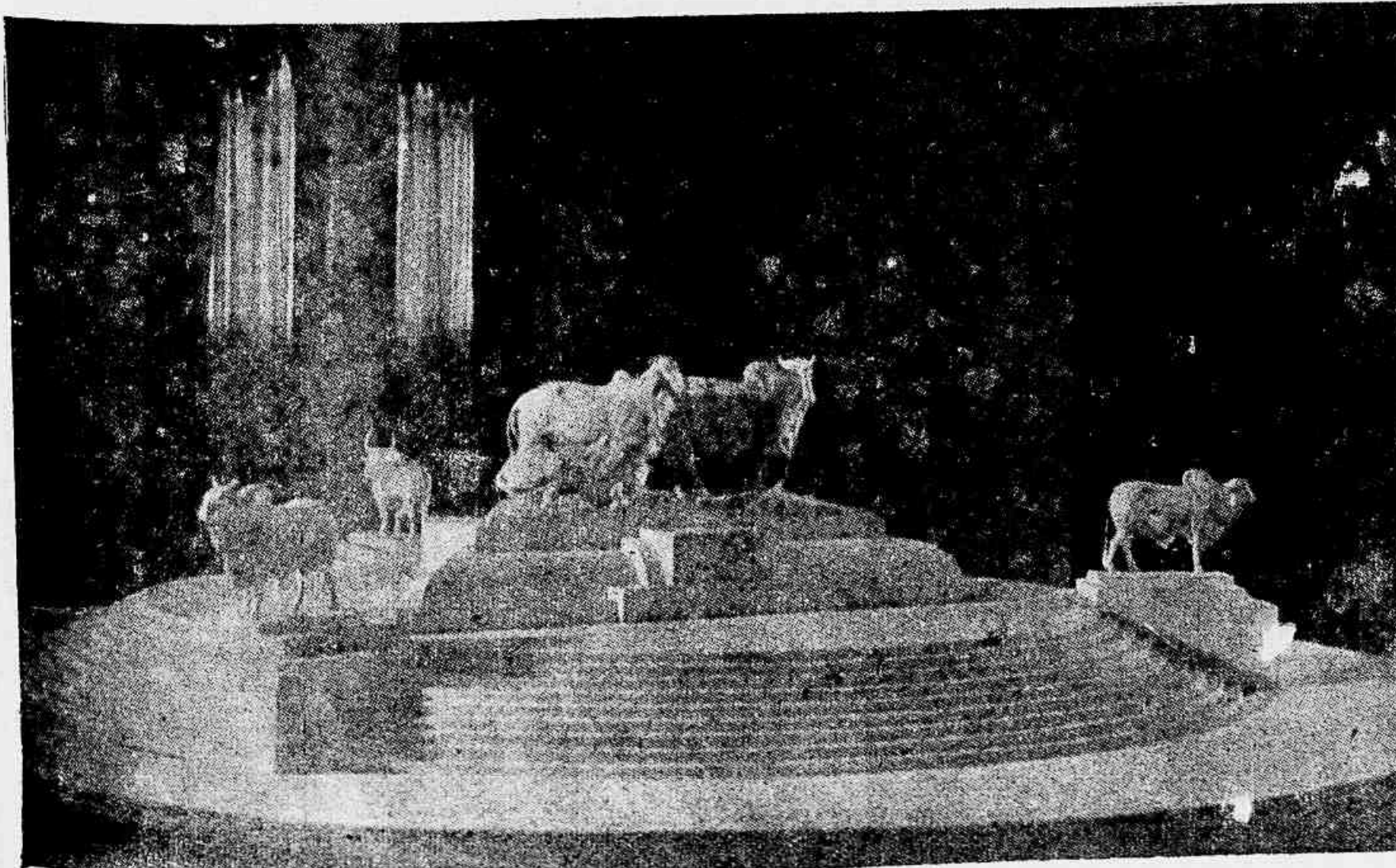
O bloco central apoia-se num grande círculo de 22 metros, todo em granito, com escadaria, que simboliza a unidade, a força, a coesão e a disciplina no cruzamento dos produtos indianos trazidos para o nosso país.

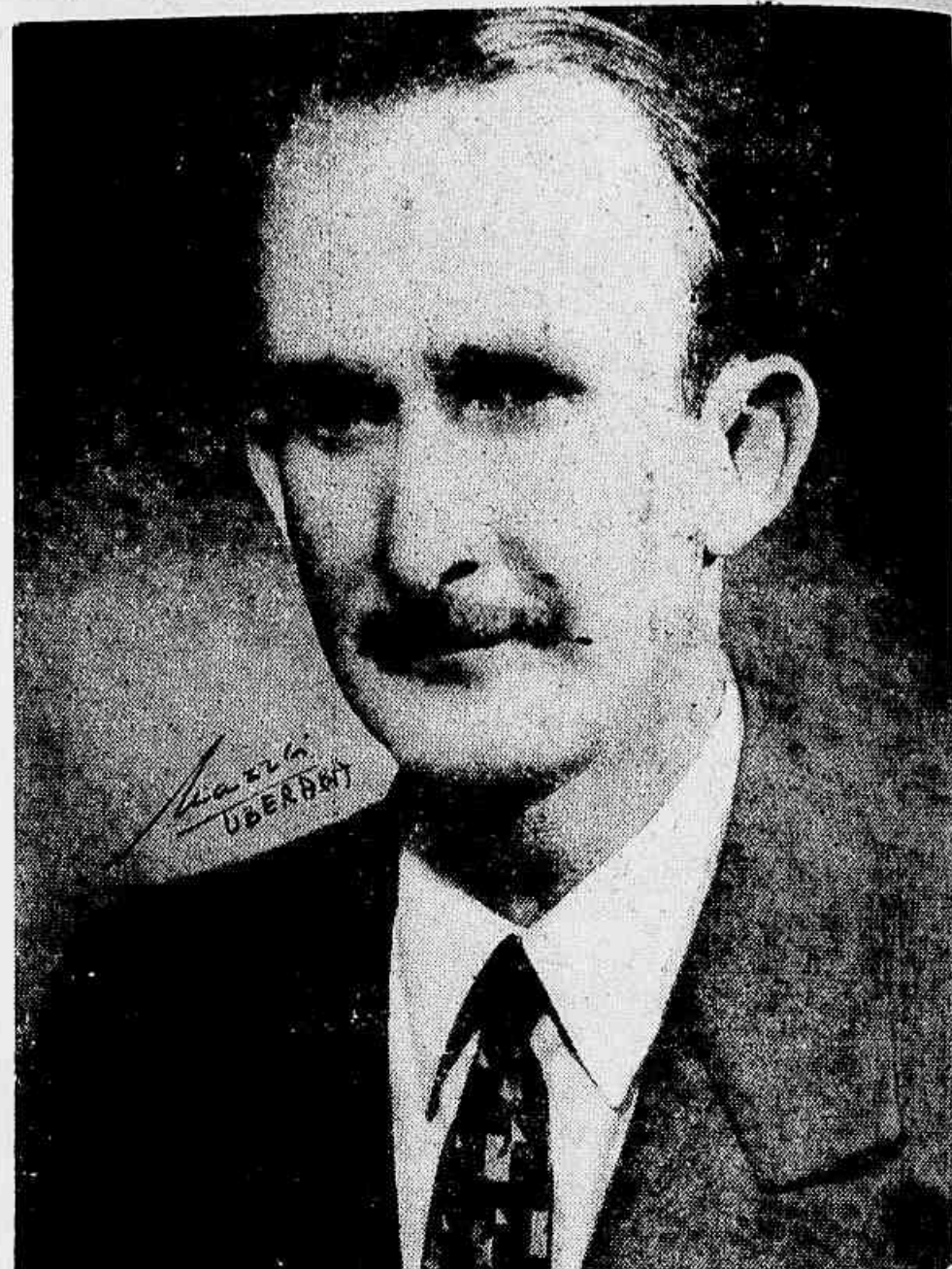
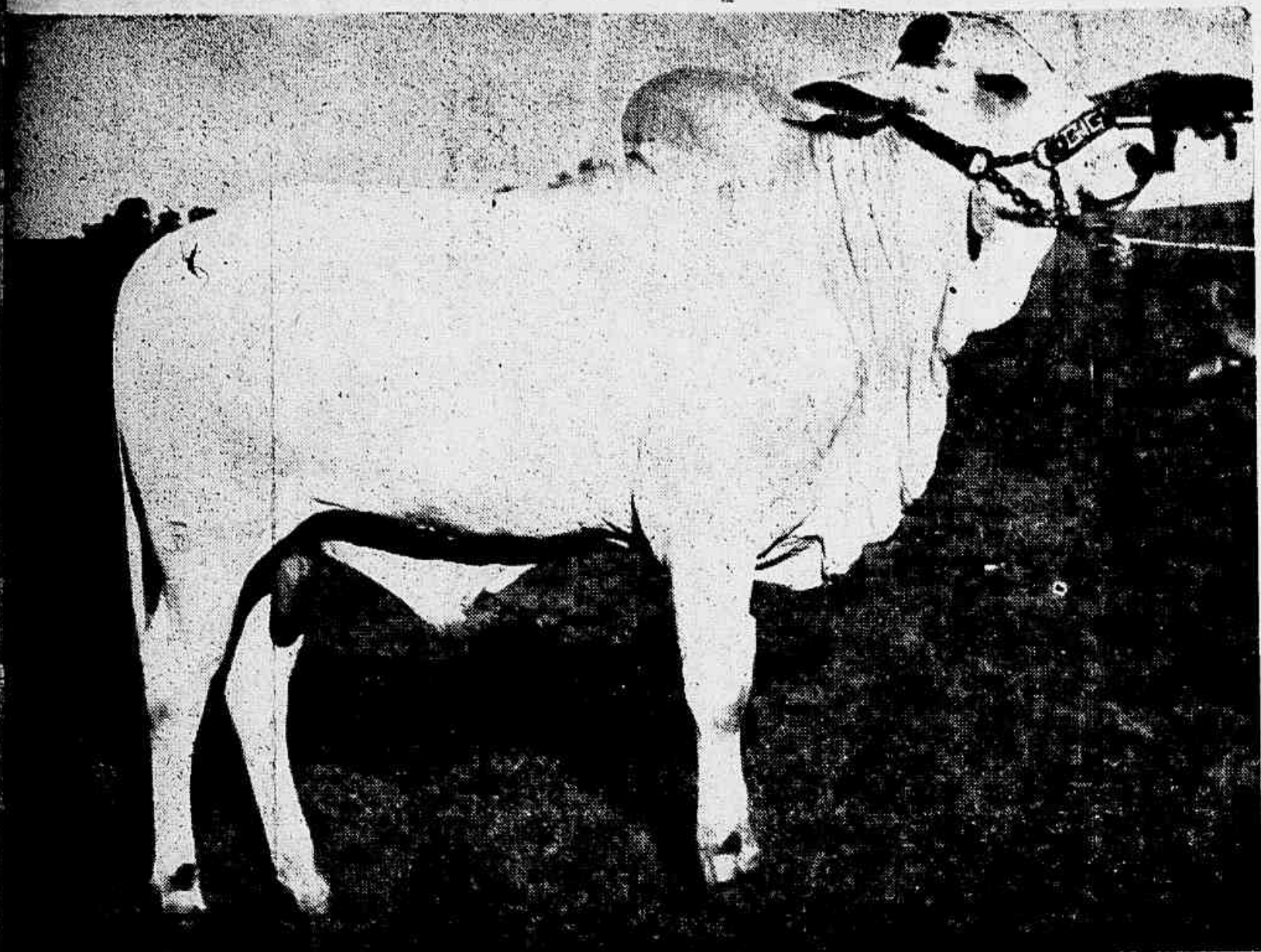
Cada degrau e cada círculo constituem uma fase da histórica luta por essa brava gente de Minas em prol do engrandecimento da Pecuária Nacional.

Interceptados pelos círculos, surgem três grandes massas de granito que servem de pedestal para uma estátua em bronze, tamanho natural, de um espécime tipo padrão de cada raça Indiana — Nelore, Gir e Guzarat, ainda hoje conservada e melhorada por seleções.

Creio que para o monumento que se vai erigir no maior parque de criação de Zebu do mundo, nada melhor e nada mais significativo do que o projeto que tenho a honra de assinar como autor."

O imponente monumento ao Zebu, vendo-se ao lado o seu autor, escultor Arlindo Castellani de Carli.

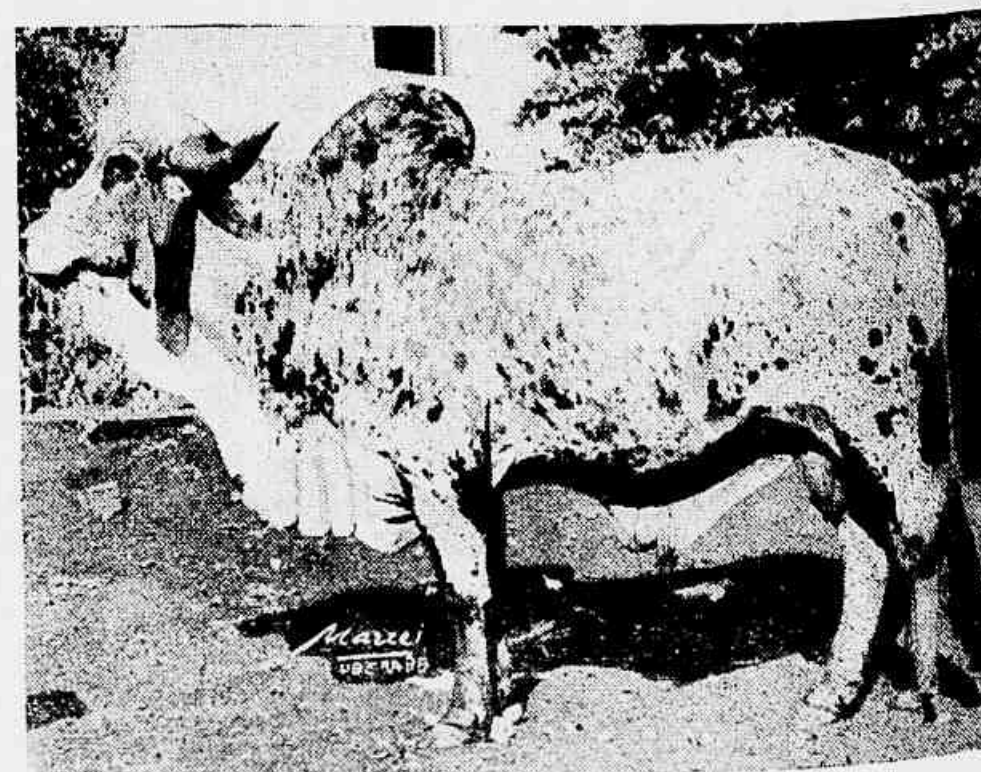
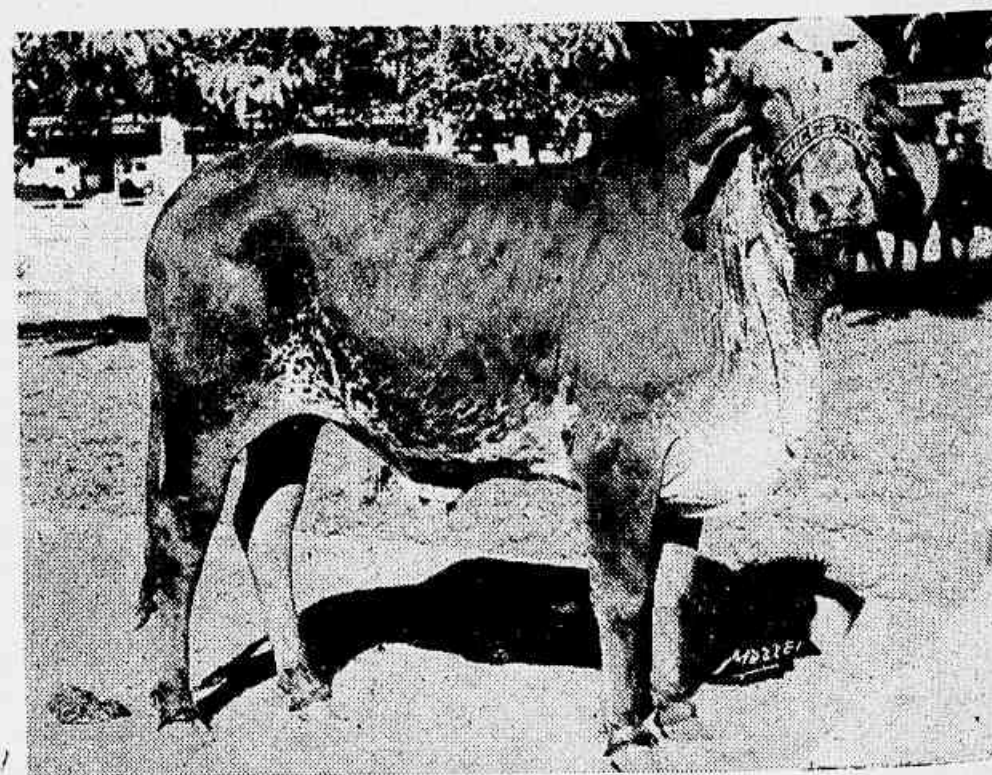
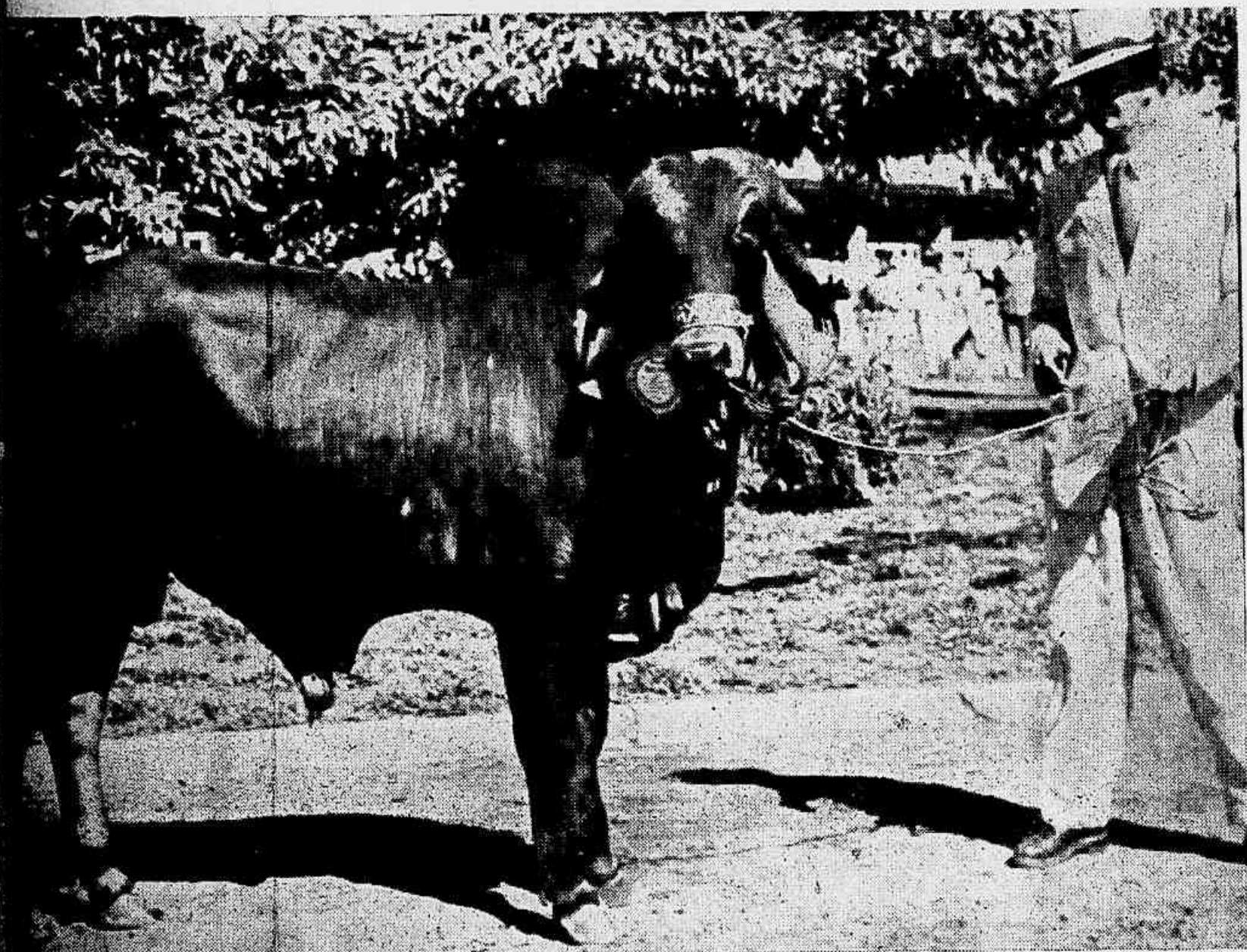




Fazendas S. José, Aliança, Aparecida e S. Sebastião S. Joaquim da Barra - S. Paulo

O sr. José Eduardo Ferreira Sobrinho — com escritório à rua Anchieta, 35, 6.º andar, fone 3-4396, em S. Paulo — grande cafeicultor e criador de raças zebuinas **Gir**, **Nelore** e **Guzerá**, tendo comparecido com exemplares **Gir** e **Nelore** à XI Exposição de Uberaba, obteve um 2.º prêmio em conjunto macho e fêmeas **Gir**, um 3.º prêmio em **Nelore** e mais dois animais **Gir** premiados.

A esquerda, de cima para baixo — "Gigante", Nelore puro, premiado; o sr. J. E. Ferreira Sobrinho com um **Gir** premiado; conjunto de **Gir** premiado. A direita, na mesma ordem — O sr. J. E. Ferreira Sobrinho, "Sugestiva", **Gir** puro, premiada; "Capital", **Gir** puro, premiado.



A XI Exposição Agro-Pecuaría de Uberaba

Atividades da S. R. T. M. durante o certame - o monumento ao zebu

No suntuoso Parque Fernando Costa teve lugar, no dia 1.º de maio do corrente ano, a inauguração da XI Exposição Agro-Pecuaría de Uberaba, que vem integrar uma grande série de certames idênticos que ali se realiza todos os anos. Essa foi mais uma vitoriosa iniciativa da Sociedade Rural do Triângulo Mineiro que, com o apoio decidido do ilustre prefeito de Uberaba, dr. Carlos Martins Prates, e sob a direção de seu dinâmico e empreendedor presidente, dr. J. S. Rodrigues da Cunha, vem dando, através realizações como essas, um novo e poderoso impulso à pecuária mineira.

O ato inaugural da Exposição contou com a presença de enorme massa popular, tendo sido dado como aberto o certame, com o hasteamento da Bandeira Brasileira, pelo sr. dr. Mario de Oliveira, chefe do Serviço de Produção Animal do Ministério da Agricultura, ao som do Hino Nacional, executado pela banda do 4.º B. C. M.

A seguir fez uso da palavra o dr. J. S. Rodrigues da Cunha, que discorreu com segurança sobre os problemas magnos da pecuária e da economia rural do Triângulo, revelando perfeito conhecimento dos temas abordados. Falou a seguir da grandiosidade e do valor da grande mostra que se instalava, recebendo calorosos aplausos da enorme massa popular que se comprimia no local.

Discursou após o preleito dr. Carlos Martins Prates, muito feliz também em seus substanciosos conceitos, interpretando com fidelidade, em face do transcendental acontecimento que presenciava, o pensamento do povo de Uberaba e de todo o Triângulo.

A Exposição esteve aberta ao público durante oito dias, sendo visitada por milhares de pessoas, entre as quais torasteiros e criadores de municípios circunvizinhos e de regiões distantes.

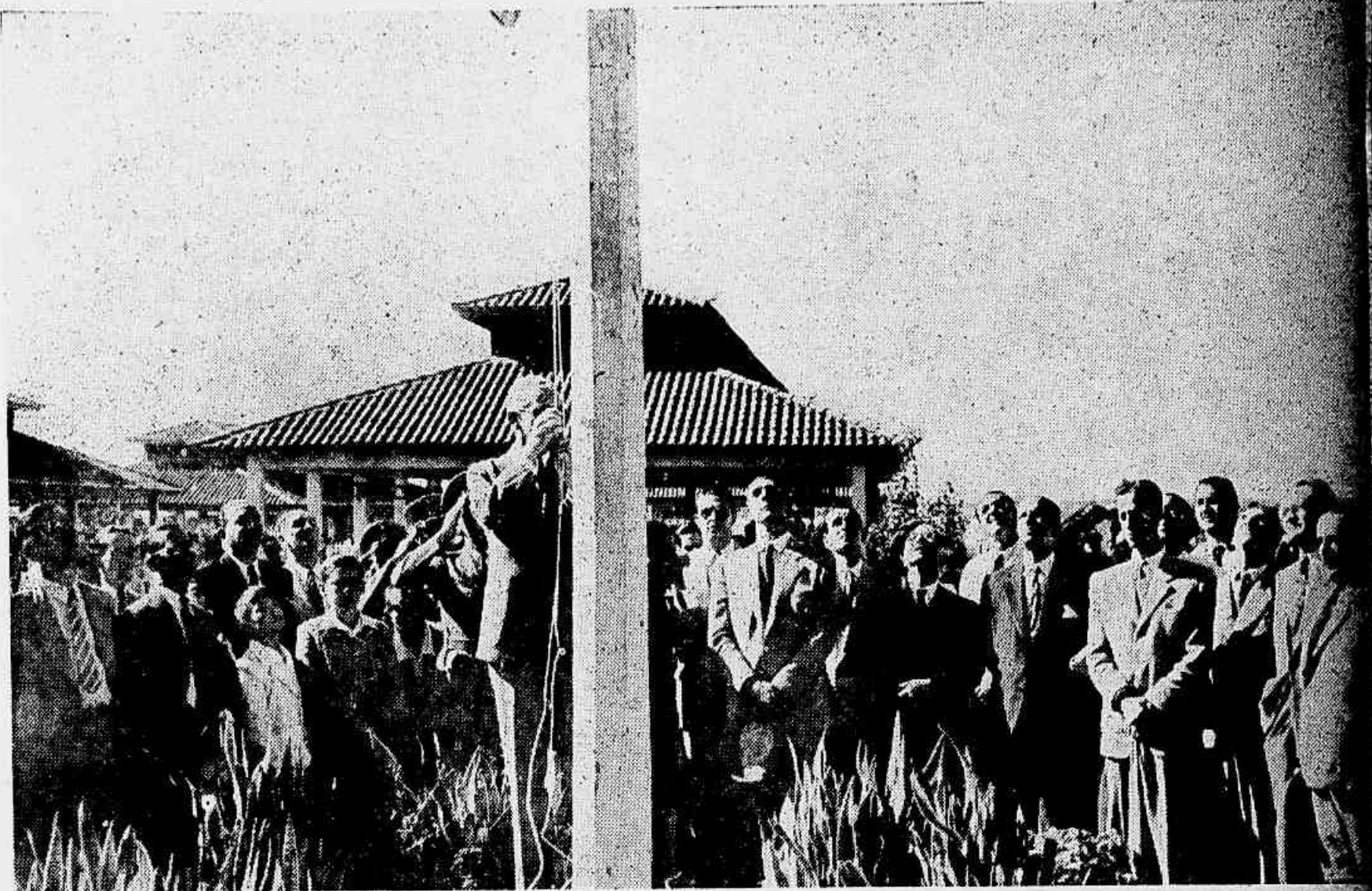
Perio de 500 animais estiveram ali expostos, em sua maioria representantes das raças indianas, que atraíram a atenção e surpreenderam a quantos puderam vê-los e admirá-los.

O certame foi encerrado a 8 de maio, com a presença do governador Benedito Valadares que, para esse fim, dirigiu-se diretamente do Rio a Uberaba. S. excia., dando por terminada a Exposição, pronunciou vibrante discurso, sendo entusiasticamente aplaudido.

Durante a realização dessa grandiosa mostra, a Sociedade Rural do Triângulo Mineiro desempenhou uma atividade incansável. Foi por esse tempo que, em reunião realizada na sede daquele grêmio, foi firmado o contrato com o escultor Arlindo Castellani de Carli, para a construção do monumento ao Zebu, que a S. R. T. M. fará erigir em frente ao Parque Fernando Costa.



Aspecto tomado na sede da S. R. T. M. por ocasião da assinatura do contrato para a construção do monumento ao Zebu.



O dr. Mario de Oliveira, representante do ministro da Agricultura, quando hasteava o Pavilhão Nacional.



Flagrante feito por ocasião da abertura da Exposição, quando falava o dr. J. S. Rodrigues da Cunha.



O dr. J. S. Rodrigues da Cunha saudando o governador Benedito Valadares.

As joias de Lord Ilcombe

(Continuação da pág. 34)

— Nada posso dizer-lhe a não ser que meu nome não é realmente Stenton e que, se quer me ajudar, antes de duas horas a senhorita também estará numa festa, atendendo a um nome suposto...

— Mas... a razão de tudo isso...
— Já lhe disse que não posso explicar.
— Eu, francamente, não sei o que fazer.

Era preciso decidir imediatamente. Aceitar ou rejeitar naquele momento. Não teria nunca mais uma oportunidade daquele tipo. Lembrou-se de Olga e de seu padrao. Lembrou-se da esposa d'este e da mesquinhez de sua vida. Olhou para o rapaz e instintivamente sentiu que ele não a estava enganando.

— Aceito.

— Ótimo. No quarto contíguo há uma criada com um vestido de baile, abrigo e joias. A senhorita o vestirá.

— Mas...

— Não faça objeções. Siga simplesmente as instruções que eu lhe der. Vista o vestido e depois venha até aqui...

Ela obedeceu. Quando voltou e se viu refletida no espelho nem acreditou que fosse ela mesma. Mudara completamente.

— Magnífico — disse ele.

Parecia, realmente, satisfeito.

— Escute agora as instruções. Sairemos daqui num carro...

O luxuoso Rolls Royce deslizava mansamente pela estrada escura e Alys, sentada ao lado do rapaz que dissera não chamar-se na realidade Stenton, meditava. Uma aventura como nunca na sua vida teria a oportunidade de repetir...

Subitamente o carro parou. Um homem de meia idade estava esperando no meio da estrada. Aproximou-se e Stenton desceu para falar com ele.

— Espere aqui — murmurou antes de afastar-se.

Alys ficou no auto. Alguns minutos depois ela viu o homem de meia idade tirar do bolso uma lanterna com luz vermelha e agitá-la. Um carro que se aproximava foi forçado a parar. Ouviu-se então uma voz de mulher que dizia:

— Felipe!

Stenton disse:

— Desça, Jane, que eu preciso falar com você.

— Eu tenho que ir à festa, Felipe, e...

Ele então disse qualquer coisa em voz baixa e ela respondeu no mesmo tom.

Depois de uma conversa breve, Stenton veio até o carro e disse a Alys:

— Já sabe suas instruções. Tome o carro donde saiu aquela mulher. O coronel irá com a senhorita. Vá à festa e faça o possível para não falar com ninguém. O coronel ajudá-la-á.

O carro partiu.

— Jane, minha querida, como vai você?



também significa:

GRANDE ECONOMIA



Os aparelhos elétricos G-E proporcionam, no uso, verdadeira economia de trabalho... tempo... dinheiro.

No menor dos aparelhos G-E, como na mais complexa maquinaria, estão presentes a experiência e a especialização que há mais de meio século conferem ao monograma G-E o valor de um símbolo de idoneidade e garantia. Para seu uso ou presente, escolha sempre G-E: ventiladores, torradeiras, cafeteiras elétricas, ferros de engomar, de frisar e de waffles, misturadores de alimentos, aquecedores de quarto, almofadas térmicas, aspiradores, enceradeiras. Exija G-E porque G-E lhe dá o máximo de perfeição em produtos elétricos de qualidade.

Oaça os "Festivais G-E", às 5as. feiras, na Rádio Nacional, às 22.05. Em ondas médias (PRE-8, 980 kcs.) e curtas (PRL-7, 30,86 metros). Um programa musical, com atrações para todos os gostos.

vale a pena esperar...

Aparelhos e técnicas novas foram criados pela General Electric, cooperando para a conquista da Vitória... da paz. A experiência do presente — e do passado — justificam sua confiança nas promessas para o futuro.

APARELHOS DOMÉSTICOS

GENERAL ELECTRIC

CABELLOS BRANCOS

CASPA

Quêda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

O coronel respondeu antes que Alys pudesse dizer uma palavra:

— Jane não está passando bem hoje, Marilyn. Sofreu um acidente a caminho daqui. Não foi nada grave, mas ela está muito cansada e com dor de cabeça.

— Meu bem, que foi isso?

— Nada. Nada. Estou melhor agora.

Nesse momento aproximou-se uma mulher alta e magra. O coronel imediatamente murmurou ao ouvido de Alys:

— E' Lady Carling. Você deve conhecê-la.

— Olá, Jane! Como vai?

— Bem. Você vai bem?

O coronel veio em auxílio de Alys:

— Ela sofreu um acidente, Edith. Está com muita dor de cabeça.

— Minha pobre Jane. E' preciso descansar.

O coronel aprovou.

— Vou levá-la para casa cedo.

— Isso mesmo. Até amanhã, minha cara Jane. Telefonarei para saber como você vai passando.

Lady Carling apertou a mão de Alys. Quando retirou a sua, havia um bilhete que Alys teve a presença de espírito de esconder.

— Ela lhe deu alguma coisa? — perguntou o coronel.

— Colocou disfarçadamente um bilhete nas minhas mãos.

— Ótimo. Está terminada nossa missão. Dê-me o bilhete.

O pedacinho de papel estava coberto por umas quatro linhas numa grafia bem talhada.

À BUSCA DA FELICIDADE

Que é todo o esforço da vida humana senão uma permanente busca da felicidade? Por que se agitam homens e mulheres, em todas as idades, para conseguir os elementos que os fazem felizes? Mas a primeira condição da ventura individual é o bem estar físico, resultante da boa saúde. Não há felicidade possível quando o sistema nervoso não funciona normalmente e ninguém ignora que é pelos nervos que o homem goza ou sofre. A alegria e a tristeza estão intimamente vinculadas aos nervos. Mantê-los sólidos, preservando-os dos choques e abalos da agitação moderna, é, pois, o esforço lógico para alcançar a felicidade. A ciência possui um grande recurso para isso. O Benal, fórmula do prof. Austregésilo, assegura o funcionamento normal do sistema nervoso, garante o sono reparador, dá o domínio do indivíduo sobre si mesmo. É uma barreira às inquietações que perturbam a vida e tiram do homem o mais precioso dos bens, que é o sossego do espírito. Benal encontra-se em todas as Droguarias e farmácias.

"Amanhã, às cinco horas da madrugada, no túnel de Bedlam, deve passar o trem no qual viajo. Espere-me vestida de branco para que a reconheça."

O coronel teve uma exclamação de júbilo:

— Ganhámo!

Stenton esperava-os na estrada, perto do carro. A caminho da casa de Alys explicou toda a história.

— Agora, que vencemos, você pode saber de tudo. Meu verdadeiro nome, como você já deve ter ouvido, é Felipe. Felipe Ilcombe.

— Lord Ilcombe?

— Sim.

— Então...

— Já deve ter ouvido falar do roubo de joias, não é verdade? Pois bem. Aconteceu o seguinte: várias joias tinham desaparecido e eu resolvi chamar a polícia para investigar. O roubo era audacioso. E não era o primeiro, ao que parecia, de um bando habilíssimo. A polícia descobriu um ladrão. Mas eu me recusei a acreditar que ele fosse culpado. Era o meu melhor amigo. As joias, entretanto, tinham sido descobertas em seu poder. Como explicar isso? O ladrão as pusera lá. Então, por meio de investigações que fiz, consegui descobrir os verdadeiros responsáveis. Eram duas mulheres somente. Todas duas minhas parentas. Uma delas — Lady Carling — minha tia, e a outra, Lady Jane Marvel, minha prima em segundo grau. Naturalmente era preciso obter provas que inocentassem meu amigo. Ao mesmo tempo eu não queria que a polícia descobrisse tudo. Usei de um estratagemas. Provoquei um novo roubo,

mostrando novas joias adquiridas recentemente. Joias falsas, naturalmente. Minha tia estava lá. Deveria roubá-las e entregar depois a Jane. Queríamos saber como e onde. O bilhete nos informou. Ela também se enganou, pois você é uma sósia perfeita de Jane. Agora só resta uma coisa. É preciso que você vá receber as joias que ela atirará do trem em movimento. Quando souber de tudo, ela fugirá e então, pedindo segredo, eu contarei à polícia quem é o verdadeiro ladrão. Mas precisamos de testemunhas para a entrega das joias. O coronel irá conosco.

O trem veio aproximando-se lentamente porque o túnel era um lugar perigoso. Um vulto apareceu numa janela. Caiu aos pés de Alys uma caixa. Ela se precipitou. Apanhou-a.

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

Quando Lord Ilcombe abriu, verificaram que só continha um bilhete.

"Meu caro Felipe:

Você é mesmo um grande tolo. Então pensa que uma impostorazinha, por mais linda que fosse, ia enganar a mim? Jane telefonou-me, esta manhã, para confirmar minhas suspeitas. Estamos ambas nesse trem que acaba de passar e vamos para o estrangeiro. Se quiser nos perseguir, persiga. Mas haverá um grande escândalo e isso é que você quer evitar, não é? O dinheiro do último roubo dará para que vivamos modestamente nalgum país agradável. Perdoe às suas parentas esse meio ilegal de conseguir que um parente

as sustente para o resto da vida. Um belo maternal de sua tia Edith Carling."

"Ps — Onde arranhou você essa linda pequena? Ela deve estar muito apaixonada por você para fazer o que fez. Parabéns."

Dois meses mais tarde apareceu no "Times" um anúncio:

"Titta. As joias eram falsas. Procure um cheque no banco, em Paris. Abraços.

Não muito longe, no mesmo jornal, estava a notícia:

"Contrataram casamento..."

Mas não é preciso dizer quem foi. Ou será?

— Que é isto, meu Amigo? Sente-se cansado, abatido? Não se sente bem disposto?

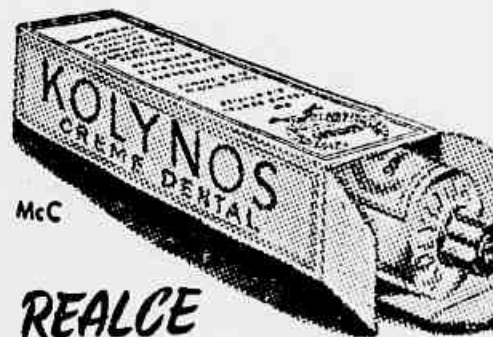
O que lhe falta é um bom Tônico reconstituente.

Tome **NUTROFOSFAN** e ficará satisfeito. **NUTROFOSFAN** nutre, revigora o organismo, enriquece o sangue, vale SAUDE.

O ESPELHO REFLETIRÁ



A VERDADE SOBRE KOLYNOS



REALCE
a simpatia
de seu sorriso
usando o **CREME**
DENTAL
ANTISSÉTICO!

Limpa mais... agrada mais... vende mais...

Uma carícia perfumada!

De inebriante perfume e suave como uma carícia, o pó de arroz Lady dá maior beleza aos mais lindos rostos... Sua aderência perfeita o mantém sobre a cutis durante longo tempo. Por isso o pó de arroz Lady é o mais usado e preferido no Brasil, há mais de trinta anos.



PÓ DE ARROZ

Nas cores:

- ★ Branco
- ★ Rosa
- ★ Raquel

Lady

É O MELHOR E NÃO É O MAIS CARO!

A VENDA EM TODO O BRASIL

P. FERRAZ

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

Mmes. **EVA e SYLVIA**

no seu Instituto de Beleza

Rua Ouvidor, 138, 1.º — Tel. 42-8775

— Insc. S. N. F. M. —

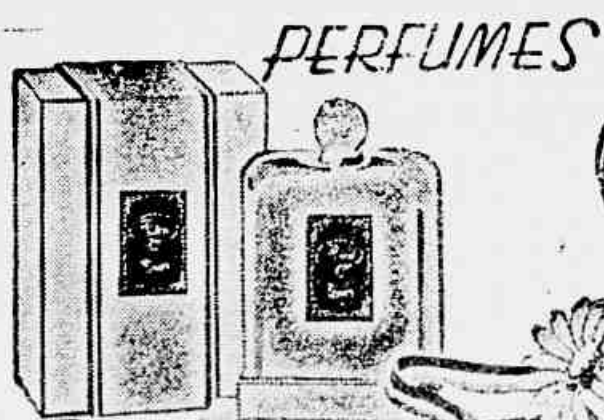


Aqui estão alguns esplêndidos modelos para adolescentes. O primeiro à esquerda é confeccionado em lã turquesa, com o cinto e os botões em marrom. Logo acima um vestido bastante original: aplicações de lã escura sobre uma outra lã em tom claro e pequeninos laços no decote e nos bolsos. O terceiro, todo abotoado na frente, é confeccionado em lã verde e lã preta. Logo depois, mais ao alto: vestido em seda unida azul, e pala em seda azul e branca. Botões e fivela do cinto em branco. E, finalmente, o último, cujos bolsos terminando com um laço gracioso lhe dão uma nota bem original.

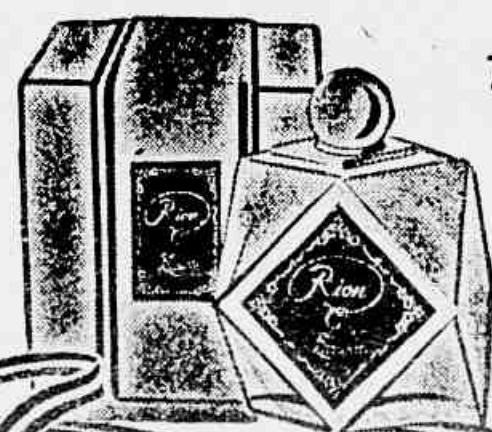


Para
Mocinhas

UM PRESENTE
DE CLASSE
E DISTINÇÃO



Rico



PERFUMES
BELLES FLEURES
MUSGO CHINE
05

Uma criatura honesta

(Continuação na pág. 31)

As suas pernas cansadas tremiam quando penetrou na saleta da senhora Bennet.

— Sim, Marta, são os meus — respondeu a senhora Bennet à sua indagação ansiosa. — Hattie possuía um vestido assim, não te recordas dele? Sobraram retalhos novos e eu pensei que seriam úteis para polainas... Mas, Deus meu, Marta, que tens? Estás tão pálida... Não estás doente?

— Não — disse Marta, levantando fracamente a cabeça para não se trair. — Não, não estou doente. Somente um pouco cansada pelo calor. Creio que devo tomar chá de genciana. É um bom reconstituente, a genciana...

— É verdade — disse a senhora Bennet com simpatia. — E não se esforce demasiado naquelas polainas. Não tenho pressa: nem necessito delas de modo algum antes do próximo inverno...

— Creio que não poderás terminá-las antes de quinze dias — disse Marta tremendo.

— Não tem importância... Não vás ainda, Marta, não sentaste nem repouaste um instante e fizeste uma longa caminhada... Não tomaste qualquer coisa antes de sair? Um pedaço de torta? Tens o aspecto verdadeiramente fatigado...

— Não, obrigada — disse Marta.

A senhora Bennet a viu descer a estrada lentamente, conservando ainda o pequeno trapo de estampado rosa entre os dedos escuros e rugosos.

— Marta Patch envelhece — observou. — Está bem longe de ser vertical como antes; parece dobrada em duas...

De fato a sua elasticidade de delicado fio de ferro desaparecera no seu andar, arrastava-se lentamente ao longo daquela bela estrada da campanha e um abatimento desanimador a acaalhava.

Era um belo dia de primavera, as árvores frutíferas estavam tôdas em flôr, viam-se mais pomares que casas e mais árvores floridas que transeuntes.

Marta ergueu os olhos para os ramos brancos.

— Têm um perfume delicioso as flôres da macieira — disse ela — não sei por que o olfato me abandonou. Seria o mesmo que cheirar couves. Oh! Senhor Deus, não terei talvez jamais a coragem de recommençar aquelas polainas?

Quando chegou em casa se restabeleceu um pouco. Havia naquela velha senhora uma potência nervosa que as desgraças acumuladas dificilmente podiam abater. Os seus nervos curvavam mas ressaltavam.

Tirou o chale, o capuz e se endireitou.

— Não vale a pena esperar — disse — é necessário recommençar... mesmo que deva matar-me!

Arrumou à sua volta um avental cheio de estampado e sentou-se novamente junto à janela com uma das polainas e a tesoura e ficou ali, durante toda a longa tarde, cortando os pontos que tinha tão laboriosamente dado, a velha e pequena criatura de aspecto cheio de desafio, erguendo e abaixando regularmente a cabeça segundo o movimento das mãos, coberta com uma touca de renda preta, cujas fitas vermelhas se balançavam sobre ela, porque um pouco de vento ligeiro soprava através da janela.

O relógio de pêndulo, sobre a chaminé, deixava perceber o seu pacífico tique-

(Continua na pág. 49)



Perfume

Orbleu

de BAZIN

Ouro sobre azul dos perfumes!

A VENDA EM TODO O BRASIL

- Água de Colônia
- Brilhantina
- Extrato
- Loção
- Óleo perfumado
- Pó de Arroz
- Sabonete

VINOVITA



TONIFICA O SANGUE

ESTIMULA O CEREBRO

DÁ ENERGIA AOS MUSCULOS

DE RADIO

Urbano Lóes e sua carreira vitoriosa

Conhecemos Urbano Lóes desde os áureos tempos da emissora do sr. Edmar Machado, quando Cesar Ladeira era o absoluto na arte de dizer ao microfone, e o Teatro pelos Ares não admitia outro galã a não ser o falado locutor dos "erres", nesse período desfrutando enorme popularidade entre quantos viviam em dia com o sem fio.

Recém-chegado da promissora Uberaba, onde treinara os gregos na emissorazinha local, Urbano encontrou pela frente no rádio botocudo uma série de "speakers" de cartaz,

como Souza Filho, Dilo Guardia, Celso Guimarães, Zolachio Diniz, Saint Clair Lopes e mais alguns cujos nomes nos fogem à memória, sem contudo desanimar do triunfo. Teve mesmo de enfrentar a má vontade de determinado cavalheiro, que o aconselhou a procurar outra profissão, pois como locutor jamais conseguiria ser notado pelo público-ouvinte.

Mas o jovem uberabense não acreditava muito em previsões, mesmo porque, acima de qualquer aviso prévio, ele colocava o desejo desenfreado de vencer nas ondas cariocas, tornando-se popularíssimo no meio dos senfilistas e cobiçado na roda dos diretores. Dissemos o que bem entendessem, porque o desânimo não seria seu companheiro na luta



pela conquista de um lugarzinho ao sol radiofônico.

Compenetrado do quanto teria de produzir afim de convencer aos gregos e troianos do nosso rádio, Urbano atirou-se à batalha, ocupando com plena segurança o microfone mairinquiniano, onde passou a comandar vários programas. Daí, infiltrou-se nos espetáculos de teatro cego, embora os papéis não fôsem dos melhores, pois existiam outros intérpretes de cartaz, enquanto ele era um simples locutor...

O lançamento de histórias seriadas no sem fio veio ao encontro da força creadora de Urbano Lóes. Ele, que sempre fizera papéis secundários no Teatro pelos Ares, foi escalado para viver Porthos, na novela "Os três mosqueteiros", que Berliet Junior adaptou do

(Continua na pág. 51)

"No mundo da lua"

No GRILL DA VITÓRIA com

IRA-ARI
HELOISA HELENA
EVA LANTHOS
LAURA SUAREZ
CARLOS TOVAR
TATUZINHO e todo o "cast"

Um "show" diferente, de uma viagem à Lua, está sendo apresentado no

HOTEL BALNEARIO

Icaraí

RESERVA DE MESAS: 4-551 — NITERÓI

E em São Paulo...

é sempre agradável uma visita aos Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil

Casa Anglo-Brasileira
Sucessora de Mappin Stores
Pr. Ramos de Azevedo, 131



UMA CASA TRADICIONAL QUE RESSURGE NO CORAÇÃO DA CIDADE

Após um curto intervalo ressurge, à rua da Carioca 35, a tradicional Confeitaria e Panificação S. Francisco de Paula, que antes ocupava uma das grandes lojas da avenida Passos.

Comerciantes modernos, de visão esclarecida, os componentes da conceituada firma tudo fizeram para que a sua casa reaparecesse modernamente aparelhada para atender às exigências de sua numerosa e seleta clientela. E os seus esforços alcançaram brilhante êxito, estando agora a Confeitaria e Panificação S. Francisco de Paula nivelada aos mais modernos e luxuosos estabelecimentos do gênero.

Homens de fino trato, a cujas gentilezas já se habituaram as centenas de fregueses que diariamente acorrem à sua casa, os sócios da firma organizaram um corpo de ativos e competentes auxiliares composto de homens e senhoritas capazes de tratar o público com a necessária distinção.

A Confeitaria e Panificação S. Francisco de Paula está aparelhada para fornecer serviços completos para banquetes, casamentos, batizados e outras cerimônias, e atenderá com o máximo prazer às consultas que em tal sentido lhe fizerem pelo telefone 22-1719.

Nesta página estampamos uma foto da fachada da Confeitaria e Panificação S. Francisco de Paula e dois aspectos interiores da mesma, colhidos pela nossa objetiva, vendo-se neles os seus proprietários, auxiliares e clientes.





*Suscite admiração
Que atinja o coração...
"Amor" é o tom
Ideal do seu Batom...*

tonalidade sensacional... divina...
sem igual... a base exclusiva de
"creme veludo" desta famosa marca
norte-americana suaviza, protege
e embeleza os lábios.

Batom para os lábios

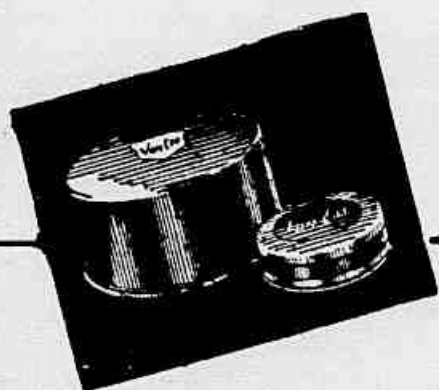
Van Ess



a famosa marca americana!

criação ao mesmo tempo da arte e da ciência!

★ Use também o pó e "rouge" aveludado e atomizado VAN ESS,
que tornarão irresistível a sua cutis.



O ÚLTIMO LIVRO

(CONTINUAÇÃO DA PÁG. 27)

disse baixinho uma voz lacrimosa a meu lado. Virei-me e vi uns olhos vivos e percucientes sob óculos de aro dourado, conhecidos meus e também de todos aqueles que escrevem. Era o amador de livros, aquele que vem, desde que o livro é anunciado, bater à porta duas pancadas tímidas e persistentes que o assemelham. Entra, sorridente, curvado, borboleteia em torno do escritor, chama-o de "caro mestre", e não sai sem levar o último livro. Só o último! Ele tem todos os outros: só lhe

falta o último. E o meio de recusar? Ele chega na hora exata, sabe assaltar tão bem em meio àquela alegria de que falei! Ah, o homenzinho por nada fica interdito; nem as portas surdas, nem as acolhidas geladas, nem o vento, nem a chuva, nem as distâncias o fazem recuar. Pela manhã encontra-se o homem na rua de la Pompe batendo à porta do patriarca de Passy; à noite ele volta de Marly com o novo drama de Sardou debaixo do braço. E assim, sempre ligeiro, sempre diligente, ele enche sua vida sem fazer nada, e sua biblioteca sem pagá-la.

Na verdade, seria preciso que o amor pe-



ANEL "ZODIAICO"
A Oitava Maravilha

Com o Signo, Planeta e a Pedra do dia e mês de seu nascimento. Um presente INESQUECÍVEL, feito de prata fina com OURO 18K., e também todo de OURO 18K. com os signos de platina. Mande dia e mês do seu nascimento, bem como a medida do dedo, e pague no ato de recebê-lo na Agência do seu Correio, pelo sistema de Reembolso Postal. Peçam catálogos grátis desta joia maravilhosa. Fáb. de Joias "AZTECA", Rua Regente Feijó, 18, Rio de Janeiro.



STANDARD
cr\$ 100



PEDRA
cr\$ 160



INCA
cr\$ 260



AMERICA
cr\$ 135



CAPITAL
cr\$ 260



BRASIL
cr\$ 280

los livros fôsse bem forte para vir a êsse leito de morte.

— Tome seu exemplar — disse-lhe eu, impaciente. Ele não o tomou: enguliu-o. Depois, com o volume enterrado nas profundezas do bolso, ficou de pé sem se mexer, sem falar, com a cabeça caída, enxugando os óculos, com ar enternecido. Que esperava?... Que o retinha?... Talvez vergonha, embaraço de partir imediatamente, como se só tivesse vindo por aquilo...

Não!

Sobre a mesa, meio descoberto pelo papel de embrulho, ele acabava de perceber alguns exemplares de luxo, com grandes margens e, apesar de sua atitude recolhida, seu olhar, seu pensamento, tudo se dirigia para lá... Com o olhar enviezado, o infeliz...

Vejam o que é a mania de observar: esquecera por um momento minha emoção e seguia com os olhos, ainda molhados pelas lágrimas, essa comédia comovente que se desenrolava à cabeceira do morto. Lentamente, com pequenas sacudidelas imperceptíveis, o amador se aproximava da mesa. Colocou a mão como que por acaso sobre um dos volumes; virou-o, abriu-o, apalpou-o. Seus olhos se arregalavam, o sangue lhe subia ao rosto. Enfim, não podendo mais se conter, ele tomou um:

"E" para o sr. Sainte-Beuve", disse-me, a meia voz; e, na sua febre, na sua perturbação, com medo que se lh'o tomasse, e também, talvez, para me convencer de que era de fato para Sainte-Beuve, ele acrescentou, gravemente, com uma expressão de compunção intraduzível: "da Academia Francesa!...", e desapareceu.

SOFRE DO FÍGADO?
TOME
BIO-HEPAX
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARANIQUINA

Uma criatura honesta

(Continuação da pág. 45)

taque. Era um relógio estranho, que pertencera à sua avó paterna. Uma pintura representava uma senhora elegantíssima com os cabelos empoados e um maço de rosas ornamentava a frente do relógio sob o mostrador e grandes vasos verdes estavam ao lado. Sobre o assoalho da sala havia um tapete mosaico com as cores esmaecidas, feito por Marta, e alguns assentos de madeira; na parede um velho mapa amarelado do Estado de Massachusetts e o retrato de George Washington. Nem uma migalha de pó, nem a mínima desordem. A limpeza era um dos prazeres da vida de Marta. Pôr as coisas em ordem e mantê-las em bom estado era uma ocupação que punha um não sei que de aprazível na sua monótona e triste existência.

A pobre velha permaneceu na janela, inclinada sobre as polainas até a noite e assim continuou por alguns dias.

Gastou mais tempo desta vez e não veio a sofrer somente pela fadiga. As provisões se acabavam, o seu dinheiro todo fôra gasto. Por fim lhe restavam unicamente algumas batatas.

Ela se acomodou e foi duas ou três vezes apanhar chicórea, que com as batatas formavam o seu alimento.

Estava cercada de gente boníssima e ainda em boas condições, que teria preferido privar-se de qualquer coisa a deixá-la padecer. Porém ela se mostrava sempre bastante reservada sobre o montante das suas necessidades e punha todo o seu orgulho em não aceitar o que não podia pagar.

Debateu-se então até o momento em que as polainas foram terminadas e ninguém soube de nada. Deu o último ponto certa noite, muito tarde, depois desdobrou as polainas e as examinou.

— Ei-las, finalmente vão — declarou. — as rosas estão naquelas da senhora Bennet; não fiz nenhuma errada e ganhei os meus soldos. Levá-las-ei amanhã cedo e comprarei alguma coisa para comer. Começo já a sentir um grande vazio no estômago.

Fechou cuidadosamente a casa, pois sentia sempre uma grande responsabilidade quando havia em casa qualquer coisa que pertencia a outrem, depois se deitou.

Na manhã seguinte acordou com uma fraqueza extrema e vertigens. Arrastou-se até a cozinha e caiu no chão, sem ter forças para se mover.

— Senhor — gemeu — creio que vou morrer!

As polainas estavam sobre a mesa. Ela

laçou-lhe um olhar fixo, cheio de satisfação.

— Se devo morrer, estou contente por tê-las terminado antes. Meu Deus! Como me sinto fraco! Quanto apreciaria uma xícara de chá!

Permanecia lá, estendida, e a bela manhã de primavera passava. O sol brilhava na janela e se aproximava sempre mais até o momento em que a pobre velha repousou aos seus raios; ela trajava a sua delicada camisola, a sua touca de rendas, um chale leve que lhe cobria a espádua. Não se sentia doente, mas infinitamente fraca, e prostrada para se mover. O seu pensamento como sempre estava livre, os seus olhos amorticados e penetrantes na sua face pálida.

— Senhor! — exclamou enfim de mau humor. — Será preciso que eu fique tanto tempo aqui? Isto é de enlouquecer!

Entretanto percebeu ao sol um pouco

de pó no verniz negro de uma cadeira e olhou-o com desagrado.

— Observa um bocado aquela poeira na travessa da cadeira. Se alguém entrasse! Se eu pudesse me aproximar...

— A cadeira estava perto, e ela esticou a velha mão sem força para eliminar a poeira. Depois a deixou cair, arquejante.

— Estou para morrer — disse ela — e nem sei ainda se estou preparada. Jamais me apoderei de nada que não me pertencesse, que eu saiba. Oh! meu Deus! se alguém entrasse!

E quando os seus ouvidos escutaram um rumor de passos fora, uma resolução súbita surgiu no seu espírito:

— Não deixarei perceber a ninguém que fiz de novo estas polainas e que tenho tido fome, jamais, jamais...

Quando experimentaram abrir a porta ela indagou debilmente:

— Quem é?

A voz da senhora Peters, sua vizinha, respondeu:

— Sou eu. Que sucede aí, Marta?

— Estou como esfalfada, não sei de que maneira te farei entrar. Não poderei ir abrir a porta, nem que fôsse para me salvar a vida.

— Posso entrar pela janela?

— Talvez...

A senhora Peters era uma mulher comprida e magra, entrou pois facilmente pela janela, que era baixíssima, mas empalideceu ao notar Marta estirada no chão.

— Que tiveste, Marta? Há quanto tempo estás aí?

— Desde que me levantei fiquei atordoadada e senti que ia morrer. Não é coisa grave, penso. Se pudesse ao menos tomar uma xícara de chá, convalesceria logo. Também não há uma colherada lá no guarda-olha. Se quisesse pôr lenha

EIS UM PERIGO PARA SUA CÚTIS:

- a Beleza de Máscara!

* QUE É BELEZA-DE-MÁSCARA? - É esta falsa aparência de beleza conseguida com os recursos de um "maquillage" excessivo, com o fim de ocultar ou disfarçar imperfeições da cutis. Além de artificial e efêmera, essa Beleza-de-Máscara constitui perigo para a vital respiração da pele.

Para evitá-la, não oculte, não disfarce!

CORRIJA AS IMPERFEIÇÕES COM LEITE DE COLÔNIA!



EIS O FÁCIL TRATAMENTO DIÁRIO PARA SUA PELE!

Use Leite de Colônia pela manhã e durante o dia como base para pó. À noite, para tirar o "maquillage" e limpar a pele. Use-o igualmente para proteger sua cutis contra os efeitos do sol.



Hoje mesmo, consulte seu espelho... Mas, não tenha pressa! Mire-se nele com todo rigor... Naturalmente, ele só poderá dizer-lhe uma coisa — a verdade! E, se alguma imperfeição a surpreender — cuidado! Não se precipite por uma senda perigosa! Não pretenda disfarçar... Não pense que pode ocultar rugas, espinhas, cravos, sardas e manchas,

asfixiando a pele... Fazendo-o é ostentar uma traiçoeira Beleza-de-Máscara! Ao invés disso, adote este método fácil, simples e prático — corrija essas imperfeições, eliminando-as! Para tanto, recorra ao Leite de Colônia, que limpa, alveja e amacia a pele, dando-lhe uma beleza jovem, radiante e, acima de tudo, real!

Leite de Colônia

LIMPA, ALVEJA E AMACIA A PELE!

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feto quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o crême de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este crême, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Crême de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Crême de Alface "Brilhante". Experimente-o.

A Debilidade SEXUAL e o seu Tratamento moderno

Brown Sequard, já em 1891, agitou o mundo médico entusiasmado com o seu exemplo pessoal, afirmando sentir nova mocidade, resultante da ingestão de substâncias hormonais masculinas. Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma fórmula de grande alcance médico social, cujo nome é PANSEXOL.

Um tônico estimulante, indicado em todos os casos onde se faz sentir a diminuição parcial ou geral das reservas do organismo, ao qual reanima dando-lhe nova vida e vigor. PANSEXOL existe uma fórmula para cada sexo Masculino e Feminino.

Encontra-se à venda em todas as Drogarias e Farmácias.

Formula do Prof. AUSTREGÉSILO

Remetemos, pelo reembolso postal — Cr\$ 25,00 o Vidro
Produtos Panvital — Rua da Estrela n. 6 — RIO DE JANEIRO

na estufa e fazer-me uma chávena, senhora Peters, eu poderia levantar-me, sinto-o. E' preciso que eu vá entregar aquelas polainas às senhoras Bliss e Bennet.

— Penso que ficaste muito fatigada com aquelas polainas. Sofreste muito...

— Mas não, senhora Peters, é um divertimento fazer aquêles trabalhos. O que me aborrece demais é não ter uma

janela na frente da casa, à qual poderia sentar-me enquanto costuro.

A senhora Peters era mulher de bom senso, tranquila e de pouco falar: insistiu para levar Marta ao seu dormitório e pô-la na cama. Não foi difícil; ela era muito vigorosa e a velha não era pesada. Em seguida foi ao guarda-louça e, vendo tudo vazio, confirmaram-se as suspeitas

que tivera. Aceso o fogo, ali colocou a cafeteira, atravessou furtivamente o terreiro e foi à sua casa a fim de apanhar algum alimento.

Poucos minutos depois Marta tomava o chá, comia torradas e um ovo cozido. Aceitara tudo isto com repugnância, se bem que estivesse meio morta de fome, mas cedera porque, vendo o alimento, a lentidão fora muito forte.

— Então tomo de empréstimo tudo isto, senhora Peters — disse a velha — pagarei-lhe-ei muito breve.

Depois de ter comido sentiu-se mais forte e a senhora Peters se afadigou bastante para obrigá-la a ficar no letto até a tarde. Assim, quis então levantar e levou as polainas. As duas senhoras se desfizeram em louvores diante de Marta, altiva e sorridente. A senhora Bennet observou depois o estampado rosa.

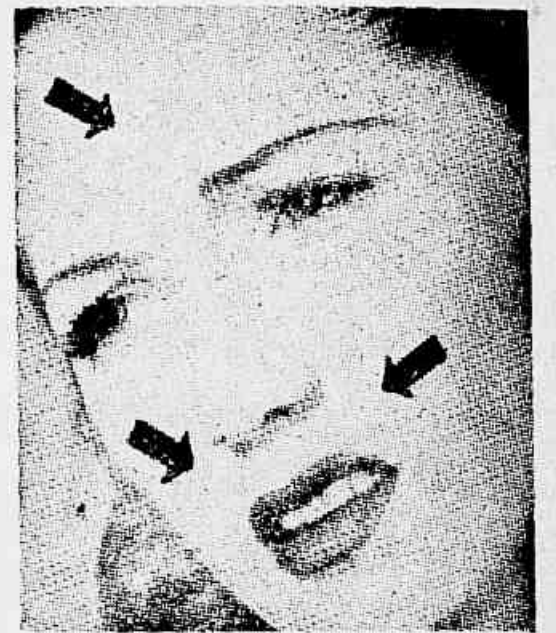
— Como está bonito — disse ela.

— E' verdade? — acrescentou Marta;

e uma vontade de chorar e rir se apoderou dela.

"E' mesmo uma bênção que eu tenha refelto aquelas polainas", pensou enquanto se arrastava vagarosamente para casa.

Pés doloridos? Talvez seja devido aos arcos fracos ou caídos



SE V. tem os pés cansados ou doloridos, dores nos pés e nas pernas, devido aos arcos fracos ou caídos, o Suporte de Arco do Dr. Scholl e exercícios adequados lhe darão rápido alívio. E para inúmeros outros males dos pés — calos, calosidades, joanetes, pés quentes ou sensíveis — há remédios apropriados do Dr. Scholl, produzidos sob controle médico e ortopédico. Seus preços são insignificantes. À venda nas Lojas Dr. Scholl.

ARCOS DÉBEIS

Foot-Easer Dr. Scholl e exercícios apropriados aliviam o cansaço, pés doloridos, dores nos pés e nas pernas, quando devidos aos arcos fracos ou caídos.



CALOS DORES NOS DEDOS

Os Zino-pads Dr. Scholl aliviam imediatamente os calos, eliminando a pressão do calçado. Macios e acolchoados, impedem a formação de calos e bolhas d'água.



CALOSIDADES

Os Zino-pads Dr. Scholl, em tamanho especial para calosidades, aliviam a dor, suavizam a pressão sobre o ponto dolorido. Despreendem, rapidamente, e extirpam as calosidades.



JOANETES

Os Zino-pads Dr. Scholl, tamanho especial para joanetes, protegem as articulações sensíveis e dilatadas, eliminando a pressão do calçado.



PÉS QUENTES E CANSADOS

O Balm de Pé Dr. Scholl dá alívio imediato, eliminando a ardência e o cansaço dos pés muito doloridos.



JOANETES

O R. dutor de Joanetes Dr. Scholl, de borracha macia, elimina a dor causada pela pressão do calçado, corrigindo-lhe a deformação e mantendo sua forma.



UNHAS ENCRAVADAS

O Onixol Dr. Scholl é excelente contra o sofrimento causado pelas unhas encravadas. Suave emoliente, permite que as partes inflamadas sejam removidas.



Exames e conselhos grátis sobre todos os males dos pés. Pedicuros científicos sempre à disposição.

SUPORTES DE ARCO-REMÉDIOS-CALÇADOS
Lojas Dr. Scholl
PARA O CONFÔRTO DOS PÉS
RUA SÃO JOSÉ, 114 - RIO
RUA AROUCHE, 71 - SÃO PAULO

O VERDADEIRO CAVALHEIRO USA SEMPRE CHAPÉU



Royal
STETSON

O único chapéu ainda melhor do que o seu velho Stetson de hoje é um Stetson novo

Como medida de segurança tinha atado numa ponta do lenço os dois dólares tão penosamente ganhos.

Ao pôr do sol a senhora Peters voltou. — Marta — disse ela após um instante.

— Sam disse que não tem serviço no momento e que abrirá ali uma janela na fachada. Ele tem velhas ombreiras e vidros que estão guardados no estábulo há uma eternidade. Será uma verdadeira caridade da tua parte desembaraçá-lo disso... Terá imenso prazer em erguer uma janela para ti. Sam é como um peixe fora d'água quando não tem serviço...

Marta olhou-a duvidosa.

— Agradecida, mas não quero que me prestem favores que não posso pagar — disse ela sacudindo a cabeça decididamente.

— Já fica pago o serviço com a permissão a Sam de fazê-lo, Marta, mas se não estás contente dar-te-ei trabalho. Tenho lençóis que precisam ser reformados. Poderás aprontá-los neste verão, quando

quiseres, e isso pagará o serviço da janela.

Os olhos negros lançaram um olhar agudo:

— Estás bem certa disso?

— Sim, diacho, pagará muito bem, e até receio que seja muito afinal. São quatro lençóis, e fazer uma janela nada mais é que ajustar um; quanto ao material não tem qualquer valor.

Quando Marta compreendeu perfeitamente que poderia ter uma janela na fachada da habitação e que o seu orgulho podia aceitar o fato, ficou contente e feliz como uma criança.

— Meu bom Senhor! — exclamou. — Pensar que terei uma janela na frente de casa! Como ficaria contente que aqui estivesse a minha mãe para vê-la!

— Talvez isso te assombre, senhora Peters, porque tens tido sempre uma janela na fachada; mas não tens uma idéia do que isto representa para mim. Dá-me a impressão de estar mais jovem. Olha,

as pequenas Mosly, é até agora tudo que vejo passar diante desta janela. E depois, vê aquele ângulo verde, lá em baixo, fica mais verde que o resto do pátio toda a primavera, e agora ali existe uma quantidade de chicórea que floresce e também um pouco de trevo. Creio que ali o sol brilha mais que alhures. Bom Deus! quando penso que terei uma janela diante da casa!

— Sara chegou esta tarde, — disse ain-

da a senhora Peters (Sara era sua filha casada). — Disse que tem necessidade, no prazo mais breve possível, do cortinado bordado. Mandará a fazenda amanhã por Willie.

— Deveras? Ficarei contentíssima em fazê-lo. E talvez acharás estranha uma coisa, senhora Peters, estou satisfeita que ela tenha necessidade do cortinado. Não sei por que, mas estou no momento um pouco aborrecida de polainas.

DE RADIO

(Continuação da pág. 46)

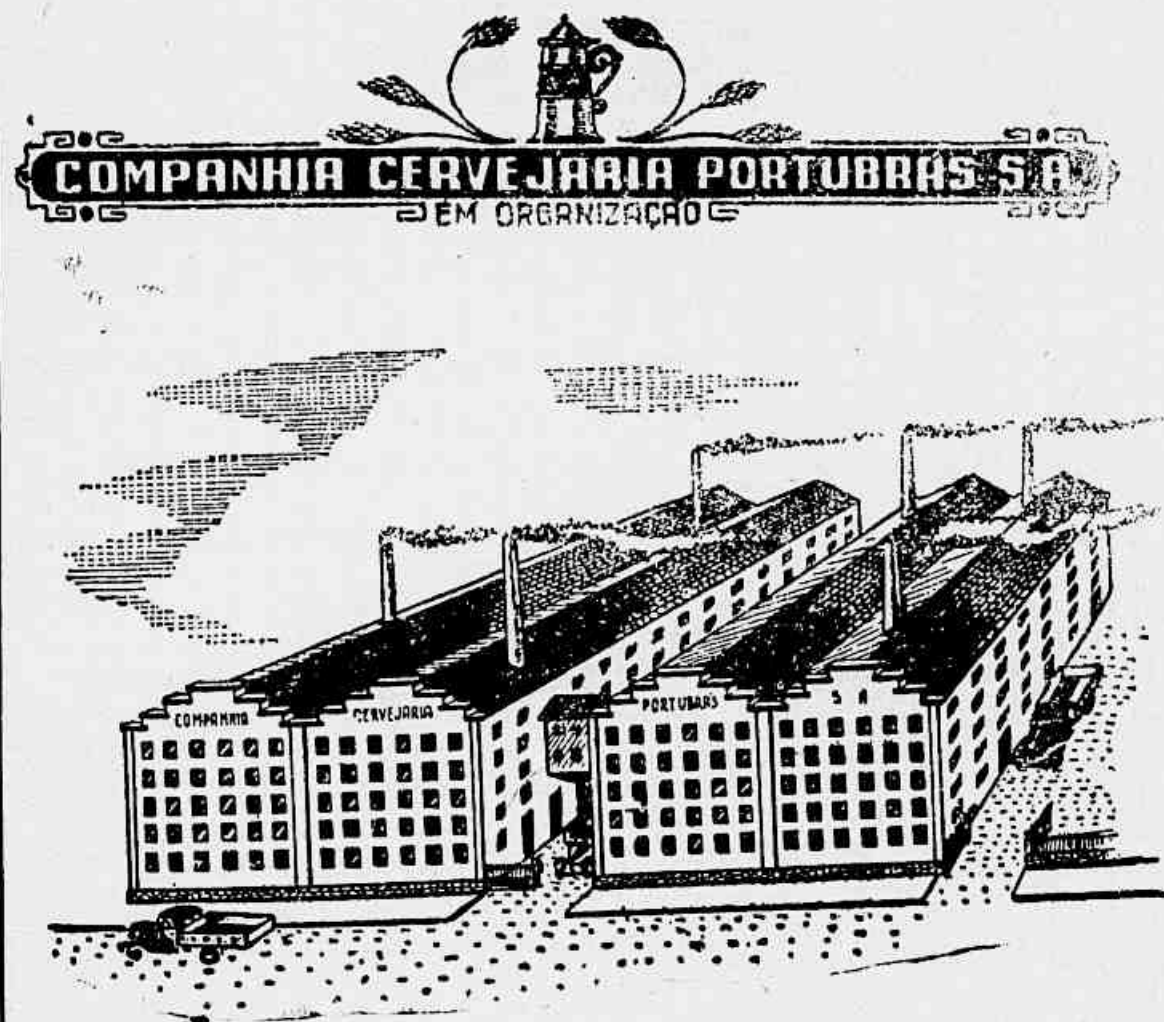
imortal romance de Alexandre Dumas. Seu nome passou a figurar com destaque no rol daqueles que fazem do radiatro o caminho para o triunfo.

Seguindo-se a êsse "role" veio "Romance de um traidor", onde novamente o talento artístico do locutor mineiro foi pôsto à prova. Coube-lhe fazer o "corcunda Picot", personagem monstruosa dessa emocionante história de Dekobra, e do qual ele soube tirar o melhor partido.

Falhou completamente a pre-

visão do adivinho radiofônico... Urbano, embora trabalhando numa peerre em que os "medalhões" se sucediam, não ficou à margem dos mesmos. Chegou a suplantar alguns e igualar-se a outros, trabalhando com eficiência e sobriedade.

O locutor da pequena emissora de Uberaba é presentemente radiator da poderosa estação do vespertino "O Globo", onde continua a manter firme o seu prestígio de radiator, conseguido à custa do próprio valor e sem a menor parcela desse desenfreado cabotinismo, tão frequente no meio...



É UMA EMPRESA SEM LIGAÇÃO COM CAPITAIS ESTRANGEIROS, NACIONAIS OU DE EMPRESAS CONGÊNERES

A "PORTUBRÁS" oferece aos seus subscritores:

PARTICIPAÇÃO REAL E ATIVA em um negócio preferido pelos grandes capitalistas, só aos quais, até agora, era dado explorá-lo;

GARANTIA E PREFERÊNCIA aos acionistas da Companhia nos futuros fornecimentos da mesma;

SETENTA E CINCO POR CENTO de dividendos, percentagem que nenhuma outra Companhia distribui;

BONIFICAÇÃO ESPECIAL nas compras efetuadas pelos acionistas.

JUROS DE 5% às ações integralizadas.

Subscrever ações da "Portubrás" é zelar pelos seus próprios interesses

Rua Senador Dantas, 20, 10.º and. Salas 1001/03 — Fone 22-9456

Novidades para ambos os sexos maiores e menores de todos os tamanhos



Artigos de confiança, preços que agradam a todos.

DISCOS

Clássicos
E POPULARES

AS MELHORES MARCAS

VISITEM NOSSA SECÇÃO DE DISCOS
Rua do Passeio, 48/56
CABINES REFRIGERADAS

MESBLA

RIO - S. PAULO - NITERÓI - RECIFE
B. HORIZ. - PELOTAS - P. ALEGRE



Sr. Olimpio de Lucena Montenegro

A Cia. Editora Americana, á rua Maranguape 15, Rio pede que a pessoa supra referida compareça ao seu escritorio com urgencia.

VINHO RECONSTITUINTE "GRANADO"



TÔNICO NUTRITIVO ESTIMULANTE FORTIFICANTE

GRANADO & CIA.
RIO DE JANEIRO
T. TARDINO

**Agora muitos usam
DENTADURA POSTIÇA
com perfeita comodidade**

Coma, fale, ria ou cante, sem medo de que sua dentadura postica se desprenda ou caia da boca. **FIXODENT** conserva as dentes umas posticas mais firmes e tornam-as mais comodas na boca. Este pó de sabor agradável não deixa na boca nenhuma sensação pegajosa. Não provoca náuseas. É *alcalino* (não ácido). Compre **FIXODENT** hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário. Solicite amostras.

Distribuidora para todo o Brasil:
OD ONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114 - 1.º andar
Rio de Janeiro

92-B

Longa Tradição
de alta qualidade



SABONETE DE REUTER
NEW YORK

Consagrado por uma preferência de meio século, graças à sua pureza e qualidade, o Sabonete de Reuter é o indicado para as epidermes mais delicadas. Isento de substâncias nocivas, o Sabonete de Reuter constitui um verdadeiro tratamento de beleza para a cutis, tornando-a macia e aveludada.

Sabonete de Reuter

IA SR-3

Numeros atrasados desta
revista no Pará
PEDIR A
Albano H. Martins & Cia.
Travessa Campos Sales, 85 - Belém

Trocadilhos...



- Ah! É parteira? Qual é a sua graça?
- Esther Elisa...



- Todo o pescador é parasita.
Vive nas costas do patz...



- Não vou jantar ali. Acabo de
ver um cadáver boiando...



- Faz mal castigar o inocente
- Está na idade de tósa.



- Creio que comi papê e barbante,
tenho o estômago embrulhado...



- Este chapéu é de arripiar!
- O seu também: pelo contrário...

REGINA — Mais tranquila? Como?

LUIZ (baixo) — Sim, com respeito aos documentos...

REGINA — Não sejas zombeteiro. Olhe... que "ri melhor aquele que ri por último".

LUIZ — E você ainda pretende rir de mim?

REGINA — Por que não? Você não está rindo de mim, que estou lhe falando de coisas tão sérias?

LUIZ — Esperemos então. Mas estou certo de que um dia seu nunca me poderá fazer mal. (Pausa) Vamos sair?

REGINA — Sim... vamos...

(Música)

(Ruído de rua)

REGINA — Hum!... como está frio aqui fora.

LUIZ — Agasalhe-se. Está frio, mas veja como está lindo o dia. Que pretendes fazer agora?

REGINA — Vou fazer umas compras. Antes pretendo passar numa igreja para uma ligeira oração. Gosto de ir às igrejas justamente nas horas em que estão desertas. Por isso vou sempre durante o dia.

LUIZ — Posso lhe fazer um pedido?

REGINA — Sim. Que quer você?

LUIZ — Gostaria de assistir à sua prece. Eu queria ir a esse templo com você.

REGINA — Ir à igreja? Você?

LUIZ — De que se espanta? Eu não sou digno de entrar num lugar desses?

REGINA — Não. Não é isso. Mas você deve ser descrente. Você é um sábio...

LUIZ — Um sábio? De que vale a minha sabedoria diante do mistério da vida? Que sei eu, e que sabem todos os outros perante as interrogações que, a cada momento, a vida põe diante de nós? Só há uma resposta para este enigma espantoso: Deus. Deus, que nos faz sofrer para nos fazer ressurgir.

REGINA — Luiz!...

LUIZ — Que tem você, Heloisa?

REGINA — Nada, nada... É que você, às vezes, fala de tal maneira, que me deslumbra...

LUIZ — Chegamos... aqui está a igreja. Posso entrar com você?

REGINA — Sim, Luiz...

(Passos; canto sacro acompanhado de órgão)

REGINA — Aliás há uma qualquer cerimônia... Ah!... é uma ladainha. Entremos... (pausa) Ajoelhe-se aqui... eu vou rezar mais adiante.

(Preces em surdina)

(Sobe a música sacra, depois cai em b. g.)

REGINA (baixo) — Luiz...

LUIZ (baixo) — Hein?

REGINA (baixo) — Vamos.

LUIZ (baixo) — Vamos...

(Passos lágado)

(Música que está em b. g. vai desaparecendo; fusão com ambiente de rua)

LUIZ (surdina) — Parece-me que não perturbei a sua oração.

REGINA — Não, Luiz. Você me deu um grande prazer.

LUIZ — Então não foi apenas o ambiente religioso que me deu uma tão estranha sensação de bem estar. Foi também a sua presença, minha deusa. Ou talvez alguma oração que você tenha feito por mim?

REGINA — Sim, Luiz. Eu rezei muito por você, por mim... e... por mais alguém.

LUIZ — Por mais alguém? Quem será essa terceira pessoa?

REGINA — Ah, Luiz... se você soubesse!

LUIZ — Que acontecia? Já sei. Ficava louco de ciúmes.

REGINA — Não. Não era de ciúmes que você ficava louco. Você... talvez ficasse louco... de alegria...

LUIZ — Não compreendo, Heloisa. Você hoje está tão misteriosa. Por que não fala mais claro? Diga... por quem mais você rezou?

REGINA — Luiz... eu rezei pela nossa...

(Intervalo)

LUIZ — Por quem você rezou, Heloisa? Por que não continua o que você estava dizendo? (pausa) Arrependeu-se? Fale, Heloisa (pausa) Eu já sei... você rezou pela nossa felicidade...

REGINA (disfarçando) — Não... não foi. Eu rezei... pela nossa aliada. Pela francesinha do Levy.

LUIZ (rindo) — Ora! Que tolice. Você continua enciumada? Que foi que você rezou?

REGINA — Eu rezei para que ela não apareça. E que vá para bem longe daqui.

LUIZ — Tolinha. Ninguém, mulher nenhuma, jamais ocupará o lugar que você ocupa na minha admiração, no meu enlévo, na minha ternura.

REGINA — Ternura! Que palavra tão suave! Que sentimento delicado! Triste do amor cuja essência não se compunha de ternura!

JOSEFA — Bom dia, senhor agente. Há alguma carta para mim?

AGENTE — Há, sim, dona Josefa. Veja. Deve ser de dona Heloisa, não é?

JOSEFA — E', sim... Obrigada... eu vou andando. Até amanhã.

AGENTE — Até amanhã. Será que dona Heloisa vai bem?

JOSEFA (longe) — Com certeza está passando bem...

(Passos)

JOSEFA — Puxa! que homenzinho curioso! Ele queria era que eu abrisse a carta lá mesmo. Pois sim. (Outro tom) Bem, vejamos o que nos conta a senhora dona Heloisa.

(Rasgar envelope)

JOSEFA — Hum... que carta pequena!... (pausa; lendo) — Josefa, as coisas vão caminhando cada vez melhor.

JOSEFA — E onde foi que o André apareceu? Não foi aqui? Você está sendo ingrata para a sua terra, minha filha.

LUIZINHA — Mas agora não pode acontecer mais nada. Agora tudo se acabou para mim.

JOSEFA — Escute, Luizinha: eu não quero que você adoça. Sua mãe quando foi para S. Paulo me encarregou de olhar você. E' preciso que você me obedeça. E' preciso sair, apanhar sol, respirar este ar abençoado de S. Vicente. Você foi criada ao ar livre, e se continuar metida neste quarto vai acabar adoecendo.

LUIZINHA — Eu não tenho coragem de rever os lugares onde fui tão feliz. Ó Josefa, eu não tenho coragem de ir à praia. Eu vou me sentir tão sozinha de agora em diante. Não, Josefa. Eu não tenho mais coragem para coisa alguma.

JOSEFA — Ah, Luizinha. Você herdou a beleza de sua mãe, mas não herdou a coragem que ela tem.

LUIZINHA — E que coragem é essa? E que mistério é esse de que você tanto fala mas não explica? Por que não me revela tudo, Josefa?

JOSEFA — Ninguém deseja mais lhe contar tudo do que eu. Eu precisava mesmo contar certas coisas a você. Eu vejo tudo tão complicado que até me assusto. Parece mesmo necessário dizer tudo de uma vez a você.

LUIZINHA — Mas então diga. Oh, Josefa! Por favor!

JOSEFA — Primeiro você vai me dizer: aquele homem que nós vimos na rua do Ouvidor é que é o tal André? Acho impossível. Porque, com certeza, o André deve ser bem mais moço.

LUIZINHA — Sim, Josefa. André é muito mais moço. Mas eu nunca vi duas pessoas tão iguais. Eu tenho certeza de que aquele é um irmão mais velho de André. E era por isso que eu queria falar com ele. E você não deixou. Como você foi má para mim. Por que você fez isso comigo, Josefa? Você conhece aquele homem, não conhece?

JOSEFA — Não, Luizinha. Não conheço. Mas eu achei que não ficava bem você falar com um desconhecido.

LUIZINHA — E como você sabia que era um desconhecido? Você não acabou de perguntar se ele era o André?

JOSEFA (perturbada) — Bem... é que... depois do caso passado foi que me veio essa desconfiança, apesar de achar impossível por causa da idade. Em todo caso, não era impossível, não é?

LUIZINHA — Não, Josefa. Você está me ocultando qualquer coisa (irônica). Eu já devia estar acostumada... (Pausa) Mas, afinal, que é que você ia me revelar?

JOSEFA — Eu... eu ia dizer a você, ou melhor, eu ia lhe pedir que tivesse muita paciência, porque talvez muito breve você venha a conhecer seu pai.

LUIZINHA — Meu pai? Eu vou conhecer meu pai? Oh, meu Deus. Que alegria!

JOSEFA — Eu não lhe dizia agora mesmo que a vida ainda lhe pode trazer muitas surpresas?

LUIZINHA — De fato, Josefa. Isto será um grande consolo para mim. Mas quando será isto? Vai demorar muito ainda, Josefa?

JOSEFA — Não sei. Sua mãe está em S. Paulo justamente para tratar disso. Tenha paciência, não pergunte mais nada e espere.

(Música)

(Batidas numa porta; passos; porta abre)

JOSEFA — Olá, tia Alzira! Entre. Já estava estranhando a sua ausência.

TIA ALZIRA — Bom dia. Como vamos? Eu sabia que vocês tinham chegado, mas eu estava em casa do Zé Poveira. A mulher do filho dele andou passando mal e eu tive que ficar lá uma semana inteira. Eu quero é saber da Luizinha. Onde está a Luizinha?

JOSEFA — Luizinha está na praia.

TIA — Mas eu precisava tanto falar com a Luizinha. Você acha que ela vai demorar?

JOSEFA — Acho que sim, tia Alzira. Quando Luizinha vai à praia de livro em baixo do braço costuma demorar.

TIA — Ora, que massada. Eu tenho uma grande novidade para ela. Bem que tenho estado na janela do Zé Poveira p'ra ver se ela passa. Mas eu não fi a Luizinha passar.

JOSEFA — Hoje foi o primeiro dia que ela saiu. Desde que chegou, Luizinha ainda não tinha ido à praia.

TIA — Que pena eu não ter encontrado com ela no caminho. Eu tenho uma coisa p'ra contar a Luizinha.

JOSEFA — Diga para mim e eu contarei a ela.

TIA — Não. Eu sei a Luizinha como é. Não seja curiosa, ouviu? Eu quero é falar com ela mesmo. Sabe do que mais? Eu vou botar a preguiça de lado e vou procurar a nossa menina na praia. Eu não aguento mais. Eu vou contar a novidade para ela.

(Breves acordes musicais)

(Ambiente praia; rumor de vagas)

TIA ALZIRA (chamando) — Luizinha!... Luizinha!...

LUIZINHA (surpresa) — Oh, tia Alzira... a senhora por aqui? Dê-me um abraço. Estava com tantas saudades suas.

TIA — Quem estava com saudades era eu. Não vê que fiz um estirão só para falar com você?

LUIZINHA — Oh, tia Alzira. A senhora está tão cansada. Sente-se aqui neste montinho de areia. Por que não esperou? Logo mais eu ia à sua casa.

TIA — Mas eu estava aflita para falar com você, minha filha. Eu sabia que você saiu daqui muito triste, não foi? A Josefa me contou.

LUIZINHA — Foi sim, tia Alzira. Cada vez eu fico mais triste.

TIA — Pois olha: quando você estava no Rio ele esteve aqui.

LUIZINHA — Netuno esteve aqui?

TIA — Bem. Eu não falei com ele. Mas o Chico do Zé Poveira me disse que andou um moço aqui em S. Vicente indagando uma porção de coisas do pessoal da casa branca.

LUIZINHA — Mas seria ele mesmo, tia Alzira?

TIA ALZIRA — Quem podia ser minha filha? Eu acho que só podia ser ele, não é?

LUIZINHA — Vamos depressa, tia Alzira. Eu preciso falar com Chico. Oh, meu Deus! Teria sido mesmo o André?

CHICO — Até logo, dona Luízinha.

LUIZ — Não. Eu estou convencido de que basta um dia com uma noite no meio, você no seu apartamento e eu no meu, para que você morra de saudades minhas.

(Encerramento)

CAPÍTULO XXI

REGINA — (Entrando mais cedo, falando com o homem que estava na rua do Ouvidor porque Josefa não consentiu. E' grande o seu desespero, e ao mesmo tempo tem desconfianças de que Josefa não a deixou falar porque ela conhece a pessoa. Dado o insucesso, resolve voltar para a colônia dos pescadores de S. Vicente. Josefa fica muito preocupada com a tristeza de Luizinha, que se enclausurou em casa. Mas um dia Luizinha resolve dar um passeio, e na sua ausência Josefa recebe a visita de tia Alzira, que desejava falar muito com Luizinha. Conta a Josefa que enquanto estiveram no Rio Netuno apareceu na colônia; ela diz que não o viu mas que os pescadores poderão informar quem era essa pessoa. Luizinha, sabedora do sucedido, corre à colônia para saber se foi realmente André ou outra pessoa qualquer. Depois de muito indagar soube que não era André. Em S. Paulo Luiz acaba de chegar de uma viagem; vai procurar Regina e insiste em saber do seu passado. E o capítulo terminou quando Regina dizia a Luiz...

(Música)

REGINA — Obrigada, Luiz. Eu lhe agradeço de todo o coração esta alegria que você me dá neste momento. Palavras de carinho! Como eu estava sequiosa de ouvi-las! Ternura! Como eu vivia sôfrega de ti!

LUIZ (num grito) — Heloisa! Teria sido em outra vida? Onde será que eu já vi você?

REGINA — Acalme-se, meu amigo. Você está quase dando um escândalo. Fale baixo. Por favor.

LUIZ — Você teve agora uma expressão que me pareceu tão familiar. E a sua voz teve uma tal nuance... Eu tive a impressão de que estava descobrindo um segredo qualquer...

REGINA — E você adivinhou, Luiz. Eu tenho uma revelação para lhe fazer...

LUIZ — Ah, sim? Diga. Diga então, meu amor!...

REGINA — Luiz... eu... eu... E' que... eu... eu surpreendi uma conversa do Walter com o Levy no telefone...

LUIZ (decepcionado) — Ah, sim? Era esta a revelação que você ia me fazer?

REGINA — Mas o que é isto? Você não está mais interessado em recuperar aqueles papéis? Você não me pediu que vigiasse o Walter na sua ausência?

LUIZ — Pedi. E agradeço o seu interesse. Mas o que agora me parece mais urgente é conquistar você.

REGINA — Você está ficando insuportável. Vamos embora. Eu pensei que tivéssemos vindo almoçar fora do hotel justamente para tratar deste assunto longe do Walter.

LUIZ — E era preciso, mesmo. Ele não nos dá uma folga. E eu gosto tanto de estar sozinho com você...

REGINA — Afinal, você quer ou não quer ouvir o que eu tenho para lhe contar?

LUIZ — Conte, meu amor.

REGINA — Como você sabe, eu consegui a camaradagem da telefonista do hotel. De maneira que, há uns três dias passados, ela me fez ouvir toda a conversação do Walter com o Levy, que falava do Rio de Janeiro.

LUIZ — E que diziam eles?

REGINA — Eles diziam o seguinte...

(Passagem musical)

LEVY — Olhe. Eu ainda não voltei porque não encontrei a Suzete. Você me deu ordem de não voltar sem ela...

WALTER — Naturalmente. Não me apareça aqui sem a Suzete. Eu preciso muito dela para os meus planos. Além disso nós precisamos lhe botar a mão. Ela pode dar com a língua nos dentes.

LEVY — Mas que pretende você da Suzete?

WALTER — E' que o tal doutor anda meio caído por uma criatura que me parece esperta de mais. E talvez a Suzete pudesse lhe desviar a atenção. Talvez ele ficasse interessado por ela. Seria mais conveniente para nós, você compreende, não é?

LEVY — Compreendo. Mas é que eu não encontro a Suzete...

WALTER — Mais uma vez eu repito: não me apareça aqui sem ela. Eu faço questão da Suzete.

(Música)

REGINA — Trocaram mais algumas palavras e desligaram. Quem será essa Suzete? Eu não estou gostando nada da intervenção dessa mulher. Pode dificultar muito mais as coisas, você não acha? Olhe, Luiz: eu vou lhe dizer com toda franqueza. Se essa mulher aparecer eu vou me embora daqui.

LUIZ (risada) — Pobrezinha da Suzete. Tão boazinha que ela é.

REGINA — Ah, então você a conhece?

LUIZ — Conheço. E' uma francesinha que fugiu da companhia deles.

REGINA — E... é uma mulher bonita?

LUIZ — Que lhe interessa isto? Que tem a beleza dela com o assunto que estamos tratando? Você não está apenas interessada na questão dos documentos?

REGINA (perturbada) — Bem... é que... uma mulher bonita sempre perturba um pouco, não é? Pode ser um perigo para você, que precisa de serenidade para lutar com esses homens...

LUIZ — E também para você...

REGINA — Para mim! Não compreendo...

LUIZ — Você também precisa estar serena para me ajudar, e... o ciúme é uma paixão, às vezes, bem perturbadora...

REGINA — Não seja presumido. Mas de onde você conhece essa Suzete?

LUIZ — Suzete é minha aliada. Imagine você que ela esteve muitos anos na companhia do Levy. Quando conseguiu fugir me procurou, e foi ela que me pôs a par do objetivo destes bandidos. Foi ela quem os denunciou a mim. E é graças a ela que eu estou aqui na defensiva. Se não fossem as informações da Suzete, talvez a estas horas eu já estivesse definitivamente prejudicado no meu invento.

REGINA — Sim, agora compreendo.

LUIZ — E... está mais tranquila?

CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
ALIMENTA A PELE — CONTRA AS RUGAS
A VENDA EM TODA A PARTE

Senhoras!
Só a
Natureza Falha
MENAGOL
REGULA!

PARA
AS
MENINAS

Vestidinho em flanela verde, bordado com lã vermelha. A seguir, vestido de tafetá rosa com aplicações de veludo preto. O outro vestido é de lã verde; os pequenos babados em seda do mesmo tom. E o último em lãzinha côr de pérola, guarnecido com babadinhos plissados e bordado multicolor.



iencarelli

criou para a grande
parada anual
de elegância no
Sweepstake de 1945

modelos exclusivos de calçados

iencarelli

AV. ALMTE. BARROSO, 5



OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAMSE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

O PINCE-NEZ
OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS
R. CARIOCA N.º 28

Joaalheria

DE OURO
LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES

